



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA**

**ALBA MARIA SANTOS RIBEIRO**

**AÇÃO E ENGANO EM PLAUTO E GUILHERME FIGUEIREDO**

**CAMPINA GRANDE  
2016**

**ALBA MARIA SANTOS RIBEIRO**

**AÇÃO E ENGANO EM PLAUTO E GUILHERME FIGUEIREDO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Graduada em Letras - Licenciatura em Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual da Paraíba.

Orientador: Prof. Dr. Rinaldo José de Andrade Brandão.

**CAMPINA GRANDE  
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

R484a Ribeiro, Alba Maria Santos  
Ação e engano em Plauto e Guilherme Figueiredo  
[manuscrito] / Alba Maria Santos Ribeiro. - 2016.  
51 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.  
"Orientação: Prof. Dr. Rinaldo José de Andrade Brandão,  
Departamento de Letras e Artes".

1. Comédia. 2. Plauto. 3. Guilherme Figueiredo. 4. Estudo  
comparativo. I. Título.

21. ed. CDD 809

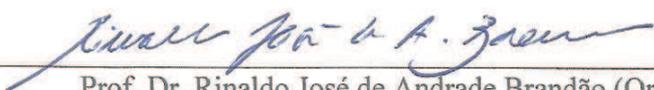
ALBA MARIA SANTOS RIBEIRO

AÇÃO E ENGANO EM PLAUTO E GUILHERME FIGUEIREDO

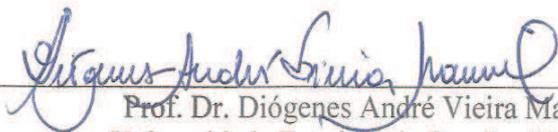
Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Graduada em Letras - Licenciatura em Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual da Paraíba.

Aprovado em: 05/05/2016.

BANCA EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Rinaldo José de Andrade Brandão (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) Nota: 10,0

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Ana Lúcia Maria de Sousa Neves  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) Nota: 9,5

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Diógenes André Vieira Maciel  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) Nota: 9,0

Média: 9,5

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu pai José Vicente, a minha mãe Maria José e ao meu tio José de Arimateia, por todo apoio.

As minhas irmãs Iara e Verônica, pela cumplicidade e pelos momentos de descontração que me proporcionaram.

A Fernando Oliveira, pelo companheirismo, incentivo e apoio, sobretudo, pela compreensão nos momentos em que precisei me ausentar para cumprir com as obrigações do curso.

Aos professores do Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa da UEPB, em especial, ao meu orientador Rinaldo Brandão, pela dedicação e presteza, pelas leituras sugeridas e disponibilização dos seus livros.

A Wilma Antunes, pelos momentos compartilhados, a amizade construída dentro e fora da sala de aula e parceria na maioria das atividades acadêmicas.

## RESUMO

O objetivo do presente trabalho é desenvolver um estudo comparativo com foco nas ações cômicas e nos enganos provenientes da comédia clássica *Anfitrião*, atribuída ao comediógrafo latino Plauto, e da moderna *Um deus dormiu lá em casa*, escrita pelo brasileiro Guilherme Figueiredo. Para tanto, faz-se necessário identificar, descrever e analisar as ações, divididas em ação principal e ações secundárias, assim como os enganos, as peripécias e reconhecimentos. Além disso, pretende-se apontar quais as possíveis funções que o riso dos leitores/espectadores assume em relação às ações praticadas pelas personagens. De acordo com os objetivos apresentados, a pesquisa pode ser definida como bibliográfica. Adota como principais bases teóricas a *Poética* de Aristóteles (1966), considerada a primeira e mais importante referência em termos de teoria do teatro, bem como em teoria literária. O trabalho também está fundamentado na obra “*O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*”, escrita no século XIX pelo filósofo francês Bergson (1997).

**Palavras-Chave:** Comédia. Plauto e Guilherme Figueiredo. Ação e engano.

## RESUMEN

El objetivo de este trabajo es desarrollar un estudio comparativo con un enfoque en las acciones y errores cómicos de la comedia clásica *Anfitrião*, atribuida al escritor latino Plauto, y la moderna *Um deus dormiu lá em casa*, escrita por el brasileño Guilherme Figueiredo. Por lo tanto, es necesario identificar, describir y analizar las acciones, divididas en acción primaria y acciones secundarias, así como los errores, las aventuras y reconocimientos. Además, se pretende señalar cuáles son las posibles funciones que la risa de los lectores/espectadores asume en relación con las acciones de los personajes. De acuerdo con los objetivos presentados, la investigación se puede definir como bibliográfica. Adopta como base teórica principal, la *Poética* de Aristóteles (1966), considerada la primera y más importante referencia en teoría de teatro, así como en la teoría literaria. El trabajo también se basa en el libro "O riso: ensaio sobre a significação da comicidade", escrito en el siglo XIX por el filósofo francés Bergson (1997).

Palabras clave : Comedia. Plauto y Guilherme Figueiredo. Acción y engaño.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	5
2	A AÇÃO CÔMICA .....	7
3	A PÍLULA DE JÚPITER: AÇÕES E ENGANOS NA COMÉDIA ANFITRIÃO, DE PLAUTO .....	13
4	A DESCONFIANÇA DE ANFITRIÃO NA COMÉDIA <i>UM DEUS DORMIU LÁ EM CASA</i> .....	25
5	“VOU ENCHÊ-LOS, A AMBOS, DE CONFUSÃO E DESATINO”: A COMPARAÇÃO ENTRE PLAUTO E GUILHERME FIGUEIREDO.....	42
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
	REFERÊNCIAS .....	50
	ANEXO A – ANFITRIÃO .....	52
	ANEXO B – UM DEUS DORMIU LÁ EM CASA .....	53

## 1 INTRODUÇÃO

O teatro impulsiona a especulação teórica dos mais variados campos de estudo, desde teólogos, filósofos, gramáticos, retóricos, poetas, sociólogos, cientistas políticos, antropólogos, psicólogos, linguistas etc. As observações a cerca do teatro se encontram geralmente relacionadas com outras artes, de acordo com o viés adotado por cada estudioso, o que lhe confere, por vezes, uma característica interdisciplinar.

A interdisciplinaridade também é encontrada nas teorias do riso no que concernem ao risível e ao cômico. Tais áreas de estudo estimulam diversos pensadores, desde Aristóteles, constituindo um desafio lançado à especulação filosófica. Devido a amplitude de definições e os diversos tratamentos que a comicidade recebeu ao longo dos anos, qualquer estudioso que tentar encerrá-la em uma fórmula corre o risco de ouvir-se dizer que não se deu conta de todos os fatos, como mostra Bergson (2007).

No teatro, o cômico pode ser obtido através de vários recursos, contudo alguns elementos dependem mais do espetáculo cênico e da atuação dos atores, podendo ser alterado sem grandes modificações na trama dos fatos, são eles os gestos, as caretas e as mudanças no tom das falas das personagens, por exemplo. Enquanto isso, outros elementos são passíveis de análises porque pertencem à comédia enquanto gênero dramático escrito, é o caso da ação, que depende diretamente da capacidade do escritor, sendo responsável por conduzir as personagens para um determinado fim. O próprio Aristóteles considera a ação um dos elementos mais importantes da imitação e afirma que não haveria tragédia sem ação. Embora não atribua essa característica igualmente à comédia, é possível estendê-la a ambas, pois também é impossível conceber uma comédia sem ação. No entanto, há um elemento próprio da ação cômica que a distingue da tragédia. Este elemento é o engano, que caracteriza a comédia e é responsável por provocar desentendimento e confusão entre as personagens. O engano, portanto, é um traço distintivo que não está presente na ação trágica.

Logo, este trabalho tem como objetivo geral desenvolver um estudo comparativo com foco nas ações cômicas e nos enganos da comédia clássica *Anfitrião*, de Plauto e da moderna *Um deus dormiu lá em casa*, do brasileiro Guilherme Figueiredo. Para tanto, faz-se necessário identificar, descrever e analisar as ações cômicas, divididas em ação principal e secundárias, bem como os enganos, as peripécias e reconhecimentos. Além disso, pretende-se apontar

quais as possíveis funções que o riso dos leitores/espectadores assume em relação às ações praticadas pelas personagens. Este trabalho não tem a finalidade de interpretar toda a comicidade presente nas comédias analisadas, mas somente investigar seu alcance no que diz respeito às ações cômicas e aos enganos.

Considerando os objetivos apresentados, nossa pesquisa pode ser definida como bibliográfica, tomando como principais bases teóricas a *Poética* de Aristóteles (1966), considerada a primeira obra e mais significativa em termos de teoria do teatro, assim como em teoria literária. Embora o foco da *Poética* seja a tragédia, Aristóteles também desenvolveu, por meio de comparações com a tragédia, importantes conceitos referentes à comédia que influenciaram a teoria contemporânea. Além disso, o trabalho também está fundamentado nos estudos desenvolvidos no século XIX por Bergson (1997), através da obra “*O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*”.

No que diz respeito a organização deste trabalho, o primeiro capítulo retoma os principais conceitos sobre a comédia e a ação cômica consolidados desde a antiguidade por meio da *Poética* (1966) de Aristóteles. Além disso, ocupa-se com algumas concepções desenvolvidas por Bergson (2007) referentes à comicidade, as quais são aplicadas ao teatro. O segundo capítulo pretende identificar, descrever e analisar as ações da comédia *Anfitrião*, de Plauto, bem como os enganos ocasionados. Esta mesma análise é desenvolvida no capítulo seguinte, porém com a peça *Um deus dormiu lá em casa*, de Guilherme Figueiredo. O quarto capítulo estabelece as principais diferenças e semelhanças entre a peça clássica e a moderna com foco nas ações cômicas e nos enganos.

## 2 A AÇÃO CÔMICA

Em termos de teoria do teatro, a *Poética* de Aristóteles é considerada a primeira obra e a mais significativa, pois ainda hoje seus conceitos e definições influenciam a teoria contemporânea. Segundo comenta Eudoro de Sousa (1966), na Introdução da *Poética*, originalmente, a *Arte Poética* compreendia dois livros. Tanto a *Poética*, considerado o primeiro, quanto outros tratados de Aristóteles fazem menção a um segundo livro. “No capítulo VI (1449b, 21), ‘da imitação em hexâmetros e da comédia, trataremos depois...’. “Na *Retórica*, em dois lugares (I II, 1372 a 1, III 18, 1419 b 5), referindo-se ao ‘ridículo’, de que tratara na *Poética*.” Porém, o segundo livro da *Poética* se perdeu, não se conhece o real motivo para tal desaparecimento, existem apenas suposições, hipóteses que justificam o ocorrido. Portanto, no primeiro livro da *Poética*, a comédia é definida a partir de analogias com a tragédia, isto é “posto o ridículo em lugar do austero, e o prazer e o riso em lugar do terror e da piedade [...]”, como aponta Eudoro de Sousa na Introdução da *Poética* (1966, p.19).

Assim como a tragédia, a comédia é a imitação de uma ação, completa e de certa extensão que se efetua não por narrativa, mas mediante atores (ARISTÓTELES, 1996, p.74, 1450a, 27). A tragédia imita homens superiores a nós e de elevada índole; enquanto a comédia, homens considerados inferiores. Aristóteles distingue os homens pelo vício ou pela virtude (ARISTÓTELES, 1996, p.70, 1448a, 7), ou seja o herói trágico tem suas ações motivadas e delineadas por uma força maior, que está acima de seu controle. O que o torna, muitas vezes, vítima de um destino irrevogável:

A tragédia deve imitar casos em que o homem não se distingue pela virtude e pela justiça, se cai no infortúnio, tal acontece não por malvadez, mas por erro de alguma personagem e esse homem deve ser daqueles que gozam de grande reputação e fortuna. (ARISTÓTELES, 1966, p.82, 1453a, 70)

Portanto, o infortúnio do personagem trágico é causado por um erro chamado *hamartia*, também chamada de “erro de cálculo” ou “falha trágica.” (CARLSON, 1997, p. 17). Em contrapartida, a personagem cômica imita ações burlescas e, por meio, delas mostram seus defeitos de caráter e seus vícios, por isso o típico herói cômico é o fanfarrão, o ciumento, o impostor, o avaro, por exemplo. Em decorrência desse fato, muitas comédias têm como título substantivos comuns que remetem às características das personagens. Além disso, o

nome dessas personagens são motivados, representam suas características ou defeitos, ao contrário da tragédia. Bergson (2007, p.110) determina: “A personagem cômica é um tipo”. Ou seja, a personagem cômica é definida por algum defeito ou vício que se sobressai, o que representa um comportamento padronizado.

A concepção de Bergson remonta ao pensamento de Aristóteles com relação ao caráter geral da comédia, embora ele não o cite em seu ensaio sobre o riso, de acordo com Alberti (2002). A comédia é uma arte que se refere ao universal, característica que a distingue da tragédia que trata do particular. De acordo com a autora, há uma segunda questão do trabalho de Bergson que remete a *Poética*, o primeiro afirma que o riso é incompatível à emoção. Para que uma personagem nos suscite riso é necessário que não estejamos envolvidos emocionalmente com ela, suas ações, gestos ou palavras não podem nos comover. Essa é uma das condições que provoca o riso, a insensibilidade do leitor/espectador. A concepção faz juízo a de Aristóteles que diz:

A comédia é, como dissemos, imitação de homens inferiores; não, todavia, quanto a toda a espécie de vícios, mas só quanto àquela parte do torpe que é o ridículo. O ridículo é apenas certo defeito, torpeza anódina e inocente; que bem o demonstra, por exemplo, a máscara cômica, que, sendo feia e disforme, não tem [expressão de] dor. (ARISTÓTELES, 1996, p.73, 1449b, 22)

De acordo com essa asserção, a comédia imita ações que não suscitam terror nem piedade, as ações imitadas são inofensivas, insignificantes, e tais características se contrastam com a ação perniciosa e dolorosa da catástrofe trágica. Vale salientar que essa segunda questão inferida por Bergson também remonta às noções desenvolvidas por Aristóteles, embora o filósofo francês não faça referência à *Poética* em seu texto, como mostra Alberti (2002).

Ainda no tocante às ações, de acordo com o que comenta Eudoro de Sousa acerca da *Poética*, as personagens imitam ações dotadas de certas características morais, ou seja, de acordo com seu caráter. Porém, o caráter está subordinado às ações, e estas, assim como o mito<sup>1</sup>, são considerados os elementos mais importantes. Pois as qualidades que os homens possuem dizem respeito ao caráter, mas o que irá determinar se serão bem ou mal-aventurados são suas ações praticadas (1450a, 30 e 1450b, 32). Carlson (1997, p.17-18) também faz algumas considerações a respeito desses elementos com base na *Poética*, ele afirma que “se

---

<sup>1</sup> Segundo Aristóteles, o mito (mithos) é “a alma da tragédia, é o princípio e só depois vêm os caracteres” (1450b, 35). Na *Poética* o mito é conceituado como a intriga ou trama dos fatos. Ele afirma que o “mito é imitação de ações; e por ‘mito’, entendo a composição dos atos” (1450a, 30).

uma falha ou ação depende de escolha revelará caráter. Será bom o caráter se for boa a escolha.” Segundo ele, o que determina a nobreza do personagem não é o fator social ou político, mas sim sua moralidade, a qual depende de escolha.

Visto que a ação é o elemento mais importante, devemos dividi-la em ação principal e ações secundárias. A primeira é responsável por conduzir, motivar ou provocar outros acontecimentos, enquanto as ações secundárias ocorrem em consonância com a ação principal de modo que as ações se entrecruzem, mas não desviem da ação principal formando um todo uno e coerente.

Por conseguinte, tal como é necessário que nas demais artes miméticas uma seja a imitação, quando o seja de um objeto uno, assim também o mito porque é a imitação de ações deve imitar as que sejam unas e completas e todos os acontecimentos se devem suceder em conexão tal que uma vez suprimindo ou deslocando um deles, também se confunda ou mude a ordem do todo. (ARISTÓTELES, 1966, p.78, 1451b, 49)

Aristóteles ainda acrescenta que a ação una e coerente é considerada ‘simples’, quando existe uma mudança de fortuna sem peripécia e reconhecimento e, quando esses dois elementos estão presentes separadamente ou conjuntamente na ação, ela passa a ser considerada ‘complexa’ (1452a, 58). “A peripécia e o reconhecimento são elementos que fazem parte do mito e são responsáveis por mover os ânimos” (ARISTÓTELES, 1996, p.75,1450b, 34). Esse efeito é produzido porque na peripécia temos a mutação dos sucessos (1452b, 60), ou seja, no decorrer da ação um fato contraria as expectativas e os acontecimentos, levando os personagens a novos rumos. Quanto ao reconhecimento, “é a passagem do ignorar ao conhecer que se faz para amizade ou inimizade das personagens que estão destinadas para a dita ou para a desdita”. (ARISTÓTELES, 1996, p.80, 1452b, 61). Diferentemente da tragédia, na qual o reconhecimento destina os personagens para a desdita e a trama dos fatos culmina na catástrofe, na comédia nota-se o inverso, o reconhecimento aparece como apaziguador dos ânimos e, com ele, a confusão é encerrada.

A partir do que foi dito, percebe-se que um elemento presente na comédia é a confusão que é provocada por sucessivos enganos, equívocos e mal entendidos. O engano ocorre quando as personagens agem seguindo uma falsa lógica, uma ideia equivocada que defendem por desconhecer a realidade. Este elemento é próprio da ação cômica, não identificado na ação trágica, de acordo com categorias aristotélicas. Portanto, o engano constitui um traço distintivo, que caracteriza e distingue a ação cômica da trágica. “Os motivos de riso são então

catalogados; alguns derivam da língua e outros do conteúdo da peça” (CARLSON, 1997, p. 22). Bergson (1997) trata do engano através de dois elementos próprios da comédia: a Interferência de séries e a Interferência de dois sistemas de ideias na mesma frase. No primeiro, o risível se encontra em uma situação provocada pela interferência de duas séries de acontecimentos independentes que podem ser interpretadas ao mesmo tempo em dois sentidos diferentes, ou seja, duas situações independentes interferem uma na outra e geram uma dupla interpretação. Essa situação cômica é conhecida como quiproquó e gera gargalhadas, sobretudo pela confusão ocasionada.

Percebemos o sentido real da situação porque alguém teve o cuidado de nos mostrar todas as suas faces; mas cada ator só conhece uma delas: donde o mal entendido, donde o julgamento falso que tem daquilo que é feito em torno deles, assim como daquilo que eles mesmos fazem (BERGSON, 1997, p.72).

Logo o motivo do riso reside na situação provocada pela interferência de duas séries independentes. Enquanto que na Interferência de dois sistemas de ideias na mesma frase o motivo do riso está na linguagem, pois ao contrário da situação, a interferência agora ocorre entre duas palavras, que interferem uma na outra e mesmo invertidas adquirem outro sentido diferente. Um elemento responsável por gerar esse efeito é o trocadilho. Ocorre quando duas palavras diferentes produzem frases distintas que confundimos, ou por elas terem sons parecidos ou propositalmente quando simplesmente fingimos confundir para atingir um determinado fim. Além disso, também é possível obter efeito cômico quando fingimos entender uma expressão no sentido próprio quando ela é empregada no sentido figurado, pois criamos uma imagem confusa de uma cena cômica e completamente diferente do que realmente foi enunciado. Bergson (1997, p. 82) afirma: “Isso equivale a dizer que a comicidade da linguagem deve corresponder, tintim por tintim, à comicidade das ações e das situações, e que, se nos for permitido exprimirmos assim, ela não passa de sua projeção no plano das palavras”.

Outro elemento que Bergson (1997) coloca como próprio da comédia é a repetição que pode ser de palavra, frase ou de situação, vivida pelo mesmo personagem ou por personagens diferentes. No que se refere à repetição, segundo ele “a vida bem vivida não deveria repetir-se. Quando há repetição, similitude completa, suspeitamos do mecanismo a funcionar por trás do que está vivo”. (BERGSON, 1997 p. 25) O que é mecânico contrasta com a vida que é mutável. Tanto a sociedade quanto a vida exigem de nós flexibilidade do corpo e do espírito,

além de atenção para nos adaptarmos às situações que elas nos colocam. E quando isso não acontece, seja por distração ou uma rigidez mecânica das nossas ações, somos reprimidos e o riso é responsável por corrigir as excentricidades. “Rimos sempre que uma pessoa nos dá a impressão de coisa” (BERGSON, 1997, p. 43).

O riso assume a função repressora em Bergson (1997), tornando uma espécie de gesto social que ridiculariza. No entanto, a virtude também pode ser alvo de riso quando se apresenta de maneira inflexível e não anda em dia com a sociedade, ou seja, quando a personagem não se adapta a ela e segue obstinada em seu caminho sem se preocupar em entrar em contato com os outros. D’Angeli e Paduano (2007) vão além e afirmam que tanto a razão quanto a moral podem ser alvo do cômico. “Mesmo um sistema social não corrompido ou perverso pode ser o objeto de agressão cômica. Em tal caso, ele o será exclusivamente por sua natureza de sistema, de ordem normativa que atrapalha os desejos humanos.” (D’ANGELI e PADUANO, 2007, p.17)

Logo, o riso também ataca a moral e a virtude, assim, assume um caráter subversivo, transgressor e “dessacralizador da virtude”. Bergson (1997, p.50) também afirma que “a comédia é uma brincadeira que imita a vida.” E em alguns jogos de criança, encontra-se uma mecânica que também está presente na comédia. Um exemplo é a caixa de surpresas que faz saltar um boneco de mola. A tampa funciona como um obstáculo que suprime e retém o boneco dentro da caixa. Assim como a caixa de surpresas, “numa repetição cômica de palavras há geralmente dois termos presentes: Um sentimento comprimido que se estira como uma mola e uma ideia que se diverte a comprimir de novo o sentimento.” (BERGSON, 1997, p. 54) Outro jogo mecânico explorado na comédia está presente no fantoche, nele os personagens acreditam agir e falar livremente, porém na realidade desconhecem o fato de serem manipulados e de se tornarem objeto de divertimento de outra pessoa.

Bergson (2007) também atribui efeito cômico ao disfarce ou à fantasia, pois o homem, a sociedade e até a natureza, quando disfarçados, sugerem a ideia de arremedo mecânico e de uma grande “mascarada”. Para ele, a comicidade está em estado latente quando a incompatibilidade natural for tão profunda entre o que envolve e o que é envolvido, uma aproximação entre eles não conseguiria consolidar-se. Quando o que se pretende com o disfarce não obtém o resultado esperado e cai no ridículo, tem-se o efeito cômico.

Os gestos também são motivos de riso quando retêm nossa atenção, embora a ação que esteja em curso seja séria. Desta maneira uma tragédia pode se transformar em comédia. Os gestos escapam de maneira automática e diferem da ação porque esta última é consciente,

como assegura Bergson (1997). O risível, portanto, se infiltra nas ações, palavras, gestos, atitudes e situações e rimos para humilhar ou corrigir ações e excentricidades de outrem. O riso é um gesto social destinado a pessoas ou grupos e ao rir não nos comovemos com o objeto do riso. Ele é inofensivo e alivia tensões, mas também pode condenar, reprimir ações transgressoras e também assumir um papel subversivo. Logo, de acordo com o que foi exposto aqui, nota-se que a comédia e seus elementos receberam diferentes tratamentos ao longo dos anos, desde a antiguidade. Alguns estudiosos entram em consenso com outros em alguns pontos ou recriam uma abordagem completamente diferente, desconsiderando estudos anteriores, muitas vezes refutam outras teorias existentes. Destacam-se para os objetivos deste trabalho, apenas algumas considerações pertinentes à análise do corpus, não compreendendo a totalidade de teorias desenvolvidas acerca da comédia.

### 3 A PÍLULA<sup>2</sup> DE JÚPITER: AÇÕES E ENGANOS NA COMÉDIA ANFITRIÃO, DE PLAUTO

Os primeiros textos dramáticos latinos evoluíram de traduções e adaptações de textos gregos e só começaram a serem escritos na segunda metade do século III a.C. Nessa época, grande parte das comédias e tragédias escritas se perderam e as que restaram constituem apenas alguns fragmentos. As primeiras peças que sobreviveram e que chegaram a nós com poucos problemas de integridade são as comédias de Plauto, vinte e uma peças com poucas lacunas (CARDOSO, 2008).

Plauto, em latim Titus Maccius Plautus, viveu aproximadamente entre 254 e 184 a.C em Sársina, Úmbria, Itália. Ele é considerado o principal comediógrafo latino e suas peças são situadas no período republicano romano, de acordo com Pereira (2002), e fazem parte da tradição da Comédia Nova<sup>3</sup>, desenvolvida entre 336 e 250 a.C, no período em que Atenas se encontrava sob o domínio macedônico. As peças começaram a explorar temas familiares, as vicissitudes do destino e a escravidão. Embora Plauto tenha escrito comédias gregas – as *fabulae palliatae*, ou seja, as personagens têm nomes gregos, usam o *pallium*, vestimenta grega e o assunto se passa em cidades gregas – ele as tratou de maneira original: “Plauto se valeu de um estilo exuberante, popular, em que o cômico é trabalhado em todos os níveis, provocando gargalhadas” (CARDOSO, 2008, p.17).

De todas suas comédias, *Anfitrião* é considerada a mais imitada e apreciada até hoje. É constituída por vários enganos motivados por dois pares de sócias. Tais enganos são provocados por Júpiter, que apaixonado por Alcmena transfigura-se no marido dela,

---

<sup>2</sup> A expressão “dourar a pílula” se originou a partir de uma prática das farmácias antigas, a qual consistia em embrulhar as pílulas amargas em papel dourado para melhorar o aspecto do remédio. Esta prática tornou-se uma metáfora e logo a expressão recebeu aplicação literária, podendo ser encontrada na peça *Anfitrião* de Molière (1622-1673). Na última cena do terceiro ato, Sócia diz: "o senhor Júpiter sabe dourar a pílula". A fala do escravo revela todo o cinismo de Júpiter que, para alcançar seus objetivos, se utiliza de variados subterfúgios para persuadir e ludibriar os outros personagens. A expressão é ainda hoje usada como sinônimo de mascarar a verdade ou dizer algo doloroso, de maneira mais sutil.

<sup>3</sup> Anterior à Comédia Nova, ainda existiu a Comédia Antiga e, posteriormente, a Comédia Média. A Comédia Antiga prosperou entre 486 e 404 a.C tendo como principal representante, Aristófanes. Caracterizava-se por satirizar temas considerados sérios, sobretudo de carácter político. Havia a presença de danças e cantos corais, o agon, ou debate, e a parábase, discurso endereçado ao público. A Comédia Antiga foi substituída pela Comédia Média no período que compreende 404 a 336 a.C. As peças passaram a explorar assuntos fantásticos que evoluíram para os de carácter mitológico. O coro deixou de ser um elemento sempre presente e a parábase aos poucos desapareceu.

Anfitrião, enquanto este se encontrava em guerra contra os Teléboas. A fim de ajudá-lo no ardil, convence seu filho Mercúrio a assumir a forma de Sósia, escravo de Anfitrião. Juntos, Júpiter e Mercúrio envolvem os demais personagens em uma série de encontros e desencontros cênicos. Estes fatos constituem o argumento ou tema da peça. Vale salientar que esta comédia de Plauto apresenta um viés mitológico, pois como consequência da incontinência sexual de Júpiter nasce Hércules, fruto de seu relacionamento extraconjugal com Alcmena.

*Anfitrião* influenciou renomados escritores, tais como o português Camões em *Enfatriões*. As adaptações teriam sido tantas que o francês Jean Giradoux intitulou sua peça de *Amphitryon 38* que data do ano de 1929, pois acreditava que existiam 37 versões anteriores à sua. Molière também escreveu a comédia *Amphitryon* em 1668, em sua peça, durante um banquete oferecido por Zeus, Sósia exclamou: “O verdadeiro Anfitrião é aquele em casa de quem se janta.” Dessa forma, o substantivo próprio “anfitrião” se tornou sinônimo de dono da casa, aquele que recebe bem seus convidados. Além dessa ideia, a comédia *Anfitrião* originou a definição de sósia ser alguém de feições similares com outrem.

Dentre os elementos que constituem a comédia, selecionamos a ação, como dito anteriormente, por esta ser considerada o elemento mais importante, responsável por conduzir os personagens para determinado fim. Passaremos agora para a identificação e análise das ações cômicas – dividida em ação principal e ações secundárias – com seus enganos, bem como peripécias e reconhecimentos.

**AÇÃO PRINCIPAL:** Júpiter apaixona-se por Alcmena e transfigura-se no marido dela, Anfitrião, que estava em guerra contra os Teléboas. Com o objetivo de desfrutá-la, convence Mercúrio, seu filho, a assumir a aparência do escravo de Anfitrião, Sósia, que também estava ausente em decorrência da guerra. Nota-se que a ação principal é motivada por um desejo sexual a ser satisfeito, por uma incontinência que não possui motivações nobres, ou seja, não está acima de seu domínio. Sua atitude demonstra um defeito de caráter porque dependeu de escolha. Júpiter não irá apenas desfrutar o seu objeto de desejo, mas irá envolver os demais personagens em uma série de enganos e desentendimentos.

Assim, Aristóteles distingue os homens pelo vício ou pela virtude (1448a, 7), Júpiter tem suas ações delineadas pelo vício, fato que o torna burlesco, embora faça parte de uma classe considerada elevada. Sua condição de deus não garantiu nobreza em suas ações nem revelou virtude de caráter. Júpiter e seu filho Mercúrio geralmente seriam representados em

ações nobres como personagens de tragédias, mas na comédia *Anfitrião* eles são representados agindo de maneira ridícula e se divertem com as situações criadas. Os deuses não se importam com a dimensão que suas ações podem tomar, visto que têm a consciência de quem são e de seus poderes, sabem que a intriga será desfeita logo que Júpiter assim decidir. Como demonstra Mercúrio na Cena II:

MERCÚRIO: [...] Vou enchê-los, a ambos, de confusão e desatino, e, também, a todos os da casa, até que meu pai se farte da amada: só então, pois, é que todos eles hão-de saber o que se passou. [...] (PLAUTO, 2006. p.84, vv. 469-475).

PERIPÉCIA: Este elemento representa uma reviravolta dos fatos e segundo Aristóteles é responsável por mover os ânimos e a ação. Na peça, a peripécia ocorre quando a guerra contra os Teléboas tem seu término, encerrada com a vitória das tropas de Anfitrião. Esse fato possibilita que eles retornem para casa, contrariando as expectativas de Júpiter, que inclusive teria prolongado a noite com o objetivo de aproveitá-la ao lado de Alcmena. O ocorrido obriga Júpiter e Mercúrio a enganar Sósia, Anfitrião e Alcmena com o objetivo de não serem desmascarados.

AÇÃO SECUNDÁRIA 1 (A.S. 1): Sósia se dirige à casa de Anfitrião incumbido de dar as boas novas a Alcmena, contar-lhe sobre o término da guerra. Durante o percurso, ele lamenta sua condição de escravo que deve se submeter às mais diversas situações a mando de seus senhores, inclusive se expor a perigos ao sair tão tarde da noite para dar um recado que poderia esperar o dia seguinte, criticando a ordem de Anfitrião. Ao chegar às imediações da casa, ele começa a ensaiar o que dirá a Alcmena e assim confessa o que fazia enquanto as tropas combatiam, se “punha a cavar”, mas que irá fingir ter assistido a tudo e que contará aquilo que ouviu falar. No entanto, Sósia continua seu monólogo sem se dar conta que Mercúrio o escuta e está de guarda na porta da casa de Anfitrião para evitar que atrapalhem a noite de amor de Júpiter com Alcmena. Mercúrio percebe que Sósia é medroso e se aproveita dessa fraqueza para se divertir.

ENGANO 1: Ao se dar conta da presença de um homem, Sósia se convence que irá apanhar e Mercúrio usa isso a seu favor, reforça essa ideia dizendo que havia derrubado a socos quatro homens no dia anterior, fato que assusta ainda mais Sósia. Vale salientar que, de início, as frases proferidas por Mercúrio e Sósia são “à parte”, ou seja, não são ditas um ao

outro diretamente, mas ao público, que se torna cúmplice ou confidente dos personagens. Este recurso também tem função cômica.

MERCÚRIO (*à parte*): E se eu pusesse a dormir o nosso homem com umas festinhas na fronha?!

SÓSIA: (*à parte*): Seria a minha salvação: há já três noites seguidas que não durmo.

(PLAUTO, 2006, p.68, vv. 313-314).

Nesse diálogo, há uma interferência de dois sistemas de ideias na mesma frase. Sósia interpreta de maneira equivocada a frase de Mercúrio, aproveita o sentido ambíguo que a palavra “dormir” apresenta. A comicidade, portanto, reside nas cenas cômicas que a mente do leitor/espectador cria ao interpretar as imagens em um sentido diferente daquele que lhe foi dado. A ação em curso é tensa e a intenção de Mercúrio é intimidar Sósia, fazê-lo perder os sentidos depois de uma série de socos e não proporcionar um momento de descanso como Sósia desejaria. Fica claro que a intenção de Mercúrio é agredir fisicamente Sósia e este sabe disso, porém sua interpretação é cômica porque quebra a tensão da cena e revela o seu desejo que é escapar de tudo ileso.

Assim como no exemplo anterior, o confronto entre Mercúrio e Sósia se estabelece nesse estilo, os sentidos atribuídos pelo locutor (Mercúrio) não são compreendidos da mesma forma pelo interlocutor (Sósia) que atribui um sentido diferente ao que escuta. A interferência de dois sistemas de ideias na mesma frase confere comicidade a ação entre as personagens. Logo, o mal-entendido é criado pela linguagem, porém a palavra ou frase não teria força cômica independente, porque o risível não está nas palavras ou frases isoladas, mas na situação criada. Portanto, a frase ou a palavra só se desdobra em cena cômica quando materializamos a ideia criada pelos chistes de Sósias, o que provoca o efeito risível desviando por alguns instantes a atenção da agressão física e os xingamentos sofridos pelo escravo. Logo, o riso aqui acaba assumindo a função de aliviar as tensões.

No momento em que Mercúrio assume a identidade de Sósia, deixa este último completamente confuso, pois ele tem consciência de quem é, para quem trabalha e com que objetivo está ali. No entanto, o filho de Júpiter se utiliza da força bruta para fazê-lo renunciar sua identidade e consegue fazer com que Sósia ceda, embora contrariado.

MERCÚRIO: E ainda não dizes tudo: espera e já vais ver! A quem pertences tu agora?

SÓSIA: A ti, pois que à força de punhadas me fizeste teu. Ó da guarda, cidadãos de Tebas!

MERCÚRIO: Ainda te atreves a gritar, meu patife? Fala: Porque é que vieste?

SÓSIA: Para haver alguém que tu pudesses rachar a soco.

MERCÚRIO: Quem é teu amo?

SÓSIA: Já te disse: sou o Sósia de Anfitrião.

MERCÚRIO: Ah Sim?! Então, por seres mentiroso, ainda vais apanhar mais. (*bate-lhe*) Sósia sou eu, não tu!

SÓSIA: Quem me dera que assim fosse! Seria eu antes a chegar-te!

MERCÚRIO: Ainda resmungas?

SÓSIA: Já me calo.

MERCÚRIO: Quem é o teu patrão?

SÓSIA: Quem tu quiseres.

MERCÚRIO: E então qual é o teu nome agora?

SÓSIA: Nenhum, salvo ordens tuas.

MERCÚRIO: Dizias tu que era o Sósia de Anfitrião.

SÓSIA: Enganei-me: o que eu queria dizer é que era o *sócio* de Anfitrião.

MERCÚRIO: Eu bem sabia que, cá em casa não havia outro escravo Sósia, além de mim. Tu perdeste o juízo!

(PLAUTO, 2006, p. 77-78, vv. 375-385).

A obstinação de Sósia em defender sua identidade é cessada por uma força que o reprime. Tal mecânica remete àquilo que Bergson (1997) chama de efeito de mola presente na caixa de surpresas. Este efeito é garantido pelas tentativas frustradas de Sósia em defender sua identidade que logo são reprimidas pelos socos de Mercúrio. A agressão é o meio de deter as investidas de Sósia, que não encontrando outra saída, decide negar ser Sósia de Anfitrião e assume ser o “sócio de Anfitrião”. Deste modo, faz um trocadilho aproveitando que os sons das palavras “Sósia” e “sócio” são parecidos. Embora a versão utilizada para a análise seja uma tradução, é possível constatar o trocadilho ao consultar o texto original. Sósia diz para Mercúrio “Peccaveram, nam **Amphitruonis socium** ne me esse volui dicere.” (PLAUTE, 2003, p. 30, grifo nosso). O substantivo “socius” significa companheiro, associado, sócio.

Mais adiante, Sósia é tomado por uma súbita coragem que o faz argumentar que ele é quem afirma ser, mesmo depois de ter sofrido agressões e ainda estar sob ameaça constante de

novos socos. Para vencer a discussão, ele questiona Mercúrio sobre o que esteve fazendo sozinho enquanto as tropas combatiam. Sósia desconhece que está lidando com um deus e acredita que esse questionamento é impossível responder, visto que estava sozinho e ninguém mais o viu no momento referido. Para sua surpresa, Mercúrio fala exatamente o que aconteceu, isto deixa o escravo de Anfitrião ainda mais confuso. O próprio Sósia chega a duvidar da sua identidade e passa a identificar suas aparências físicas em Mercúrio transfigurado. Vencido, decide ir ao encontro de seu amo e contar-lhe o que havia ocorrido. Logo, Sósia funciona, nesta primeira ação como um fantoche nas mãos do filho de Júpiter, esta mecânica também é tratada por Bergson (1997) como própria da ação cômica. Nela, os personagens pensam estar agindo de maneira independente e desconhecem que estão sendo manipulados.

A.S. 2: Júpiter, sob aparência de Anfitrião, se despede de Alcmena, que bastante contrariada se lamenta por seu marido ter que partir novamente. Porém, ele alega que retornará logo e só partirá porque saiu escondido do local onde as tropas dormiam, pois não quer que pensem que ele colocou a mulher como prioridade a frente de seus deveres com o Estado.

ENGANO 2: Antes de partir, Júpiter presenteia Alcmena com a taça do rei Ptérelas, esse foi o prêmio que o verdadeiro Anfitrião recebeu pela vitória e que pretendia dar a sua esposa. A comicidade é provocada pela presença de Mercúrio em cena que ironiza o comportamento e as palavras amorosas de seu pai para com Alcmena. Entretanto, ela permanece alheia aos acontecimentos porque a maioria dessas ironias de Mercúrio é dita “à parte”. O leitor ou espectador da peça ri porque tem conhecimento da cena completa, além disso, percebe que as palavras ternas e chorosas de Alcmena estão sendo dirigidas à pessoa errada.

JÚPITER: Não te basta que eu não goste tanto de nenhuma outra como de ti?

MERCÚRIO (*à parte e apontando para o céu*): Ah, que se a outra lá de cima soubesse que andavas ocupado em tais andanças, aposto que, em vez de Júpiter, preferias ser Anfitrião de facto!

ALCMENA: Desse amor antes queria provas reais, e não simples palavras. Vai-te embora, antes de teres aquecido sequer o lugar da cama onde te deitaste. Ontem, chegaste a meio da noite, e agora já te vais! Bonito isto?!

(PLAUTO, 2006, p.86, vv. 509-514).

A.S.3: A primeira cena do segundo Ato se desenvolve sem a presença dos manipuladores, Júpiter e Mercúrio. A ação ocorre entre Anfitrião e Sósia que discutem porque este último tenta convencer seu patrão do que aconteceu, porém Anfitrião não consegue acreditar e acha que está sendo vítima de uma brincadeira. A confusão ocasionada é consequência do primeiro engano do qual Sósia foi vítima. Ele acredita que foi duplicado e agora consegue estar em dois locais ao mesmo tempo, fato inconcebível para Anfitrião.

A.S.4: Os verdadeiros Anfitrião e Sósia retornam para casa e encontram Alcmena que já havia sido vítima da farsa.

ENGANO 3: Ao ver Anfitrião, Alcmena acredita que era o mesmo que esteve há pouco com ela, porém estranha o fato dele ter retornado tão depressa. Anfitrião não compreende o porquê de sua esposa não o ter recebido com a alegria de uma mulher que recebe o marido ao retornar de uma guerra. Ambos não se entendem, para ela, seu marido dormiu em casa na noite anterior, mas ele alega que dormiu com as tropas aguardando o dia para voltar ao lar. E assim ambos seguem convictos na defesa dos acontecimentos que vivenciaram.

A comicidade desta cena está no choque de dois juízos que se contradizem, forjados por ações de Júpiter com o auxílio de Mercúrio. A tensão não provoca dor nem piedade nos leitores/espectadores, pois, sabe-se que esta confusão pode se desfazer a qualquer momento. É possível associar a cena como uma espécie de “pegadinha” articulada por Júpiter, na qual as vítimas caíram tão bem que agora se encontram no ápice da confusão. A tensão é momentânea e terá seu fim no momento que a pessoa que está por trás do estratagema resolver interferir com a verdade. Quem assiste torce para que tudo se resolva e que com o reconhecimento tudo termine bem, porque é isso que se espera de uma comédia, que represente ações anódinas .

No desenrolar da ação, Anfitrião tenta procurar uma explicação lógica para os acontecimentos e formula que alguém teria se aproveitado da sua ausência para seduzir Alcmena. No entanto, não acredita na inocência de sua mulher e chega a acusá-la de estar possessa, fato que Sósia reforça. Um dado interessante é que Sósia, mesmo tendo passado por uma situação parecida a de Alcmena, não a defende nem a apoia. O escravo de Anfitrião a acusa de infidelidade e loucura como faz seu patrão e suas intervenções na ação entre seus senhores é marcada por ditos espirituosos e maldosos.

SÓSIA: Ouve cá: e porque é que não a mandas esconjurar como possessa?

ANFITRIÃO: É o que tenho mesmo de fazer, não há dúvida: palavra que ela está cheia de espíritos malignos!

(PLAUTO, 2006, p. 110. vv. 776-777)

Anfitrião interroga a mulher que se sente ultrajada. Ele apenas exerce o direito de marido que teme uma possível traição que venha abalar ou pôr fim a sua relação conjugal. Ela defende sua honradez de mulher casada e segue convicta que manteve relações sexuais com seu próprio marido.

A.S. 5: Como forma de comprovar sua versão, Alcmena manda a criada Téssala buscar a taça que recebeu das mãos do suposto marido. O verdadeiro Anfitrião, contrariado, manda Sósia abrir o estojo com a taça que ele planejava presentear Alcmena e acabam descobrindo que está vazio. Depois desse fato, Sósia, em meio a todo mal-entendido, consegue fazer juízo dos acontecimentos e organiza uma ideia mais próxima da realidade:

SÓSIA: Não sei que dizer desta embrulhada; a menos que haja, talvez, um outro Anfitrião que, na tua ausência, olhe pelas tuas coisas, e, também na tua ausência, exerça aqui as tuas funções...! Se já era de ficar pasmado com a história de Sósia, meu substituto, não há dúvida, com a destoutro Anfitrião é mesmo de um tipo ficar maluco de todo!

(PLAUTO, 2006, p. 116-117, vv. 825-829).

A.S 6: Ao fim da cena, Anfitrião recorre a outro meio e decide chamar o primo de Alcmena, Náucrates, que estava com ele no navio durante a noite e comprovará sua versão. Assim, ele sai de cena e pede para Sósia levar os criados para dentro, deixando Alcmena sozinha.

A.S 7: Alcmena sai de casa magoada com as injúrias proferidas pelo marido, afirma que só retornará depois que ele jurar arrependimento dos insultos, essa atitude revela o caráter da personagem. A esposa de Anfitrião pode ser qualificada como um exemplo para outras mulheres, pois é virtuosa e piedosa, de fortes convicções e adoradora dos deuses. Em meio às acusações sofridas na cena anterior, ela se defende e reage, reconhece sua inocência, embora desconheça que foi vítima de um grande engano. A ação de Alcmena ao sair de casa, comprova seu caráter, além disso, essa atitude abre espaço para outras ações que destinem a personagem para um determinado fim.

ENGANO 4: Júpiter, ainda metamorfoseado de Anfitrião, tenta impedir que Alcmena vá embora de casa e finge que tudo não passou de uma brincadeira e queria apenas pôr à

prova os sentimentos dela. Porém, sua tentativa é vã, pois não consegue convencê-la. A comicidade da cena fica a cargo de Júpiter que só é perdoado quando faz o juramento que Alcmena tanto ansiava.

JÚPITER: Espera. Juro, por tudo o que quiseses, que te tenho na conta da mais virtuosa das esposas. Se estou a mentir, então ó... supremo Júpiter, peço-te que faças recair, para sempre, a tua cólera sobre... Anfitrião!

ALCMENA (*reconciliada*): Ah, não! Que te seja, antes, propício!

JÚPITER: Assim espero... É que o juramento que fiz na tua presença é sincero! Mas já não estás zangada?

ALCMENA: Não!

(PLAUTO, 2006, p. 122-123 vv. 933-937).

O chiste de Júpiter é indiferente para Alcmena, porém os leitores/espectadores da cena compreendem a intenção de sua fala quando ele desvia para o verdadeiro Anfitrião, o castigo pelo falso juramento. O riso é provocado porque se conhece a origem de todos os enganos, além disso, é uma maneira de ridicularizar o comportamento do deus. A desfaçatez de Júpiter toma magnitude quando ele consegue enganar Alcmena novamente a fim de desfrutá-la mais uma vez e chega a pedir que vá preparar vasos sagrados para ele cumprir os votos que prometeu se regressasse ao lar a salvo. Votos estes que serão dirigidos a ele mesmo. Suas ações o tornam alvo do riso e revelam um caráter cínico, de baixa índole e amoral, por manipular os mortais como se fossem fantoches e interferir em suas vidas. O riso aqui assume o papel de reprimir a ação transgressora do deus, ridicularizando-a.

A.S. 8 e ENGANO 5: Na cena III, estão presentes Sósia, Júpiter e Alcmena. O deus engana mais uma vez o escravo de Anfitrião que, bastante surpreso, acaba acreditando na reconciliação de seus senhores. Ao fim da cena, Júpiter pede para Sósia ir convidar o piloto do navio, Blefarão, para almoçar com ele depois dos sacrifícios. No momento em que os outros dois saem de cena para cumprir as suas solicitações, Júpiter faz um pedido para Mercúrio.

JÚPITER: Isso é que é falar bem e como convém a um mulher zelosa. (*Alcmena entra em casa*) já são dois a cair na esparrela: o criado e a patroa! Ambos pensam que sou Anfitrião, mas enganam-se redondamente. Agora tu divino Sósia, faz por me ajudares. Tu estás a ouvir-me bem, apesar de não estares ao pé de mim. Trata de afastar de casa Anfitrião, quando chegar. Inventa os meios que quiseses. Quero que o mistifiques, enquanto me divirto com esta minha esposa em usufruto. Vamos: olha por tudo isto, sobretudo por saberes que é essa a minha vontade, e assiste-me, enquanto ofereço o sacrifício a mim próprio!

(PLAUTO, 2006, p.125, vv. 973-984)

A.S 9: Mercúrio escuta as ordens do seu pai e procura atendê-lo com prontidão, alegando que esse é seu dever de filho: obedecê-lo e “secundá-lo nos seus caprichos”. Ele afirma que Júpiter faz muito bem em ceder aos seus instintos e que todos deviam fazer o mesmo, sem prejudicar ninguém. Desta maneira, decide subir ao telhado da casa para expulsar Anfitrião quando chegar. Tal atitude demonstra um defeito de caráter. Ao apoiar a atitude de seu pai, Mercúrio se coloca entre aqueles que desviam das normas sociais em favor dos desejos pessoais e promíscuos. A ação também é contraditória de acordo com o que ele acabou de afirmar, porque embora a situação criada possa ser desfeita, Júpiter e Mercúrio estão provocando um caos momentâneo, gerando discussão e mal-entendidos entre pessoas inocentes, trata-se de uma forma de prejudicar o outro.

A.S. 10: Anfitrião se dirige a sua casa sem Náucrates, porque não conseguiu encontrá-lo em lugar nenhum.

A.S. 11: É travada uma discussão entre Anfitrião e Mercúrio transfigurado em Sósia, porque este último impede que o primeiro entre na sua própria casa. Anfitrião não admite ser insultado por seu escravo e o ameaça. Este é o início da cena, posteriormente intervêm Júpiter, ainda sob forma de Anfitrião, Alcmena e Blefarão, o piloto do navio. Neste ponto há uma lacuna<sup>4</sup> na peça e dos fragmentos que restaram pode-se compreender que a confusão resultada por sucessivos enganos continua, porém em um nível mais complexo porque estão presentes os dois “Anfitriões”, o verdadeiro e o falso (Júpiter). Blefarão é solicitado para identificar o verdadeiro, porém sem sucesso.

A.S 12: Na cena final do Ato IV, Blefarão se retira bastante atordoado com o que presenciou e nega ajuda, visto que não consegue distinguir o verdadeiro Anfitrião do falso e assim não sabe a quem defender.

A.S 13: Alcmena está prestes a dar a luz, nascerão dois gêmeos, um com nove meses e o outro com seis, o primeiro é o filho de Anfitrião e o segundo de Júpiter. O deus corre em auxílio dela enquanto o verdadeiro Anfitrião se lamenta da sua desventura. Em meio a sua revolta se dá conta que o deus não está ali, mas dentro de sua casa ao lado de sua esposa e vai

---

<sup>4</sup> Em nota, a tradutora da versão que utilizamos neste trabalho esclarece que na peça *Anfitrião* de Plauto há uma lacuna de cerca de 300 versos entre o verso 1034 e o 1035 que compreende o final do ato III e quase todo o ato IV. Da parte que desapareceu restaram apenas alguns fragmentos que foram traduzidos e numerados de I-XX graças às citações de gramáticos, ela cita de modo especial Nônio.

atrás dele. No mesmo instante se ouve um ribombar de um trovão e Anfitrião cai por terra inconsciente.

ENGANO 5: Para Anfitrião nada foi esclarecido e a série de enganos da qual foi vítima o leva a falsos julgamentos e a formular justificativas fundamentadas em falsas lógicas. Anfitrião tenta organizar os fatos racionalmente e toma uma atitude; irá dar parte ao rei, assim se vingará de Júpiter que é qualificado por ele como “bruxo da Tessália”.

A.S. 14: A criada Brómia sai de casa precipitadamente e, sem ver Anfitrião, narra tudo que se passou dentro do quarto durante o parto e alega que algo sobrenatural ocorreu no momento em que Alcmena invocou os deuses em seu auxílio, neste momento todos que estavam no quarto caíram por terra. A criada escutou uma voz a tranquilizar sua senhora e que pedia aos que haviam desmaiado para levantar-se. Quando se deu conta, Alcmena já havia dado a luz aos gêmeos, um parto sem dor e sem a ajuda da parteira. Brómia interrompe seu discurso quando enxerga Anfitrião desmaiado. Ao recobrar seus sentidos, a criada lhe conta todos os acontecimentos, inclusive tenta esclarecer o fato que Júpiter teve relações com Alcmena e um dos filhos que ela deu a luz, é filho do deus. A criada ainda relata um acontecimento que remonta o mito de Hércules, o filho de Júpiter teria estrangulado duas cobras que se precipitavam em direção dos bebês. Segundo o mito, os animais teriam sido enviados por Juno, esposa de Júpiter, que bastante enciumada com o relacionamento extraconjugal do seu marido, queria vingar-se. Todo o relato se apresenta de maneira surpreendente para Anfitrião que, embora duvide de alguns fatos, reconheça que sua esposa recebeu auxílio divino. Ele profere:

ANFITRIÃO: Bom! Não me desagrada nada saber que dos meus haveres me é dado partilhar metade com Júpiter. Volta para casa; manda-me preparar imediatamente os vasos sagrados: desejo, com numerosas vítimas, apaziguar-me com Júpiter, todo-poderoso. (*Brómia entra em casa*) Quanto a mim, vou mandar chamar o adivinho Tirésias e consulta-lo sobre o que há a fazer; ao mesmo tempo, contar-lhe eu tudo o que se passou. [...]

(PLAUTO, 2006, p.139 vv.1125-1129).

A atitude de Anfitrião demonstra resignação, uma submissão aos deuses. Ceder seu lugar de marido em prol do desejo de Júpiter não significa uma afronta nem um ultraje a sua dignidade de homem. Nota-se que Anfitrião sequer questionou a motivação de Júpiter, muito menos constatou que a ação do deus foi praticada apenas para satisfazer um desejo sexual momentâneo. Não houve julgamento da sua ação porque Júpiter é um deus e sua condição lhe

confere inclusive o poder de solicitar a mulher de um mortal para alguns momentos de prazer. Dividir a esposa com um deus é uma honra para os piedosos, fato atestado pela fala de Anfitrião que, inclusive, manda preparar os vasos sagrados como tentativa de se desculpar pelas injúrias proferidas.

RECONHECIMENTO E DESFECHO: Segundo o que foi dito, com base na Poética, o reconhecimento “é a passagem do ignorar ao conhecer que se faz para amizade ou inimizade das personagens que estão destinadas para a dita ou para a desdita”. (1452b, 61). Logo, embora Brómia tenha colocado Anfitrião a par de tudo, o reconhecimento verdadeiro se dá no momento em que Júpiter se faz ouvir do alto de uma nuvem e esclarece o ocorrido. O deus confirma a versão da criada e apazigua os ânimos, encerrando toda a confusão gerada, tranquiliza a todos e promete que o seu filho (Hércules) cobrirá Anfitrião de glórias pelos seus feitos. Júpiter manda dispensar adivinhos porque é ele o deus quem está falando, pedido atendido prontamente por Anfitrião.

Logo, o reconhecimento se dá para a amizade dos personagens, não provoca dor nem piedade nos leitores e espectadores da peça. A ação é burlesca, porque embora praticada por um deus, não demonstra nobreza, mas um defeito de caráter. Sua atitude é movida por uma incontinência sexual que o leva a cometer atos ridículos e por isso risíveis, sua ação não enobrece seu nome muito menos é fato de orgulhar seus devotos. O seu cinismo e astúcia envolve as personagens em enganos e confusões, tudo arquitetado por Júpiter com a ajuda de Mercúrio de modo a conseguir realizar seu objetivo inicial e não ser desmascarado. O objetivo de Júpiter era obter uma noite de amor com Alcmena e não conseguiu apenas isso, mas também saiu ileso de toda situação, visto que a devoção de Anfitrião e sua esposa não permitem julgá-lo muito menos condená-lo.

#### 4 A DESCONFIANÇA DE ANFITRIÃO NA COMÉDIA *UM DEUS DORMIU LÁ EM CASA*

Entre tantos autores que se influenciaram pelo tema representado em *Anfitrião*, está o brasileiro Guilherme Figueiredo, que nasceu em Campinas e viveu entre 1915 e 1997. Ele foi autor e dramaturgo, irmão do último presidente militar do Brasil, João Figueiredo. Suas peças são voltadas para temas mitológicos e são escritas geralmente com uma veia cômica. Sua peça *Um deus dormiu lá em casa*, inspirada na comédia plautina, lhe rendeu reconhecimento nacional e o projetou no cenário internacional, sendo representada nos palcos de Paris, Nova York, Lisboa, Antuérpia e Buenos Aires. Nela protagonizam personagens gregos com espírito carioca. Tais informações bibliográficas podem ser encontradas na contra capa do seu livro: “*Um deus dormiu lá em casa, A raposa e as uvas, Os fantasmas e a muito curiosa história da virtuosa matrona de Éfeso: quatro peças de assunto grego*” (1964), bem como no site Enciclopédia Itaú Cultural.

**AÇÃO PRINCIPAL:** Anfitrião, general tebano, é solicitado pelo rei Creonte para combater as tropas teleboanas que invadiram a cidade de Tebas. Porém, seu ciúme exacerbado o faz crer que sua nomeação possui segundas intenções e que Creonte estaria procurando um pretexto para desfrutar de sua mulher durante sua ausência. Como forma de evitar que isso aconteça, resolve se disfarçar de Júpiter e dormir em sua própria casa com o objetivo de proteger sua esposa. Sósia, o escravo de Anfitrião, que também andava desconfiado de sua amada Tessala, criada da casa, também se disfarça de Mercúrio para poder vigiá-la.

**ENGANO 1:** O engano é responsável por motivar a ação principal. O mal-entendido foi provocado pelo ciúme de Anfitrião que o fez interpretar as coisas a seu modo. Este sentimento teve origem em um banquete oferecido em sua casa no qual estavam presentes ele, sua esposa e o rei Creonte. Este último ao avistar Alcmena lhe dirigiu um elogio, conforme ela mesma relata a sua criada Tessala:

ALCMENA: [...] Tu viste no banquete, quando eu servia o vinho e a água ao nosso rei? Viste os olhos dele? Como olharam meus braços, meu colo, meu rosto? Ouviste quando Creonte gritou para Anfitrião: “Amigo, louvado sejas, pela tua força, pela tua coragem, e porque tens uma mulher digna dos deuses! Tua mulher merece uma noite com Júpiter, amigo!” Mulher alguma já ouviu um galanteio assim, feito por um rei... Mas Anfitrião não gostou. Falou para Creonte: “Esta mulher é minha, e quem dorme com ela não é Júpiter, sou eu mesmo.” Sabes o que disse Tirésias o adivinho? Que esta

noite um homem dormiria nesta casa. E agora... por que Creonte escolhe justamente Anfitrião para mandar para a guerra?

(FIGUEIREDO, 1964, p.10)

ENGANO 2: Na fala de Alcmena encontra-se um fato que alimenta ainda mais a desconfiança e o medo de Anfitrião, a profecia que um homem dormiria em sua casa. O elogio de Creonte soou como uma segunda intenção e a nomeação de Anfitrião como comandante das tropas reforça essa ideia. O ciúme do general o leva a uma falsa lógica, para ele tudo se justifica na intenção maliciosa de Creonte que pretende roubar sua esposa. Logo, a profecia representa um forte indício de traição, o que leva Anfitrião forjar um disfarce na companhia de Sósia e dormir em casa para evitar ser traído.

A.S 1: Na antessala de sua casa, Anfitrião discursa para uma multidão. Ele é tido como aquele que livrará Tebas dos tebanos e vencerá o rei Ptérelas. Ao discursar, mostra suas principais qualidades, o que desagrade a maioria dos cidadãos tebanos que o exultavam em massa anteriormente. Anfitrião não acredita no poder dos deuses, mas na valentia de seu exército e no ferro de suas armas e isso representa uma atitude ímpia e reprovável para qualquer cidadão tebano, ainda mais porque se trata de um homem que está à frente de um exército e possui uma posição social respeitável. Porém, Anfitrião vangloria-se e desdenha dos deuses, não levando em conta as vozes de reprovação que crescia cada vez mais na multidão que o escutava.

Anfitrião se mostra gabão e conhece sua influência a ponto de ignorar auxílio divino, ele responde à multidão que não teme ser punido, pois nenhuma cidade condena um general quando este é necessário para seu povo.

VOZ: Anfitrião! Pede perdão a Júpiter pelo que disseste, antes que a sua cólera desabe mais uma vez sobre Tebas!

ANFITRIÃO: Júpiter coisa nenhuma! Vou vencer esta guerra sem precisar feitiçaria!

(FIGUEIREDO, 1964, p.9).

A cidade teme que a cólera dos deuses desabe sobre eles novamente. Antes do discurso do general, um orador faz uma breve explanação sobre a série de desgraças vivenciadas pelos cidadãos tebanos, desde a maldição sofrida por Laio que condenou sua descendência, o momento de prosperidade que o povo vivenciou posteriormente até a invasão das tropas inimigas. Com isso, nota-se que as pessoas creem nos deuses e acreditam nas

profecias difundidas pelos adivinhos. Anfitrião é uma exceção e fere de forma contundente a fé dos tebanos, sua atitude é transgressora e foge às normas daquela sociedade. Assim, ele assume um comportamento ridículo diante do povo e, ao mesmo tempo, considera ridícula a fé sem fundamento da população, zombando daquilo que acreditam. O riso de Anfitrião é subversivo e dessacraliza aquilo que o povo tebano considera virtuoso.

Enquanto o general discursa, Alcmena se queixa da conduta de Anfitrião com a criada Tessala, diz se envergonhar do próprio marido, porque ele não sabe falar em público, chega a dizer que Creonte não deveria tê-lo nomeado general. Alcmena não aceita o comportamento ímpio do marido, visto que presta todos os sacrifícios, crê nos deuses, é zeladora do templo de Apolo e pertence à irmandade das levadoras da estátua de Júpiter, conforme ela mesma diz. Seu marido zomba de sua crença e isso para ela é inadmissível. Além disso, ela sabe que Anfitrião desconfia das intenções de Creonte e esteja falando tudo de maneira proposital para ser demitido.

A.S 2: Após o discurso, Anfitrião entra em casa bastante irritado com o que escutou da multidão e seu humor piora quando escuta da esposa que o cabrito que viu há pouco, não era para o jantar e sim para o sacrifício.

ANFITRIÃO: Do sacrifício? Bolas! Esses teus deuses comem mais carne do que o meu exército! Levem isto daqui! No dia do aniversário da nossa boda, no dia da minha batalha, eu pensei que você melhorasse esse jantar, Alcmena...

(FIGUEIREDO, 1964, p.12).

A atitude de Anfitrião é censurada por Alcmena, ela o adverte que não fica bem se passar por ateu, pois os dois possuem uma posição social privilegiada, representam a família mais importante, respeitada e admirada de Tebas. O general tenta justificar sua atitude alegando nervosismo e logo o assunto da conversa entre os dois é direcionado para a desconfiança que ele nutre de Creonte. Anfitrião reúne alguns indícios que comprovam seu pensamento, inclusive acusa o rei de negligência, pois havia seis meses que as tropas inimigas se concentravam e quando solicitou ao rei cem homens para derrotá-los, foi negado. E porque somente agora no dia do seu aniversário de casamento o solicita, se podia ter nomeado Blefaro que também é seu amigo? Sua esposa também é questionada, ele estranha o fato dela se mostrar conformada e ansiosa para que ele saia para guerra mesmo em um dia importante para o casal. Alcmena justifica que seu orgulho é maior do que seu sobressalto e o tranquiliza dizendo que o esperará como Penélope esperou Ulisses.

O desespero de Anfitrião o leva a temer qualquer homem, seja jovem ou ancião que não for para guerra, pois acredita que Alcmena poderá ser importunada por algum deles. Sua intenção com a conversa é sentir que pode confiar na esposa, atitude que demonstra insegurança de sua parte.

ALCMENA: Eu te serei fiel, Anfitrião. Podes ter a certeza.

ANFITRIÃO: Mesmo que seja Creonte?

ALCMENA: Prefiro um mais moço.

ANFITRIÃO: Alcmena! (noutro tom) Gostaria que tu dissesse: ainda que fosse um deus.

ALCMENA: Um deus, Anfitrião? Você não está exigindo demais?

ANFITRIÃO: O próprio Júpiter!

ALCMENA: Que bobagem... Você não crê nos deuses. O próprio Júpiter, vá lá. Mas com uma condição.

ANFITRIÃO: Eu pensei que numa coisa dessas não existisse condição.

ALCMENA: Existe uma: que faças comigo o sacrificio a Júpiter.

(FIGUEIREDO, 1964, p.15).

A atitude de Anfitrião aqui se mostra contraditória a seu discurso e atitudes anteriores. Porque se ele age como um homem ímpio, não pode temer que os deuses interfiram em sua vida. Alcmena percebe o fato e se diverte com isso, sabe que seu marido não acredita nessas coisas, não tendo o que temer. Nota-se que o ciúme dele é maior que qualquer outra coisa e o coloca em contradição com convicções anteriores. Contradizer-se pode ser sinônimo de caráter líquido que oscila de acordo com a situação. A atitude de Anfitrião o torna cômico e, aos poucos, nota-se que o ciúme está lhe tirando do eixo, fazendo com que ele crie possibilidades que antes seriam absurdas.

A.S 3: A próxima ação do general tebano é subornar a criada Tessala, prometendo-lhe liberdade, caso ela espione Alcmena para ele e a proteja até com seu próprio corpo. Ela aceita a proposta e em troca também pede que Anfitrião proteja Sósia no combate com o seu próprio escudo se for preciso.

A.S 4: A ação que se realiza agora é praticada entre os dois criados. Tessala conta para Sósia sobre a desconfiança de Anfitrião, acreditando que sua nomeação tenha sido um pretexto para afastá-lo de casa. Sósia encontra fundamento nessa ideia, porém, considera um absurdo sentir ciúmes de um velho como Creonte, que inspira asco. No entanto, quando

Tessala afirma que o rei não estava interessado na sua senhora e sim nela, o discurso de Sósia muda e adquire novo tom:

TESSALA: No banquete quando se retirou, passou por mim e disse: “Vai hoje à noite ao palácio, beleza. A sentinela te deixará entrar”. Que dizes disto?

SÓSIA: Digo que este rei é um patife! Já não bastava a irmã dele fazer o que fez, ter quatro filhos de seu próprio filho e se enforcar, deixar na terra filhos que se estraçalham, que se arrancam os olhos e se matam... reizinho de meia tigela.

TESSALA: Você está com ciúme do velho, Sósia?

SÓSIA: Eu?... Eu... Eu estou é com raiva! Mil vezes Édipo, com toda a pouca vergonha dentro de casa. Ao menos essas coisas ficavam em família. Édipo não se metia com a família dos outros. Tessala, por favor, o que foi que você respondeu?

(FIGUEIREDO, 1964, p.17).

A atitude de Sósia é cômica porque é contraditória, assim como o comportamento de Anfitrião anteriormente apresentado. Ele considerava o ciúme de Anfitrião absurdo até o momento que ele também se encontra na mesma situação. O ciúme mais uma vez toma uma magnitude considerável, fato atestado pela sua revolta. O espectador ou leitor ri porque identifica o defeito de caráter de Sósia que se mostra através da contradição, ou seja, é fingido aquele que não assume um determinado comportamento, mas mascara e age de forma contrária ao que diz acreditar. O que Tessala diz a Sósia o deixa preocupado e desconfiado da mesma maneira que Anfitrião.

A.S 5: Anfitrião percebe a preocupação de Sósia. Este acaba confessando que não quer ir à guerra e acharia melhor ficar “por causa das senhoras”, alegando temer o cumprimento da profecia de Tirésias, aquela que diz que um homem passaria a noite em casa. Anfitrião zomba mais uma vez e qualifica a profecia de bobagem.

ENGANO 3: O general acredita que Sósia sabe de alguma coisa sobre a infidelidade de sua esposa ou as pretensões de Creonte, e não tem coragem de contar para ele. Engana-se porque não sabe o verdadeiro motivo que atormenta seu criado.

A.S 6: Anfitrião decide se disfarçar do deus Júpiter e passar a noite em casa, a fim de não levantar suspeitas de sua tropa nem sua mulher. De início, a ideia parece absurda, no entanto, Sósia aceita e pede para acompanhá-lo na “mascarada”, disfarçado de Mercúrio, pois, assim, também poderá vigiar Tessala. Anfitrião se diverte com o plano e constata que a

profecia se cumpre, embora quem passará a noite em sua casa não seja um homem, como disse Tirésias, e sim um deus.

ANFITRIÃO: É isto! Os dois! Você de Mercúrio, eu de Júpiter. Corre ao depósito. Há lá, entre umas coisas velhas, algumas que se aproveitam. Traga o raio de ferro dourado que serviu para a última dionisiaca. E o manto. Há na cozinha uns pombos que Alcmena vai sacrificar... A carolice dessa mulher é capaz de depredar um Jardim Zoológico! Torce o pescoço de um pombo e corta-lhe as asas, para amarrar nos teus pés. E arranja um casco para a cabeça. Rouba o caduceu da porta da farmácia de Esculápio. Corre!

(FIGUEIREDO, 1964, p.20).

O disfarce idealizado por Anfitrião é cômico, porque se aproxima de uma fantasia carnavalesca e não de um disfarce que tenha o objetivo de enganar alguém. De acordo com Bergson (2007), a comicidade se encontra em estado latente, quando há uma incompatibilidade profunda entre o objeto que envolve e o objeto envolvido de modo que a aproximação entre os dois não se consolide. Há uma distância considerável entre os deuses que se pretende imitar e a fantasia pensada por Anfitrião para obter um efeito mais próximo da realidade, a ideia que ele possui dos deuses Júpiter e Mercúrio não é suficiente para que consiga produzir um disfarce idêntico, visto que não dispõe de todos os materiais necessários e conta apenas com o improviso.

Anfitrião se torna ainda mais risível com esta ideia, o riso assume o papel de repreender a atitude do general tebano a fim de fazê-lo despertar de sua distração e corrigir suas ações. Anfitrião parece não perceber que o disfarce é tosco e pode não convencer, ao menos percebe que está se contradizendo, porque mesmo dizendo não crer nos deuses e em profecias, sua atitude prova o contrário. Suas ações parecem inconscientes, o que o torna ainda mais cômico. Mais uma vez a ação se mostra mais importante que o caráter, pois somente suas ações movimentam a cena e o direcionam para determinado fim. Suas qualidades, demonstradas anteriormente pelas suas falas e pelas definições de sua esposa Alcmena, se subordinam à ação praticada. Sua ideia fixa, na possível traição, o faz persistir na tentativa de evitá-la. Todos os seus esforços se convergem para esse objetivo.

ENGANO 4: Após combinar algumas coisas com Sósia, Anfitrião decide partir naquele instante e chama Alcmena para se despedir, interrompendo os sacrifícios. Sua esposa lamenta sua partida e os dois despedem-se, o mesmo fazem Sósia e Tessala. Neste momento Alcmena afirma que constitui um orgulho difícil saber que um homem luta por eles e que seria mais tocante se ele fosse covarde e decidisse fugir ao combate por uma mulher. Desta

forma, questiona se Anfitrião teria coragem se fugir a batalha. No entanto, o general desconversa e não responde a insinuação da sua esposa. De maneira irônica, Anfitrião roga para que Júpiter esteja em casa, e essa atitude deixa Alcmena bastante satisfeita e surpresa, pois a atitude dele prova que o marido crê em Júpiter e assim obterá a vitória esperada na guerra.

A.S 7: Alcmena, acompanhada de Tessala, realiza um breve momento de oração antes da saída de Sósia e Anfitrião. Este último, ao perceber que ela irá rezar, se senta no pórtico de maneira desrespeitosa. Sua esposa suplica aos deuses que devolva seu marido a salvo para que dele tenha um filho, que se chamará Hércules em honra de Juno e será o mais forte dos homens. Ao término da oração, o general eleva a espada e se despede e o seu criado imita o gesto de maneira cômica e se retiram.

PERIPÉCIA: Tessala pede a Alcmena para trocaram de quarto nesta noite e ela aceita prontamente, confessa que também ia pedir o mesmo. Ambas não justificam os motivos da troca. Portanto, este fato constitui uma interferência no curso das ações e provoca uma reviravolta na trama.

A.S 8: Anfitrião e Sósia chegam em casa e não passam despercebidos, fato confirmado por algumas vozes que conversam no início da cena, eram vozes de dois sentinelas que estavam nas redondezas da casa. Mesmo sob o risco iminente de serem descobertos, eles entram na casa e começam a combinar como iriam se portar quando estiverem diante de Tessala e Alcmena. Sósia diz a Anfitrião que seu senhor deve convencer a esposa que é Júpiter no papel de Anfitrião e não o inverso. Quanto a ele tratará de fingir ser Mercúrio no papel de Sósia.

A.S 9: Anfitrião e Sósia tentam anunciar que os deuses estão em sua casa. O primeiro dita o que deverá ser proferido pelo segundo. Porém, como nenhuma das duas vem recepcioná-los, decidem ir pessoalmente ao quarto delas.

ENGANO 5: Ao entrarem nos quartos, Anfitrião se depara com a criada Tessala que enxota o patrão. No mesmo instante, Alcmena e Sósia irrompem a cena, ambos vêm do quarto, a patroa acusa o criado de ter se metido embaixo de seu lençol. Tanto a senhora quanto a criada ainda não tratam os dois como deuses, mas como Anfitrião e Sósia. A confusão ocorreu devido à troca de quarto que as duas fizeram anteriormente.

ENGANO 6: Embora o disfarce não tenha convencido de imediato, o general e seu criado seguem obstinados até serem tratados como deuses.

ANFITRIÃO: Alcmena, eu explico... Bolas, por que é que vocês trocam de quarto justamente no dia em que Júpiter e Mercúrio decidem visitá-las?

ALCMENA: (Dá com o raio, o manto, a imponência de Anfitrião e cai em êxtase) Júpiter!

SÓSIA: Júpiter, sim! Ou pensas que este é o idiota do teu marido?

ANFITRIÃO: Sós... Mercúrio! (Num disfarce) Respeita a casa que nos dá hospitalidade!

(FIGUEIREDO, 1964, p.28).

A comicidade da ação está na má atuação dos falsos deuses que por vezes deixam escapar ditos espirituosos, como o proferido por Sósia, que se aproveita da situação para difamar seu patrão, pois sabe que não poderá puni-lo. Já Anfitrião quase troca o nome “Mercúrio” por “Sósia”, o que poderia colocar tudo a perder. Ao se dar conta do disfarce de Anfitrião, Alcmena muda de comportamento, passando a tratá-lo com meiguice. Ao passo que Tessala não acredita. Este fato provoca a ira do general que novamente atua mal, mandando a criada se calar, ameaçando vendê-la. Mas, ao se dar conta do deslize, corrige a fala logo em seguida e ameaça fulminá-la.

A.S 10: Alcmena solicita a Tessala a ânfora e o hidromel para oferecer a Júpiter, para ela. No entanto, Anfitrião odeia tal bebida e não disfarça sua insatisfação. Ela não compreende sua atitude e o questiona, visto que os deuses só bebem hidromel. Anfitrião se justifica afirmando que quando está na pele de um mortal tem “horror a esses refrigerantes celestes”.

A.S 11: Na ação seguinte, Tessala vai se desculpar com o suposto Júpiter pela desconfiança de minutos atrás. Ele desculpa e ordena que leve Mercúrio para sua cama. Tessala fica bastante surpresa e não aceita. Com essa atitude demonstra ser pudica ao contrário da sua senhora que incentiva a criada a acatar a ordem de Júpiter, pois se trata de um deus e estar com um deles constitui uma honra para uma mortal.

ALCMENA: Mas, Tessala, um deus!

TESSALA: E tu, Senhora, também vais passar para trás Anfitrião com...?

ANFITRIÃO: (*cortando a frase*) Tessala! Que é que queres dizer com isto, “passar para trás”? Então, ao fato de a mulher de um general

adiantar-se até deus – como é de sua obrigação – você chama de “passar para trás”?

ALCMENA: (*aflitíssima*) Tessala, por favor, não atraia a cólera divina...

(FIGUEIREDO, 1964, p.30).

Anfitrião se desespera com qualquer indício ou palavra que sugira traição. A cena é bastante conflituosa, pois se chocam três desejos distintos, que acabam por anular-se. Alcmena deseja entregar-se ao suposto deus por devoção e vaidade feminina, porém Anfitrião se nega, pois está disfarçado de Júpiter para evitar que outro homem venha tentá-la em sua ausência. Outro desejo conflitante é o de Tessala, que durante a discussão, confessa que não irá consentir que sua senhora se entregue a Júpiter. A tentativa de protegê-la é motivada pelo trato firmado com Anfitrião, que havia prometido libertá-la caso protegesse a honra de sua esposa. O seu interesse na liberdade é maior que as súplicas da sua patroa, que pede para não atrair a cólera divina e ceder. Anfitrião reprime as tentativas da criada ao ordenar que o suposto Mercúrio leve-a dali. A cena se encerra com Sósia (disfarçado de Mercúrio), arrastando Tessala pelo braço, que sai aos gritos, pedindo para Alcmena não se entregar a Júpiter, pois se ela assim o fizer, condenará sua serva à escravidão.

A.S 12: Anfitrião aproveita que estão a sós para interrogar Alcmena. Inicia mencionando a profecia de Tirésias, para tentar descobrir, através de sua esposa, quem passaria a noite em casa. Ele cita uma série de nomes, inclusive do rei Creonte, e ela responde com um sinal negativo a todos. O general a interroga com um ar de marido enganado e, às vezes, esquece seu disfarce. Porém, Alcmena está convencida que tem diante de si um deus, pois parece não se dar conta dos deslizes que ele comete e pelas atitudes que toma. Ela se insinua para Anfitrião disfarçado de Júpiter, alegando um dever de religião. Mas, no momento em que ele afirma que está ali para impedir que um homem venha violá-la na ausência do seu marido, ela se sente ofendida. Para Alcmena, a atitude de Júpiter representa uma afronta e ser rejeitada fere sua vaidade feminina. Ela conhece a fama que Júpiter possui, sabe que para realizar suas conquistas amorosas costumava se metamorfosear. Por esta razão faz referência a todas as mulheres seduzidas por Júpiter e o questiona se ela não é digna dele. Compara seus atributos físicos aos das outras e se qualifica como mais bonita. Apela para a beleza do seu corpo com o objetivo de atrair a atenção de Júpiter. Desta forma, o caráter da esposa de Anfitrião ganha destaque, ela pode ser qualificada como uma mulher extremamente vaidosa,

fato que será reforçado em outras ações futuras. Suas atitudes afligem Anfitrião que não consegue mais sustentar seu disfarce e confessa toda a verdade para Alcmena.

ENGANO 7: Embora Anfitrião tenha confessado que não é Júpiter e sim o próprio Anfitrião, Alcmena diz que esse é apenas mais um truque do deus, e que ele não necessita injuriar seu marido para conseguir conquistá-la. Se o que ele fala é verdade, deverá se retirar, pois o lugar de Anfitrião é no comando da sua topa.

A.S 13: Tessala irrompe subitamente seguida por Sósia e revela para sua senhora que aqueles eram Anfitrião e Sósia e não deuses. Ela afirma que foi o próprio Sósia quem havia confessado tudo. Porém, Alcmena diz à criada que se trata de um truque dos deuses. Além disso, adverte que suas palavras constituem um sacrilégio. Pressionada, Tessala se revolta e confessa não acreditar em deuses, visto que eles são luxo de pessoas livres e de nada adiantaria elevar súplicas aos céus, se quem manda nela é Anfitrião. O tom dramático que a criada imprime à cena é logo interrompido pela fala espirituosa de Anfitrião, que também se reveste de malícia, quando manda Sósia levá-la ao quarto e provar que é Mercúrio, até que ela fique conhecendo o poder divino. Com isso, ela é arrastada por Sósia e desaparece em cena mais uma vez.

De acordo com Bergson (2007), a comicidade da cena está presente na repetição da ação que sugere um arremedo mecânico e contrasta com o curso mutável da vida. Há uma cena que se repete e é praticada pelos mesmos personagens. É a segunda vez que Tessala é arrastada contra sua vontade. O elemento da repetição se complementa com outros efeitos cômicos, um deles é o engano, próprio da ação cômica, há também aqueles que trazem a ideia de arranjo mecânico como o fantoche e o efeito de mola presente na caixa de surpresas. Na primeira vez que Mercúrio a levou para o quarto, ela estava sob engano, negava se entregar ao deus e temia que Alcmena traísse o marido, comprometendo sua alforria. Na cena descrita, Tessala funcionava como um fantoche nas mãos de Anfitrião e Sósia. Porém, agora ela conhece toda verdade, reconhecimento que ocorreu apenas para ela. Assim, Tessala tenta convencer Alcmena da verdade. No entanto, essa ação é reprimida pela atitude de Anfitrião e Sósia. Tem-se, deste modo, um efeito de mola, pois há uma força que se obstina e uma teimosia que a combate.

Há comicidade também na ação de Anfitrião e Sósia. O primeiro ao saber por Tessala que seu criado havia lhe confessado tudo, se precipita e o ataca, atitude que o desvia completamente do seu papel de Júpiter.

SÓSIA: Senhor, por favor, solte-me... Solte-me...

ANFITRIÃO: *(no ouvido de Sósia, enquanto o esgana)* Chama-me de Júpiter imbecil! *(espeta-o com o raio. Sósia imita com a boca, o ruído da corrente elétrica e treme como se recebesse um choque).*

SÓSIA: Papai! Papai! Solte-me! Meu pai e meu deus! Papaizinho *(Anfitrião empurra-o).*

(FIGUEIREDO, 1964, p.35).

Sósia também se afasta do papel de Mercúrio, ao chamar Anfitrião de senhor e não de “Júpiter” ou “pai”. Tais elementos comprovam mais uma vez a má atuação dos falsos deuses e a cena representada se mostra ridícula. Não é possível levar a sério uma ação com tantas falhas, na qual os atores estão disfarçados conforme uma fantasia carnavalesca. Além disso, o temor da traição faz Anfitrião desviar toda sua atenção para essa ideia e o torna um distraído, pois não atenta para outros detalhes, a fim de se tornar mais convincente. Ao imitar o som do raio com a própria boca, Mercúrio remete a cena a um espetáculo doméstico destinado a crianças, no qual os efeitos especiais são improvisados pelo próprio ator. Tais efeitos podem impressionar espectadores menos experientes, como as crianças, porém provoca riso nos mais críticos que interpretam como um gracejo intencional. Na cena descrita, Anfitrião e Sósia se tornam risíveis pelo fato de agirem de forma burlesca. Inclusive o uso do diminutivo “papaizinho” feita pelo criado é uma faceta do ridículo, pois ao ser proferido funciona para diminuir a figura do suposto Júpiter, tornando-o pequeno diante dos demais.

A.S 14: Alcmena ainda acredita que tem em casa um deus - pelo menos é isso que demonstra por meio de suas atitudes - e como Anfitrião não consegue convencê-la do contrário, continua com a farsa. Ela não aceita que o deus queira apenas protegê-la e insinua-se novamente para ele, que reage com uma nova negativa. O general fica aliviado quando ela afirma que para ser fiel ao seu marido não teria sido necessário que ele viesse e o manda ir embora. Porém ele não vai, pois sabe que ainda falta muito tempo para amanhecer e tudo pode acontecer durante esse intervalo, prefere ficar para se certificar que nada atentará contra a honra de Alcmena. O que começa a ganhar relevo novamente é a vaidade da mulher de Anfitrião, que deseja causar inveja nos outros, ao contar que um deus dormiu em sua casa. Além disso, tenta justificar suas intenções como um sacrifício para converter seu marido ímpio, e como um dever religioso. A astúcia dela é tanta que chega a pedir um filho do suposto deus, alegando que somente ele poderá lhe dar um filho semideus, atitude que provoca espanto em Anfitrião.

A.S 15: Tessala surge novamente. A repetição se faz presente, é a segunda vez que ela irrompe a cena e a terceira que será arrastada contra sua vontade. O motivo, desta vez, seria a proposta que o falso Mercúrio teria lhe feito, este queria ter um filho com ela. Alcmena a incentiva e quando percebe que a criada não irá ceder, se oferece ela mesma ao suposto Mercúrio.

ANFITRIÃO: Mulher! Atende ao pedido do deus! Dá-lhe um filho! E suma-se daqui, bolas!

TESSALA: Júpiter, não por favor... Eu te suplico. Eu amo meu Sósia, não quero enganá-lo (*orgulho de Sósia*).

ALCMENA: Mercúrio! Tu queres um filho meu?

SÓSIA: (*no auge do espanto*) O quê?

ALCMENA: Vem, Mercúrio (*toma-lhe a mão*). Deixemos Júpiter e Tessala conversando aqui e... (*ligeiro movimento em direção do quarto*).

SÓSIA: Mas. Dona Alcmena...

ANFITRIÃO: Mulher! Largue esse hom... Largue esse deus!

ALCMENA: Se não me queres dar um filho, eu dar-te-ei um neto. Vem, Mercúrio. (*gesto de Sósia a Anfitrião significando "O que é que eu posso fazer?"*).

(FIGUEIREDO, 1964, p.41).

A ação que se desenvolve é contraditória, porque se antes Tessala afirmava que aquele era Sósia, e tentava convencer Alcmena do fato, porque agora o rejeita e o trata como Mercúrio? Embora não verbalize sua intenção em nenhum momento, sua atitude é compreensível, uma vez que ela tem consciência da sua condição de escrava, bem como a condição de Sósia e entende que filho de escravos herda o mesmo status dos pais, ou seja, será igualmente escravo.

A comicidade da ação está na situação que parece voltar-se contra o próprio Anfitrião, mentor e articulador da “mascarada”. O general parece perder as rédeas da situação para Alcmena, que é a vítima do estratagema forjado por ele. A atitude da sua esposa o deixa aflito por que está prestes a ser traído por ela e pelo próprio criado, seu cúmplice. No entanto, ele consegue retomar o domínio sobre a situação novamente e ordena que Mercúrio se retire levando Tessala pela terceira vez.

A.S 16: Quando Tessala e Sósia se retiram, Alcmena se aproxima de Anfitrião de maneira terna a fim de tentá-lo mais uma vez. Sua persistência tem efeito positivo, pois dessa vez consegue aquilo que almejava.

ENGANO 8: Anfitrião se lamenta e diz para si mesmo que nunca pensou que aquilo pudesse acontecer, também afirma que era burrice ser deus. No entanto, Alcmena interpreta suas palavras e seus gestos de forma equivocada, acredita que são lamentações que os deuses fazem quando estão cansados de sua condição divina. Assim, se aproveita disso para tentar consolá-lo e é desta forma que ela consegue fazer Anfitrião ceder aos seus desejos. Ele corresponde às carícias que Alcmena lhe dirige e embora confessando novamente ser Anfitrião, ela interpreta a afirmação a seu modo:

ANFITRIÃO: *(acaricia-a também, embora contrafeito)* Alcmena, eu sou Anfitrião...

ALCMENA: Sim, Júpiter, tu és Anfitrião... *(Enlaçam-se, beijam-se. Enlaçados, encaminham-se para o quarto).*

ANFITRIÃO: Se soubesses, Alcmena, o quanto eu te amo...

ALCMENA: Oh, ouvir isto de um deus... Vem, Júpiter... Como queres amar-me? Como chuva de ouro, como foi com Dánae, como cisne, como foi com Leda...? Com um touro? *(Abraçam-se, já quase entrando no quarto).*

ANFITRIÃO: *(Interrompendo a frase de Alcmena, e atirando ao chão a coroa de louros que trazia a cabeça)* Como um homem, Alcmena, quero amar-te como homem. *(Entram no quarto. A cena permanece vazia e silenciosa).*

(FIGUEIREDO, 1964, p.43).

Este engano é proveniente de uma interferência de dois sistemas de ideias na mesma frase, o sentido atribuído por Anfitrião às suas palavras não correspondem ao que sua esposa apreende. Alcmena ainda faz menção às aventuras amorosas de Júpiter e os artificios que ele utiliza com suas amantes, a expectativa é que ele demonstre para ela todo o poder divino, porém como Anfitrião é mortal, não será possível forjar algo sobrenatural. Ao fim da cena, duas vozes que são atribuídas a sentinelas, conversam entre si a respeito de barulhos provenientes da casa de Anfitrião, supostamente são as mesmas pessoas que notaram quando Anfitrião e Sósia entraram em casa às escondidas. Um deles escuta inclusive o ruído de beijos.

A.S 17: O terceiro e último ato tem início com a discussão entre Alcmena e Tessala, a primeira já tricota um sapatinho de bebê. A criada tenta convencer mais uma vez que aqueles que estiveram naquela casa eram Anfitrião e Sósia. Porém, a senhora se nega aceitar, se preocupa com o papel ridículo que fará diante do marido se o que Tessala fala for verdade. As duas ainda discutem por outro motivo, Alcmena não aceita que o rei Creonte tenha se insinuado para sua criada, segundo a versão que a própria Tessala lhe contou. Para ela, é inaceitável que um rei faça propostas indecentes a uma escrava. É travada assim uma disputa de egos, o que demonstra o quanto são vaidosas e não admitem perder para outra, quando o que está em jogo é a beleza.

A.S 18: Sósia entra em cena declarando a vitória das tropas de Anfitrião. Alcmena aproveita para questioná-lo onde estivera na noite anterior, ele responde que no campo de batalha, com isto, ela se dá por satisfeita. Porém, Tessala segue o interrogatório e pergunta sobre o sumiço de um pombo. O escravo se faz de desentendido e nega tudo.

A.S 19: Anfitrião chega em casa acabrunhado e entra pela porta dos fundos, o que causa estranhamento em Alcmena, que o esperava pela porta da frente. Ambos discutem.

RECONHECIMENTO 1: Anfitrião conta como se deu a vitória e atribui sua tristeza à descoberta da infidelidade de Alcmena, confessa que esteve em casa na noite anterior e incrimina sua esposa por suas atitudes promíscuas. O general expõe os atos de Alcmena, afirma que ela o amou como nunca antes havia feito e que até as palavras que ela proferiu não eram para seus ouvidos e sim para um deus. Ela não se intimida diante das acusações e se defende, alega que não o traiu, visto que era o próprio Anfitrião que esteve com ela, afirma que seu marido deveria envergonhar-se por ter abandonado as tropas para vim ter uma noite de amor e vigiá-la. Ainda acrescenta que, embora ele não acredite em deuses, uma profecia foi o suficiente para duvidar da virtude da sua esposa. O discurso indignado de Alcmena vence as justificativas de Anfitrião que recua e retifica o que havia dito anteriormente. Vencido, decide inventar uma nova desculpa. O general diz que não era ele que esteve em casa, mas sim Júpiter e que mentiu para defender sua honra de marido. Quando ouviu das sentinelas que tinham visto luzes e ouvido vozes, temeu que tivesse sido Creonte, mas ao descobrir que era Júpiter ficou aliviado. No entanto, precisava mostrar indignação e se fazer de ofendido, mesmo sabendo que se tratava de um deus.

Portanto, aqui, tem-se o reconhecimento de Alcmena e uma nova tentativa de Anfitrião de enganá-la novamente com o objetivo de sair ileso da situação. Este

reconhecimento faz-se necessário e está em consonância à trama dos fatos, estabelecendo uma conexão com a ação principal praticada por Anfitrião.

RECONHECIMENTO 2: Alcmena faz uma confissão que surpreende não apenas Anfitrião, mas também os leitores/espectadores da comédia:

ALCMENA: (olha-o, entre surpresa e comiserada, séria) Falaste muito, Anfitrião, falaste demais. E se eu te disser que desde o primeiro momento, desde que esbarrei com Júpiter nesta sala, eu vi que eras tu? E se eu te disser que me prestei a acompanhar-te até o fim da farsa? Se eu te disser que não sabes fazer o papel de Júpiter e só consegues fazer o papel do marido que suspeita? Se eu te disser que sabia, e te deixei na humilhação de um grotesco, porque me lisonjeava o teu pavor e me divertia ver-te simulando um deus em quem não crês? Eu sabia que eras tu, tolo. Eu sabia, general covarde.

(FIGUEIREDO, 1964, p.53-54).

Ao contrário do reconhecimento anterior, este não faz parte da ação principal. A ação descrita por Alcmena constitui um fato novo para Anfitrião e pode causar estranhamento inclusive nos próprios leitores/espectadores que não foram postos a par das intenções de Alcmena de maneira mais clara. A ação que ela confessa se desenvolvia à margem das outras ações e que não foram denunciadas. É um fato peculiar que suscita algumas observações e, portanto, duas interpretações. A primeira delas é que não é possível afirmar com convicção que Alcmena fala a verdade, pois em nenhum momento ela falou algo a respeito, nem à própria Tessala, quando estas conversavam a sós na A.S 16. Afirmar agora que já sabia de tudo pode representar uma forma de salvar-se da vergonha. A segunda interpretação sugere que ela esteja falando a verdade, o que significa que Alcmena divertia-se o tempo todo com a mascarada do marido. Desta forma, ela abandona o papel de fantoche para se tornar a que manipula. Invertendo-se os papéis, Anfitrião passa de agente manipulador para fantoche de sua esposa. Essa atitude não é difícil de conceber, já que Alcmena é bastante ardilosa e persistente, fato comprovado com suas ações. É possível suspeitar através de suas atitudes que a verdadeira intenção dela seja dar uma lição no marido ciumento, embora não verbalize durante a farsa para nenhum dos personagens nem por meio do “à parte” cênico. O perfil da esposa de Anfitrião revela ser o tipo de mulher que não cairia tão fácil no disfarce grosseiro e na má atuação do marido.

Há duas possibilidades de qualificar Alcmena, ou ela representa aquela que foi enganada e agora se utiliza da mentira para salvar a honra, ou aquela que enganou seu marido

fingindo enganar-se. Ao fim da cena ela ainda coloca o marido entre duas alternativas, ou ser um covarde ou um marido enganado.

**PERIPÉCIA:** Uma multidão se aglomera diante da casa de Anfítrião. As pessoas vêm aclamar o general pela vitória, mas também punir Alcmena pela infidelidade. Alegam que um homem dormiu com ela enquanto Anfítrião combatia e trazem pedras para atirar na adúltera. Com essa nova situação, Anfítrião não contava e este fato exige que ele tome uma decisão pública.

**DESFECHO:** Diante da situação inesperada, Anfítrião é obrigado a decidir entre ser um general respeitável e marido enganado ou um covarde por deixar as tropas e ir vigiar a esposa. Nessa última alternativa, ainda deixaria a amostra um defeito, sua insegurança, atributo que não é compatível com sua condição de general. Deste modo, opta pela primeira alternativa, prefere se passar por marido enganado. Além disso, ainda promete libertar Tessala e Sósia se prometerem nunca falar no que realmente se passou. Os seus criados aceitam e assim, ele se encaminha ao pórtico para fazer sua declaração:

**ANFITRIÃO:** Enquanto eu defendia Tebas, enquanto eu defendia os vossos lares, os vossos filhos, as vossas mulheres, alguém esteve aqui... e foi um milagre... foi Júpiter, Nosso Senhor! (exclamações “ah!”)

**DEMAGOGÓS:** Anfítrião então tu és...?

**ANFITRIÃO:** (interrompendo-o) Bolas, Demagogós. Sou o que tu pensas! Sou corno. Mas sou o herói desta cidade! (Vozes “Bravo!”)

(FIGUEIREDO, 1964, p.57).

O desfecho coloca Anfítrião em posição ainda mais ridícula que antes quando tentava enganar a esposa. Agora ele é obrigado a assumir diante de todos uma condição que antes temia e combatia de maneira obstinada. Embora não tenha sido traído, prefere assumir o papel de marido enganado por optar carregar a glória de um vencedor e livrar a esposa de uma condenação injusta. Assim, Anfítrião se sente um herói, no entanto, suas ações burlescas o tornam um herói cômico. Ele esconde por traz do título de general, um homem inseguro, temeroso e inconstante. O que motivou sua ação principal foi a insegurança, o medo de ser traído que foi provocado pelo elogio que Creonte dirigiu a sua mulher e uma profecia proferida por Tirésias, a qual antes zombara.. Foi sua ação que o destinou para esse desfecho e não o que dizia crer. Ele se tornou alvo de zombaria porque, além de agir de maneira contrária às suas convicções, foi o agente responsável por cumprir a profecia.

Alcmena saiu da situação de maneira triunfante, pois além de se livrar da sentença imposta pelos tebanos, será motivo de inveja como pretendia. Todos acreditarão que um deus escolheu a esposa de Anfitrião entre tantas mulheres, o representa bem-aventurança. Deste modo, ela se esquivava das acusações dirigidas inclusive pelo próprio marido. Porém o engano não desaparece completamente da peça, apenas encontra novo alvo que é o povo tebano que cai imediatamente nas falácias proferidas por Anfitrião.

## 5 “VOU ENCHÊ-LOS, A AMBOS, DE CONFUSÃO E DESATINO”: A COMPARAÇÃO ENTRE PLAUTO E GUILHERME FIGUEIREDO

A primeira diferença que é possível estabelecer entre *Anfitrião* de Plauto e *Um deus dormiu lá em casa* de Guilherme Figueiredo é com relação aos personagens. A primeira peça traz como personagens os deuses Júpiter e Mercúrio, estes imitam ações burlescas e sem motivações nobres. Este fato reforça as noções desenvolvidas por Aristóteles que a nobreza do personagem não é herdada pelo fator social ou político, mas sim através de sua moralidade que é adquirida por meio de escolhas. Embora sejam deuses, suas atitudes não são dignas desta condição. A ação principal é motivada pela incontinência sexual de Júpiter, o deus arma um estratagema com a finalidade de se satisfazer sexualmente. Logo, essa atitude constitui uma transgressão que pode ser qualificada como defeito de caráter, sua ação é delineada por um vício e não por uma virtude.

Enquanto na peça de Plauto os deuses são agentes manipuladores que interferem na vida dos mortais, em Guilherme Figueiredo não há presença de Júpiter nem Mercúrio. São os mortais que são postos em cena, senhores e criados se aliam com objetivos comuns. Anfitrião, importante general tebano se alia ao próprio criado com um objetivo torpe e, posteriormente, se alia à criada Tessala, oferecendo-lhe liberdade, caso vigie sua esposa. O general pretende vigiar Alcmena, temeroso de uma possível traição, o mesmo faz o escravo Sósia, que desconfia de sua amada Tessala. Os deuses não estão presentes de maneira corpórea como em Plauto, mas na fé do povo tebano e na devoção da esposa de Anfitrião. Além disso, os mortais Anfitrião e Sósia se disfarçam de Júpiter e Mercúrio, respectivamente, tirando proveito da fé desmedida das mulheres. A ação principal é praticada por um mortal disfarçado de deus e sua motivação é o ciúme. Em *Anfitrião* de Plauto ocorre o inverso, o deus Júpiter se metamorfoseia em mortal. Visto que Alcmena só cederia aos desejos do deus se acreditasse estar diante do marido, fato que reforça o caráter virtuoso da esposa de Anfitrião.

Portanto, no que se refere à ação principal e sua motivação, não há semelhança entre a peça de Plauto e a de Guilherme Figueiredo. As ações principais são praticadas por personagens distintos, na primeira por um deus, Júpiter, e na segunda por um mortal, Anfitrião. Além disso, os personagens têm motivações diferentes, como já foi apresentado. No entanto, convergem em um ponto, ambos são alvos de riso, tanto deuses quanto mortais agem de maneira ridícula conforme seus defeitos de caráter.

As ações praticadas pelas personagens revelam seu caráter e, sobretudo, são responsáveis por definirem personagens “tipo”, o que certifica o caráter geral da comédia, noção desenvolvida por Bergson (2007). Se estes personagens não representam tipos sociais, como no caso dos deuses Júpiter e Mercúrio, estes agem conforme o defeito mais expressivo. A Alcmena de Plauto, por exemplo, é a típica matrona romana, uma mulher respeitável de atitudes admiráveis e virtudes incontestáveis, Anfitrião é o general que faz o papel do marido enganado, o escravo Sósia o velhaco, medroso e atrevido. Júpiter age conforme a fama que possui de estabelecer relações extraconjugais com as mortais, metamorfoseando-se para realizar seus intentos, engravidando sua vítima.

Ainda a respeito das personagens tipo, a Alcmena de Guilherme Figueiredo representa a mulher da alta sociedade que tenta manter o status acima de tudo, é vaidosa e sensual, não costuma ser contrariada e, por isso, é insistente. Tais características divergem da Alcmena plautina. A personagem Anfitrião representa o típico marido ciumento que sempre associa os fatos como um terreno propício para ser vítima de engano e traição. Os escravos em *Um deus dormiu lá em casa* apresentam um papel de destaque, estes assumem atitudes ousadas para sua condição. A criada Tessala não se menospreza nem se inferioriza, chega a disputar com a patroa os olhares do rei Creonte. Afirma que ele estava interessado nela e não por Alcmena. Em outra cena, pede para trocar de quarto com senhora, pedido que é prontamente atendido. Além disso, o escravo Sósia assume função importante ao lado de Anfitrião, servindo de cúmplice do patrão. Com efeito, o papel de destaque desempenhado pelos escravos também é conferido a Alcmena que, diferentemente da personagem de Plauto, é revestida de determinada astúcia.

Outra noção desenvolvida por Aristóteles diz respeito à subordinação do caráter às ações. As personagens imitam ações dotadas de certas características morais. Portanto a ação é burlesca quando quem a pratica possui um defeito de caráter ou, como infere Bergson (2007), uma virtude insociável, de modo que não se enquadre nas normas sociais vigentes. Nas peças analisadas, as personagens agem conforme seus defeitos de caráter, o deus Júpiter da peça de Plauto e o general Anfitrião de Guilherme Figueiredo confirmam esta ideia. No entanto, em *Um deus dormiu lá em casa*, há uma particularidade que contribui para reforçar a superioridade das ações, a qualidade de ímpio atribuída a Anfitrião é estabelecida a partir de suas falas e das declarações de sua esposa. A impiedade do general é uma qualidade que não tem o poder de definir o curso das ações, esse poder é conferido às ações praticadas pelo

general. Foram suas atitudes contraditórias às falas anteriores que o conduziram para determinado desfecho.

No tocante às ações, o cômico pode ser produzido por meio de efeitos, os quais se encontram aliados a outros. Tanto em Plauto quanto em Guilherme Figueiredo é possível encontrar a repetição cômica associada ao efeito mecânico produzido pela caixa de surpresas, noções inferidas Bergson (1997). Esses efeitos sugerem um arremedo mecânico que contrasta com o curso mutável da vida. Na primeira cena da peça plautina, a obstinação de Sósia, criado de Anfitrião, é cessada por uma força que o reprime. O efeito de mola é garantido pelas tentativas frustradas de Sósia que tenta defender sua identidade, mas se vê obrigado a recuar ao ser reprimido pelos socos de Mercúrio. A agressão se repete sempre que o escravo tenta se defender. A repetição cômica e o efeito de mola também são produzidos na peça de Guilherme Figueiredo, na cena praticada por Tessala. A criada é arrastada três vezes até o quarto por Sósia a mando de Anfitrião e duas vezes ela aparece subitamente em cena relutante contra os dois repressores. Logo, as cenas descritas de *Anfitrião* e *Um deus dormiu lá em casa*, demonstram um conflito entre duas obstinações, das quais uma acaba cedendo à outra. Deste modo, quem vence a luta se diverte às custas do perdedor.

Outro elemento próprio da ação cômica e bastante presente nas peças analisadas é o engano, ocasionado por meio de artifícios, ardis forjados por alguns personagens contra outros com alguma pretensão. Em *Anfitrião*, nota-se que na maioria das cenas existe a presença de Júpiter ou Mercúrio, estes praticam ações que confundem os outros personagens. Os deuses assumem o papel de agentes manipuladores da ação, atitude que gera o mal entendido e o falso julgamento dos demais. Nas cenas que eles não estão presentes, a confusão é ocasionada pelas vítimas que já caíram na cilada e não conseguem se entender. O engano ocorre quando há uma tentativa de racionalizar os fatos na busca de uma justificativa plausível, isto induz as personagens a uma falsa lógica. Por exemplo, Anfitrião acredita que seu criado Sósia está mentindo ao relatar ter visto outro Sósia na frente de casa, outro fato é acreditar que Alcmena está perdendo o juízo ou o traiu com outro homem em plena consciência, e ainda, o falso julgamento também ocorre quando sua esposa acredita que também é alvo de brincadeira de Anfitrião.

O engano se apresenta de maneira complexa em *Um deus dormiu lá em casa*, pois os papéis de enganador e enganado se alternam. No entanto, assim como na peça plautina, também existe a presença de um agente manipulador que conduz as ações dos demais e que

com isso se diverte. A mecânica presente neste evento sugere a ideia de fantoches que são conduzidos pela ação de outrem. Com estas observações, nota-se que o efeito de fantoche não corresponde a um quiproquó teatral, pois para que esse efeito fosse produzido, seria necessário que os personagens envolvidos na ação conhecessem apenas uma versão dos fatos. Aqui, tem-se uma manipulação, portanto, o personagem que engana conhece todas as faces da situação, pois as ações foram forçadas por ele.

Na peça de Plauto, há um encadeamento de ações, o qual o leitor ou espectador consegue acompanhar a sequência, tudo é posto em cena, de modo que conhecemos a intenção dos personagens que às vezes verbalizam e justificam ações futuras. Este fato garante que os leitores se coloquem ao lado dos espertos que conhecem todas as faces da ação em curso. Em *Anfitrião* é apresentada de maneira clara a motivação de Júpiter, que age motivado por sua incontinência sexual. Outro dado importante é que Mercúrio faz algumas interferências na peça. Esta atitude cumpre um papel esclarecedor para os leitores/espectadores, pois o deus justifica determinadas ações de Júpiter e adianta outras ações que virão. Os fatos que se seguem ocorrem tal qual já havia sido verbalizado e o reconhecimento ocorre para esclarecer todo engano ocasionado.

MERCÚRIO: [...] Vou enchê-los, a ambos de confusão e desatino, e, também, a todos os da casa, até que meu pai se farte da amada: só então, pois, é que todos eles hão-de saber o que se passou. No fim Júpiter restabelecerá a concórdia entre Alcmena e o marido. É que Anfitrião vai começar por fazer uma cena à mulher e acusá-la de adultério. Mas, depois, meu pai trará a bonança a seguir à tempestade [...].

(PLAUTO, 2006, p. 84, vv. 469-480).

Mercúrio faz um resumo de ações futuras. O que foi exposto aqui constitui apenas um fragmento de um texto maior, no qual ele ainda faz menção ao parto de Alcmena que dará a luz aos gêmeos, filhos de Anfitrião e Júpiter. A fala apresentada oferece, aos leitores/espectadores da comédia, a possibilidade de se colocarem ao lado dos espertos, Júpiter e Mercúrio. Esta mesma atitude é adotada por Brómia, velha escrava de Anfitrião, que estabelece uma espécie de monólogo no qual narra as ações que ocorreram durante o parto de Alcmena. Já na peça de Guilherme Figueiredo, os personagens não adotam essa postura, as ações se desenvolvem sem o prenúncio e os espectadores não conhecem as verdadeiras intenções dos personagens. Quando Alcmena confessa que desde o primeiro momento que Anfitrião entrou em casa já sabia que era seu marido e não um deus, provoca surpresa. No transcorrer das ações, pode-se desconfiar dessa possibilidade, mas o fato só é confirmado

posteriormente por Alcmena. Com isto, constatou-se que algumas ações e intenções foram ocultadas, até para os leitores e espectadores da comédia.

Quanto ao engano, em Plauto, tem vítimas pré-determinadas, conforme a trama dos fatos. Júpiter com a ajuda de Mercúrio envolve as personagens em equívocos com o objetivo de concretizar seu plano. Os alvos são Alcmena, o general Anfitrião e o criado Sósia. O reconhecimento encerra todos os maus entendidos. Em *Um deus dormiu lá em casa*, o engano alterna entre as personagens. Anfitrião e Sósia armam o arдил contra Alcmena e Tessala que são manipuladas como fantoches, a situação se inverte quando a esposa do general confessa que já sabia de tudo, mas divertia-se com o disfarce forjado pelo marido. Após o reconhecimento, todos se unem com o propósito de enganar a cidade inteira para livrar Alcmena da condenação do suposto adultério e preservar a honra de Anfitrião como general.

Outra fonte inesgotável de riso fácil é o anacronismo intencional, apontado por meio de nota na peça plautina. Na primeira cena de *Anfitrião*, Sósia surge em cena com uma lanterna e se dirige a casa de Anfitrião para dar o recado sobre o término da guerra para Alcmena, ele manifesta o medo por ser muito tarde da noite e estar sozinho na rua:

SÓSIA: [...] Que hei-de eu fazer, se agora a **guarda noturna** espetar comigo na choça? Amanhã tiram-me de lá, como de um celeiro, para a malha... A mim, não me deixarão que me explique; de meu amo não terei qualquer auxílio; e não haverá uma só pessoa que não afirme: “É muito bem feito!” – enquanto oito tipos, dos valentes, martelam nos meus pobres costados como numa bigorna [...].

(PLAUTO, 2006, p. 61, vv. 155-159, grifo nosso)

Sósia ao mencionar a guarda noturna faz alusão aos triúnviros, encarregados do policiamento das ruas da cidade e das prisões, na Roma de Plauto. O anacronismo está nesta transposição, pois a ação da comédia decorre nos tempos heroicos da gestação e nascimento de Hércules. Na comédia *Um deus dormiu lá em casa* também é possível encontrar anacronismo em duas falas de Anfitrião. A primeira delas é proferida na A.S. 11, quando Alcmena oferece hidromel ao marido disfarçado de Júpiter:

ANFITRIÃO: Tenho mesmo que beber? Mas isto é horrível!

ALCMENA: Horrível? Mas é a tua bebida, a única que bebes!

ANFITRIÃO: É verdade, é verdade... Mas quando estou na pele de um mortal, tenho horror a esses **refrigerantes** celestes...

(FIGUEIREDO, 1964, p. 29, grifo nosso)

A palavra “refrigerante” destoa do período representado na comédia, há uma transposição ao fazer referência a uma bebida que não existia na época que a ação da peça decorre.

Portanto, ações cômicas em Anfitrião se apresentam, sobretudo, na confusão, nos mal-entendidos ocasionados pelo engano. A comicidade em Guilherme Figueiredo está presente no fato do disfarce de Anfitrião e Sósia se apresentar ridículo, na tentativa do general querer se passar por um deus que não acredita, nas más atuações dos falsos deuses e nas investidas de Alcmene, que deseja se entregar ao deus mais por vaidade feminina que por dever de religião. Embora suas ações sejam justificadas por ela como devoção e sacrifício. Sua crença nos deuses se mostra como uma desculpa para fugir de certas regras sociais, sobretudo a que estabelece fidelidade entre casais. O general Anfitrião assume atitude transgressora quando alega não crer que os deuses existem em uma sociedade piedosa, mas logo se mostra em contradição por agir de maneira contrária ao que defendia por causa do ciúme desmedido. A transgressão também é encontrada na sua atitude de deixar as tropas, abandonando sua missão de ofício, para cuidar de algo particular.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comicidade de um espetáculo cênico não é obtida apenas através das ações das personagens, mas também por meio de gestos, caretas ou a mudança no tom das falas, por exemplo. No entanto, esses elementos dependem mais do espetáculo cênico e da atuação dos atores, podendo ser alterado sem grandes modificações na trama ou intriga. Ao passo que a ação é passível de análise porque depende diretamente da destreza do poeta/escritor e está relacionada com a trama dos fatos. A ação é capaz de conduzir as personagens para um fim, o que a torna mais importante que os outros elementos da imitação, como já foi inferido por Aristóteles e comprovado ao longo das análises deste trabalho.

Concedida a devida importância às ações, observou-se que não foi possível dissociá-las dos agentes que as praticam. Ambos estabelecem uma relação intrínseca, de modo que a ação será cômica tanto se praticada por um personagem que possui um defeito de caráter, quanto por um personagem que apresenta uma virtude insociável, como infere Bergson (2007). Nas peças analisadas é o defeito de caráter que se sobressai, as personagens praticam ações sem motivações nobres. Foi possível comprovar que a nobreza de uma ação depende da moralidade do personagem e não de sua condição social nem política. A peça *Anfitrião* põe em cena deuses agindo de maneira ridícula. A ação principal é motivada por um vício, a incontinência sexual de Júpiter não é nobre, mas promíscua. Além disso, o ciúme exacerbado e a insegurança do Anfitrião de Guilherme Figueiredo, o coloca como alvo de zombaria. Tanto a comédia clássica quanto a moderna colocam em cena a moral das personagens e o riso assume o papel de ridicularizá-la e reprimir os desvios de caráter e conduta.

Confirmado a superioridade das ações ao caráter, pode-se perceber que as ações das personagens as tornam personagens “tipo”. Cada personagem possui um defeito de caráter que se sobressai e a torna caricata. Os tipos sociais estão intimamente ligados à sociedade a qual se pretendeu representar. A típica matrona romana, o marido enganado, a mulher da alta sociedade que tenta manter o status acima de tudo, o marido ciumento etc.

No que se refere às peças *Anfitrião* de Plauto e *Um deus dormiu lá em casa* de Guilherme Figueiredo, embora a primeira tenha inspirado a segunda, tanto a intriga, quanto os agentes manipuladores e o que motiva suas ações diferem. As ações principais conduzem as

secundárias para diferentes desfechos. Em *Anfitrião*, todos os enganos são solucionados, já em *Um deus dormiu lá em casa*, o engano alterna para outros personagens.

O que a peça clássica tem em comum com a moderna é o fato de ambas apresentarem os elementos que as tornam comédias. Representam ações anódinas que não provocam dor nem sofrimento nos espectadores. As personagens agem conforme o caráter e põem em cena atitudes ridículas, além disso, transparecem uma moral questionável e transgressora. Para estas atitudes a penalização é o riso que parte dos leitores/espectadores. Outro elemento próprio da comédia é o tipo de desfecho, este destina as personagens para a amizade entre eles e não para a inimizade nem desdita, característica encontrada tanto na peça de Plauto quanto de Guilherme Figueiredo. Logo, a distinção está, sobretudo, na trama dos fatos e no papel desempenhado pelos personagens.

A comédia clássica de Plauto e a moderna de Guilherme Figueiredo estabelecessem uma intertextualidade. As ações principais são praticadas são motivadas por desejos e personagens distintos e a comicidade das ações se encontra em diferentes efeitos que não se encontram sozinhos, mas geralmente combinados a outros. Cada peça possui sua particularidade, o que garante que nenhuma seja anulada em face da outra.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **O riso e o risível** na história do pensamento. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa. Porto Alegre: Editora Globo, 1966.

BERGSON, Henri. **O riso**: Ensaio sobre a significação da comicidade. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo; Martins Fontes, 2007.

CARDOSO, Zelia de Almeida. **O Anfitrião, de Plauto**: uma tragicomédia? Itinerários, Araraquara, n. 26, p.15-34, 2008. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/viewFile/1167/947>> Acesso em: 19 fev. 2015.

CARLSON, Marvin. **Teorias do teatro**: estudo histórico-crítico, dos gregos à atualidade. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

D'ANGELI, Concetta; PADUANO, Guido. **O cômico**. Tradução de Caetano Waldrigues Galindo. Curitiba: Editora UFPR, 2007.

DOURAR a pílula. In: R7: Educação. Dicionário Informal Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/dourar%20a%20p%C3%ADlula/>>. Acesso em: 18 abr. 2016.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Guilherme Figueiredo**. São Paulo. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa212882/guilherme-figueiredo>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

FIGUEIREDO, Guilherme. Um deus dormiu lá em casa. In: **Um deus dormiu lá em casa, A raposa e as uvas, Os fantasmas e a muito curiosa história da virtuosa matrona de Éfeso**: quatro peças de assunto grego. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1964. p.7-58.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. Introdução. In: **Estudos de História da Cultura Clássica II volume – Cultura Romana**. 3 ed. Lisboa: Serviço de educação e bolsas Fundação Calouste Gulbenkian, 2002. p.13-102.

PLAUTE. Tome I: Amphitryon - Asinaria - Aulularia. In: **Comédias**. Texto établi et traduit par Alfred Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 2003. p. 30.

PLAUTO. Anfitrião. In: **Plauto Comédias I**. Introdução, tradução do latim e notas de Carlos Alberto Louro Fonseca, Aires Pereira do Couto, Walter de Medeiros, Cláudia Teixeira e Helena Costa Toipa. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006. p.55-140.

## ANEXO A – ANFITRIÃO

*Título:* Comédias  
Vol. I

*Autor:* Plauto

*Edição:* Imprensa Nacional-Casa da Moeda

*Concepção gráfica:* Branca Vilallonga  
(Departamento Editorial da INCM)

*Revisão do texto:* Paula Lobo

*Tiragem:* 800 exemplares

*Data de impressão:* Janeiro de 2006

*ISBN:* 972-27-1429-5

*Depósito legal:* 235 512/05

# PLAUTO

## COMÉDIAS

I

ACERVO PARTICULAR  
Rinaldo J. A. Brandão  
rinaldobrandao@hotmail.com

Introdução geral de AIRES PEREIRA DO COUTO

Introdução, tradução do latim e notas  
de CARLOS ALBERTO LOURO FONSECA, AIRES PEREIRA DO COUTO,  
WALTER DE MEDEIROS, CLÁUDIA TEIXEIRA  
e HELENA COSTA TOIPA

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA  
2006

## ANFITRIÃO

*PERSONAGENS:*

MERCÚRIO, deus, filho de Júpiter  
SÓSIA, escravo de Anfitrião  
JÚPITER, deus  
ALCMENA, esposa de Anfitrião  
ANFITRIÃO, general, casado com Alcmena  
BLEFARÃO, timoneiro  
BRÓMIA, velha escrava de Anfitrião

#### ARGUMENTO I

Júpiter, sob a aparência de Anfitrião, que andava em guerra contra os Teléboas, tirou-lhe a esposa, Alcmena, e dela desfrutou. Mercúrio assume o aspecto do escravo Sósia, também ausente; Alcmena cai na esparreta. Ao regressarem a casa, o verdadeiro Anfitrião e o verdadeiro Sósia são, um e outro, objecto de uma troça extraordinária. Daqui nascem as discussões e a confusão entre marido e mulher, até que Júpiter, fazendo ouvir do alto do céu a sua voz no meio de um trovão, confessa o seu adultério.

#### ARGUMENTO II \*

Júpiter, tomado de amores por Alcmena, transfigurou-se no marido dela, Anfitrião, que andava na guerra em defesa da pátria. Mercúrio secunda Júpiter, sob a aparência do escravo Sósia. Quando patrão e criado regressam a casa, são enganados. Anfitrião arma chinfrim com a mulher, e os dois maridos acusam-se mutuamente de adultério. Blefarão, escolhido como juiz da contenda, não é capaz de deslindar qual dos dois é o verdadeiro Anfitrião. Por fim, tudo se esclarece, e Alcmena dá à luz dois gémeos.

---

\* Em acróstico, no original latino.

*A cena representa a fachada da casa de Anfitrião na cidade de Tebas, da Beócia. À esquerda, o caminho que conduz ao porto; à direita, o que dá para o foro.*

#### PRÓLOGO

MERCÚRIO

Quando se trata de comprar ou de vender mercadorias, querem vocês que eu lhes seja propício e lhes dê ganhos e os ajude em todos os negócios e, a contento, lhes resolva as traficâncias e as contas, | tanto cá na terra como fora dela; querem 5 que floresçam, sem parar, com chorudo e abundante lucro, as transacções que empreenderam ou vão empreender; querem que lhes dê, a vocês e a todos os vossos, notícias de estalo, e | que traga e que anuncie o que haja de melhor para o vosso 10 caso. É que vocês, certamente, já sabem que os outros deuses me impingiram o encargo de estar à testa das notícias e dos lucros<sup>1</sup>. Pois, assim como vocês querem que eu aprove tudo isto e me empenhe para que o dinheiro lhes venha sempre às mãos, | estejam caladinhos, em troca, durante o espectáculo, e 15 assim serão todos aqui juízes imparciais e honestos. Agora, vou dizer-lhes quem me mandou e ao que vim, e, ao mesmo tempo, revelar o meu nome. Estou aqui por ordem de Júpiter; o meu nome é Mercúrio. | Foi meu pai quem me enviou a este 20

---

<sup>1</sup> Filho de Zeus/Júpiter e de Maia, Hermes/Mercúrio alude, neste passo, a duas das suas principais funções: a de mensageiro dos deuses e a de protector do comércio (e dos ladrões).

lugar, para lhes fazer um pedido, apesar de saber que uma  
palavra sua é uma ordem para vocês, pois não ignora que o  
respeitam e o temem. E é justo: trata-se de Júpiter... Mas, pelo  
25 sim ou pelo não, ordenou-me | que lhes fizesse a deprecada  
com jeito, com brandura, em suma, com boas palavras. É que  
o Júpiter, que me mandou cá, ter convosco, também tem medo,  
não menos que qualquer um de vocês: filho de mãe mortal e  
de pai de raça humana<sup>2</sup> não é para admirar que ele as corte! |  
30 E eu cá, que sou filho de Júpiter, por contágio de meu pai, tam-  
bém não sou dos mais afoitos, não...! Por isso venho em paz e  
paz vos trago. Quero pedir-vos uma coisa simples e justa<sup>3</sup>. Na  
verdade, sou um delegado justo, justamente enviado por gente  
35 justa; | pois fica mal reclamar injustiças de quem é justo, mas é  
estupidez pedir justiça aos injustos: é que os ditos tratantes  
ignoram e não observam a justiça. Ora, voltem já para cá to-  
dos a atenção, para isto que vou dizer. Que a nossa vontade  
40 seja a vossa: temo-nos portado bem, | eu e meu pai, para  
convosco e para com o Estado. Eu cá tenho visto, nas tragédi-  
as, os outros deuses — Neptuno, a Virtude, a Vitória, Marte,  
Belona — a relatarem o bem que a vocês têm feito; mas eu para  
45 que hei-de recordar que, de todos esses benefícios, | o obreiro  
é meu pai, que é soberano dos deuses? Mas ele nunca teve o  
mau hábito de lançar à cara de pessoas de bem o bem que lhes  
tenha feito: parece-lhe natural que lhe estejam gratos e, mere-  
cidamente, a vocês faz o bem que faz. | Ora o pedido que aqui  
50 me traz é o que primeiro vou declarar; depois, exporei o argu-  
mento desta tragédia. Mas por que é que franziram a testa? Por  
ter falado de tragédia?... Sou um deus: posso dar-lhe uma re-  
55 viravolta. Se quiserem, transformo-a de tragédia | em comédia,  
sem mudar um único verso. Então, querem ou não querem?...  
Mas que grande parvo! Como se eu não conhecesse muito bem  
os vossos desejos, eu, que sou um deus! Sei bem o vosso pen-

---

<sup>2</sup> Zeus/Júpiter, dado aqui como filho de pais humanos — referên-  
cia ao actor, que não à divindade —, era, segundo a mitologia grega, fi-  
lho de Cronos e de sua irmã e esposa Reia.

<sup>3</sup> Note-se neste verso (33) e seguintes o jogo de palavras *justa...  
justo, justamente... justa... injustiças... justo... justiça... injustos... justiça*,  
muito do agrado de Plauto (cf. vv. 172-174, 247 e 278; e ainda *O Soldado  
Fanfarrão*, vv. 436-438).

sar a este respeito! Vou mas é fazer que seja uma comédia com  
uma pitada de trágico, pois não | creio que seja justo fazer uma 60  
comédia de fio a pavio, quando nela intervêm reis e deuses.  
Pois quê?! Já que há nela, também, um papel de escravo, vou  
fazer tal e qual como disse: uma tragicomédia. Mas vamos lá  
ao pedido. Júpiter ordenou-me que lhes solicitasse o seguin-  
te: | que os inspectores vão de lugar em lugar, por toda a as- 65  
sistência. Se apanharem algum espectador a fazer claque por  
alguém, tirem-lhe, aí mesmo, a roupa: fica a servir de fiança.  
Se alguém fizer propaganda a favor deste ou daquele comedian-  
te | ou actor — com cartaz ou em pessoa ou por um interme- 70  
diário — ou se até os edis derem o prémio por compadrio a  
alguns deles, Júpiter ordena que o castigo seja o mesmo que para  
as trifulhices eleitorais em proveito próprio ou alheio. | Disse 75  
ele que vocês têm alcançado vitórias com o vosso valor, não  
com manigâncias e traições; e porque não há-de ser a mesma,  
a lei para o comediante e para o manda-chuva?! Candidatura  
com honestidade, sim; com cabalas, não! Tem sempre um ror  
de partidários o que procede com lisura, | contanto que sejam 80  
conscienciosos aqueles de que dependem os juízos. Mas Júpi-  
ter encarregou-me de mais o seguinte: que haja inspectores  
também para os comediantes. Aos que tenham encarregado a  
claque de os aplaudir ou feito que um colega agrade menos, | 85  
façam-lhes às tiras a roupa — e o coirão. Não se admirem de  
Júpiter se ocupar agora dos actores. É natural que assim seja:  
Júpiter, em pessoa, vai representar nesta comédia. Mas que  
admiração é a vossa?! Como se fosse hoje um espectáculo real-  
mente novo, | Júpiter a fazer de actor! Então, o ano passado, 90  
quando aqui, em cena, os actores invocaram Júpiter, ele não  
apareceu e não os ajudou? <sup>4</sup> Demais, é certo que ele aparece  
nas tragédias. Esta peça, repito, será Júpiter, em pessoa, a  
representá-la hoje aqui, | e eu com ele. Ora atenção, enquanto 95  
exponho o argumento da comédia. Esta cidade é Tebas; naque-  
la casa, ali, mora Anfitrião, que nasceu em Argos de pai argivo;  
é casado com Alcmena, filha de Electro. | Neste momento, An- 100  
fitrião está à frente do exército, porque os Tebanos andam em

---

<sup>4</sup> Provável alusão a uma peça em que Júpiter surgia em cena como um *deus ex machina*.

guerra com os Teléboas. Antes de se ir daqui para a tropa, o tipo engravidou a mulher, Alcmena. Ora, creio que vocês sa-  
105 bem como é meu pai, como ele, em casos destes, | não se pinta nada para fazer a sua perninha e, quando a coisa lhe agrada, como logo fica todo embeijado. Júpiter começou de amores com Alcmena, às escondidas do marido, meteu-se com ela, e com proveito, e, tantas lhe deu que... ei-la também grávida  
110 dele! | Ora, para que estejam perfeitamente senhores da situação, sempre vos digo que Alcmena está grávida de ambos, do marido e do deus supremo, Júpiter. E meu pai está, neste momento, aqui dentro, na cama com ela e, por esse motivo, foi esta noite prolongada: é o que acontece, sempre que ele está  
115 no gozo com qualquer fulana do seu agrado. | Mas ele disfarçou-se por forma a parecer Anfitrião. Ora, quanto ao meu vestuário, não se espantem por eu ter vindo assim para aqui em traje de escravo. É uma história velha e relha que eu lhes vou apresentar, mas remoçada; foi por isso que eu me apresentei  
120 com este vestuário desusado. Aqui dentro, | nesta ocasião, está precisamente meu pai, Júpiter. Transformou-se na figura de Anfitrião, e todos os criados, ao vê-lo, pensam que ele é o patrão: tal é a sua habilidade para mudar de pele, quando lhe dá na real gana! No meu caso, tomei a aparência do escravo Só-  
125 sia, | que foi daqui com Anfitrião para a tropa: assim posso ser prestável aos amores de meu pai, sem que a criadagem, ao verme, aqui em casa, a cirandar de um lado para o outro, me pergunte quem sou. Ora, como julgam que eu sou escravo e  
130 colega seu, | ninguém me pergunta quem sou ou ao que vim. Nesta altura, o meu pai está aqui dentro a satisfazer os seus desejos. Está na cama, todo agarradinho ao objecto da sua violenta paixão. São as suas façanhas em combate que o meu querido pai está a relatar a Alcmena! Esta toma-o pelo marido, |  
135 mas com um amante é que ela está. Precisamente neste momento, meu pai está a contar como pôs em fuga as legiões inimigas e de que modo recebeu, por prémio, uma data de despojos. Esses despojos, que foram lá oferecidos a Anfitrião, nós é que os trouxemos para cá: meu pai faz tudo o que quer, sem  
140 problemas. | Mas hoje Anfitrião vai regressar da guerra, e também o criado, aquele de quem eu tomei a aparência. Ora, para que possam distinguir-nos mais facilmente, eu trarei sempre estas duas asinhas no chapéu; sob o do meu pai haverá um

cordão de ouro, | distintivo que faltará no de Anfitrião. Essas 145  
insígnias, ninguém daqui de casa as poderá ver; mas vocês,  
sim. Mas ali está Sósia, o escravo de Anfitrião: vem a chegar  
do porto com uma lanterna. | Mal ele se aproxime, enxoto-o de 150  
casa. Espectadores, muita atenção: vai valer a pena observar  
Júpiter e Mercúrio a fazerem comédia.



ACTO I

CENA I

SÓSIA MERCÚRIO

SÓSIA (*surgindo da esquerda, com uma lanterna na mão*)

Haverá alguém mais atrevido ou mais estouvado do que eu? Conhecendo os lindos hábitos, de certos jovens, ando para aqui, na rua, sozinho, a estas horas da noite! | Que hei-de eu 155  
fazer, se agora a guarda nocturna<sup>5</sup> espetar comigo na choça? Amanhã tiram-me de lá, como de um celeiro, para a malha...<sup>6</sup> A mim, não me deixarão que me explique; de meu amo não terei qualquer auxílio; e não haverá uma só pessoa que não afirme: «É muito bem feito!» — enquanto oito tipos, dos valentes,

---

<sup>5</sup> Exemplo de anacronismo intencional. De facto, a acção da comédia, que, em princípio, decorre nos tempos heróicos da gestação e nascimento de Hércules, é transposta para a Roma de Plauto, com a simples alusão aos *tresviri*, «triúviro encarregados do policiamento das ruas da Cidade e do serviço das prisões». O anacronismo tem sido, e continuará a ser, uma fonte inesgotável de cómico fácil. Entre os inúmeros exemplos que poderíamos citar, recordaremos apenas um muito recente: o da série da televisão britânica *Up Pompeii!* (*Viva Pompeios!*), condensada num filme que passou entre nós com o mesmo título (veja-se *infra* n. 15).

<sup>6</sup> No original, *ad flagrum*. Note-se que, em português, o verbo *malhar* e o deverbal *malha*, além de exprimirem a acção de debulhar com o mangual, são vulgarmente usados com o sentido de «sovar» e «dar (ou apanhar) uma sova».

martelam nos meus pobres costados como numa bigorna... |  
160 É esta, ao chegar de tão longe, a recepção<sup>7</sup> que o Estado me  
reserva! Mas são os destemperos do meu patrão que me obri-  
gam a isto: mandar-me dar um recado, a estas horas da noite,  
165 bem contra minha vontade!... | Não podia mandar-me cá de  
dia?! É por estas e por outras que é duro ser escravo de um  
homem importante, e o criado de um rico é ainda mais des-  
graçado: noite e dia, sem parar, há sempre um ror de coisas a  
170 fazer e a dizer, que não o deixam estar de quedo. | O patrão,  
como é rico e não sabe o que é trabalho ou fadiga, julga que se  
pode fazer tudo o que lhe vem ao miolo; pensa que é justo,  
sem ter em conta o trabalho que a coisa dá e sem se incomo-  
dar se as suas ordens são justas ou injustas. É por isso que  
175 tantas injustiças recaem sobre quem é escravo. | Mas este fardo  
é preciso agarrá-lo e aguentá-lo com todas as suas penas.

MERCÚRIO (*à parte*)

Mas sou eu quem assim se deve lamentar da escravidão:  
ainda hoje era livre e agora meu pai sujeitou-me a ser escravo.  
E é aqui este tipo, escravo de nascença, quem se queixa! |

SÓSIA (*sem ver Mercúrio*)

180 Mas eu cá sou mesmo um estupor de um escravo! Lem-  
brei-me eu ao menos, assim que cheguei, de dar graças e fazer  
uma prece aos deuses pela protecção que me foi concedida?!  
Bolas! Se eles se dessem ao cuidado de castigar a minha con-  
duta, encarregariam algum fulaninho de me esmurrar as ven-  
tas a preceito, logo à chegada, por ingratidão e indiferença pelo  
bem que me fizeram. |

MERCÚRIO (*à parte*)

185 Aquele, ali, faz o que não é corrente: reconhece o que  
merece.

---

<sup>7</sup> Alusão cômica à prisão.

SÓSIA (*sem ver Mercúrio*)

O que eu nunca esperei que me acontecesse, nem eu nem nenhum dos nossos, foi o que nos saiu na rifa: regressarmos a casa sãos e salvos. Os inimigos foram vencidos, as nossas legiões tornam à pátria vitoriosas, pôs-se cobro a uma terrível guerra e os adversários foram exterminados. | Aquela cidade, 190 que ao povo tebano tantas mortes pungentes causou, venceu-a e conquistou-a o vigor e o valor dos nossos soldados, principalmente graças ao meu amo Anfitrião, seu comandante-chefe; aos seus encheu ele de despojos, de terras e de glória, e a Creonte, rei de Tebas, consolidou o reino. | Mandou-me ele à 195 frente, do porto a casa, para anunciar à mulher tudo isto: como ele serviu a pátria, com a sua direcção, o seu comando e a sua autoridade. Ora deixem-me cá mas é pensar de que modo lhe vou contar tudo isso, assim que chegar ao pé dela. De resto, se pregar uma peta, nisso já eu sou useiro e vezeiro! É que quanto mais eles lutavam, mais eu me punha a cavar! | Vou mas é 200 fingir que assisti a tudo e dizer o que ouví contar. Mas, primeiro, quero cá ensaiar com o meco as maneiras e as palavras que convêm ao meu papel. Vou começar assim: apenas lá chegámos e mal pusemos o pé em terra, logo Anfitrião escolheu a fina-flor dos chefes. | Manda-os de embaixada, com a missão 205 de transmitir aos Teléboas as suas disposições: se quisessem entregar, sem violência e sem guerra, o produto dos roubos e os roubadores, em suma, restituir tudo o que tinham levado, ele reconduziria imediatamente o exército à pátria, os Argivos abandonariam os campos, e deixá-los-ia em paz e sossego; mas se as suas intenções fossem outras e não acedessem às condições propostas, | ele atacar-lhes-ia a cidade com um grande poder de homens. Mas assim que os chefes designados por Anfitrião repetiram isto aos Teléboas, tintim por tintim, estes valentões, fiados no próprio valor e vigor, desatam a insultar os nossos enviados com uma soberba e uma fúria até mais não, respondendo que a guerra era o único meio possível de se protegerem, a si e aos seus; por isso que os nossos se pusessem imediatamente | a mexer das suas terras com o exército. Mal 215 os enviados trouxeram a resposta, logo Anfitrião faz avançar a tropa toda para fora do acampamento; pelo seu lado, os Teléboas fazem sair da cidade as suas legiões estupendamente ar-

220 madas. Depois de se ter saído a terreiro de ambos os lados, com  
todas as forças, | os homens dispõem-se em linha, dispõem-se  
as fileiras: nós formámos as nossas legiões segundo os nossos  
usos e a nossa tática; os inimigos, pelo seu lado, à sua manei-  
ra. Seguidamente, os comandantes de ambas as partes encon-  
tram-se ao meio e vai de discutir fora da chusma das hostes. |  
225 Chegam ao seguinte acordo: a parte vencida naquela batalha  
entregar-se-ia, a si, à cidade, ao território, aos templos e às  
casas. Feito isto, trompejam as trompas de ambos os lados;  
retumba a terra; de um lado e de outro ergue-se a grita. Am-  
bos os comandantes fazem, de um lado e de outro, promessas  
230 a Júpiter, | ambos exortam os seus soldados. Então, cada um,  
por seu turno, dá mostras do que pode e do que vale; fere o  
ferro; despedaçam-se as lanças; ressoa o céu com o fragor da  
peleja; do bafo arquejante dos soldados uma névoa se forma;  
235 cai-se sob a violência dos golpes e dos embates. | Por fim, como  
era desejo nosso, os nossos homens alcançam vantagem; os ini-  
migos caem como moscas; os nossos, por seu lado, aumentam  
a pressão. O valor vence a arrogância. Contudo, ninguém dá  
às de viladiogo ou abandona o posto: é de pé firme que cum-  
240 prem o seu dever; | preferem morrer a ceder terreno: cada um  
caí no seu posto, sem perturbar a ordem. Ao ver isto, o meu  
amo, Anfitrião, dá logo ordem para avançar a cavalaria pelo  
flanco direito. Os cavaleiros surgem num ápice, carregam da  
245 direita | com enorme alarido, fúria e entusiasmo; desbaratam e  
esmagam, com justiça, a injustiça das tropas inimigas.

MERCÚRIO (*à parte*)

Até aqui ainda não espetou nenhuma galga: eu estive lá  
em pessoa, enquanto se combatia; e meu pai também. |

SÓSIA

250 Os inimigos batem em retirada; aumenta, então, o ânimo  
dos nossos. As costas dos Teléboas ouriçam-se de dardos, e é  
Anfitrião em pessoa quem liquida o rei Ptérelas, por suas pró-  
prias mãos. Esta foi a luta que lá se travou de manhã até à  
noitinha: lembro-me de tudo muitíssimo bem, pois fiquei nes-  
255 se dia com a barriga a dar horas! | Mas por fim, a noite sobre-  
veio e pôs fim à luta. No dia seguinte, os maiores da cidade

vêm às nossas tendas, de lágrimas nos olhos e as insígnias dos suplicantes<sup>8</sup> nas mãos, a rogar que lhes perdoemos o seu erro. Submetem-se ao poder e vontade do povo tebano, não apenas eles, como todas as instituições divinas e humanas, a cidade, os filhos, tudo. | Depois, como prêmio do seu valor, deram a 260 meu amo, Anfitrião, a taça de ouro pela qual o rei Ptérelas costumava enfrascar-se. É isto o que vou contar à senhora. Mas agora deixa-me mas é ir para casa e cumprir as ordens do patrão.

MERCÚRIO (*à parte*)

Olá! O melro encaminha-se para aqui; eu já lhe barro o passo, não há-de ser hoje que eu o deixarei aproximar-se de cá de casa. | A sua aparência sou eu quem na tem, por isso vou 265 gozá-lo, de certeza. E se tomei a sua figura e atitudes, convém-me imitá-lo, também, nos modos e no carácter. Por isso, tenho de ser velhaco, atrevido, manhoso da primeira apanha, e expulsá-lo da porta para fora com as suas próprias armas, a velhacaria. | Mas que se passa ali com ele? Está a contemplar o 270 céu. Observemos o que ele vai fazer.

SÓSIA (*olhando para o céu*)

Caramba! Se há alguma coisa em que acredite e de que tenha a certeza é esta: Nocturno adormeceu esta noite com a pinga, pois nem a Ursa se move no céu, nem a Lua se muda do lugar onde nasceu, | nem Oríon nem Vénus nem as Pléiades 275 desaparecem no horizonte. Deste modo, as constelações não arredam pé e a noite não dá lugar ao dia.

---

<sup>8</sup> Cf. *Iliada*, I, vv. 12-15:

*Este [o sacerdote Crises] veio até às naus velozes dos Aqueus,  
a fim de libertar a filha, trazendo um enorme resgate,  
e, na mão, as fitas de Apoio, que atira ao longe,  
enrolados no ceptro de ouro. E dirigiu súplicas a todos os Aqueus.*

(Trad. de Maria Helena da Rocha Pereira,  
in *Hélada*, Coimbra, 1990, p. 1.)

MERCÚRIO (*à parte*)

Continua como começaste, ó Noite, faz o jeito a meu pai.  
Ao melhor<sup>9</sup> dos deuses é melhor que emprestes o melhor do  
teu auxílio, pois que o empréstimo te há-de prestar.

SÓSIA

Nem eu me lembro de ter visto uma noite mais longa do  
280 que esta, | a não ser uma única, aquela em que fiquei eterna-  
mente deprimido a levar com o açoite. Mas, palavra, que até  
mesmo essa foi muito menos longa do que esta. É isso: certa-  
mente o Sol está ainda a dormir, e bem bebido... Para admirar  
é que ele se não tivesse tratado menos-mal ao jantar!

MERCÚRIO (*à parte*)

Ah, sim, meu sacana? Julgas que os deuses são como  
285 tu? | Espera lá que eu já te recebo como merecem as tuas blas-  
fémias e os teus desaforos, meu velhaco: é só chegares aqui,  
que terás a paga de que andas à procura!

SÓSIA

Mas onde estão esses putanheiros que não gostam de ir  
para a cama sem conchego? Aqui está uma noite decretada  
para derrear uma puta das bem pagas!

MERCÚRIO (*à parte*)

Pelas palavras deste gajo, meu pai tem toda a razão para  
290 estar na cama, | abraçado a Alcmena, todo ele apaixonado e a  
satisfazer a sua paixão.

SÓSIA

Vou mas é dar parte a Alcmena das ordens do meu pa-  
trão. Mas... quem será este tipo, que eu vejo diante de casa a  
estas horas da noite? Isto cheira-me a esturro!

---

<sup>9</sup> Veja-se supra n. 3.

MERCÚRIO (*à parte*)

Não há outro medricas como este!

SÓSIA (*à parte*)

Já estou a perceber: o tipo quer mas é assentar-me de novo as costuras. |

MERCÚRIO (*à parte*)

O fulano está a cortá-las: isto é que vai ser um gozo! 295

SÓSIA (*à parte*)

Estou bem arranjado: até já me mordem as costas. Por certo, este aqui, quando eu chegar, vai hospedar-me na pensão do... «Punho & Soco»! Sim: ele tem mesmo um ar acolhedor! Como o meu patrão me obrigou a velar, este aqui pôr-me-á hoje a dormir ao som de uma... «socata»! Pronto! Estou perdido! Céus, como ele é alto e forte! |

MERCÚRIO (*à parte*)

Toca a falar alto, na sua direcção: assim ouvirá o que dis- 300  
ser e, portanto, mais medo ele ainda vai ter. (*Levantando a voz.*)  
À obra, punhos meus: já há muito que vocês não dão de comer cá à barriga. Já me parece um século desde que ontem vocês puseram a dormir quatro valentões em pêlo. |

SÓSIA (*à parte*)

Estou cá com um medo terrível de que seja hoje o dia em 305  
que tenha de mudar de nome, e de Sósia passar a Quinto!<sup>10</sup>  
Este aqui afirma ter posto a dormir quatro tipos: receio bem ir aumentar esse número!

---

<sup>10</sup> É bem conhecido o facto de os Romanos, pouco imaginativos em matéria de onomástica (ao contrário dos Gregos), terem usado frequentemente os numerais ordinais para formar nomes próprios: *Primus, Secundus, Tertius, Quartus*, etc.

MERCÚRIO (*pondo-se em guarda*)

Ora aí está! É assim mesmo que eu agora quero.

SÓSIA (*à parte*)

Está a arregaçar a túnica: não há dúvida, está a preparar-se.

MERCÚRIO (*à parte*)

Não escapa a uma surra.

SÓSIA (*à parte*)

Mas quem?

MERCÚRIO (*à parte*)

Quem vier para aqui, apanha uma barrigada de socos. |

SÓSIA (*à parte*)

310     Chiça! Não me apetece nada comer a estas horas da noite: ainda há pouco jantei; por isso, faz-me lá o favor de repartir essa comida por quem tiver fome dela.

MERCÚRIO (*à parte*)

Não é nada pequeno o peso deste punho.

SÓSIA (*à parte*)

Estou bem tramado! Já está a tomar peso aos punhos.

MERCÚRIO (*à parte*)

E se eu pusesse a dormir o nosso homem com umas festinhas na fronha?!

SÓSIA (*à parte*)

Seria a minha salvação: há já três noites seguidas que não durmo.

MERCÚRIO (*à parte*)

Mau negócio! | O meu bater é defeituoso: lá quebrar quei- 315  
xos é coisa que a minha mão ainda não sabe fazer devidamen-  
te. Terá de ficar irreconhecível a cara que levar com este meu  
punho.

SÓSIA (*à parte*)

Querem lá ver que o tipo está disposto a desfazer-me e a  
modelar-me de novo as ventas!

MERCÚRIO (*à parte*)

Quem apanhar uma valente sova das tuas, terá de ficar  
com a tromba desossada.

SÓSIA (*à parte*)

Seguramente, este aqui pensa desossar-me como uma  
moreia. | Arreda com tal desossador de homens! Se ele me vê, 320  
estou lixado!

MERCÚRIO (*à parte*)

Cheira-me a homem: pior para ele!

SÓSIA (*à parte*)

Ai de mim! Teria eu largado algum... cheiro?

MERCÚRIO (*à parte*)

E o tipo não deve andar longe; mas de longe é que ele  
veio.

SÓSIA (*à parte*)

É adivinho, ali o fulano!

MERCÚRIO (*à parte*)

Mas que comichão esta nos punhos!

SÓSIA (*à parte*)

Se é em mim que tu pensas coçá-los, por favor, acalma-os primeiro contra a parede. |

MERCÚRIO (*à parte*)

325 Voou-me até aos ouvidos o som de uma voz!

SÓSIA (*à parte*)

Olhem que pouca sorte a minha em não lhe ter espontado as asas: agora tenho uma voz voadora!

MERCÚRIO (*à parte*)

Ali o tipo vem de besta arranjar lenha para se queimar.

SÓSIA (*à parte*)

Qual besta qual carapuça! Não tenho besta nenhuma!

MERCÚRIO (*à parte*)

Temos de lhe pôr em cima uma boa carga de... soco.

SÓSIA (*à parte*)

330 Ainda estou derreado da travessia de barco: o enjoo ainda não passou. | Mal me tenho de pé sem nada em cima, e tu a pensares que eu posso com uma carga...

MERCÚRIO (*à parte*)

Não há dúvida; está aqui não sei quem a falar.

SÓSIA (*à parte*)

Estou safo; o tipo não me está a ver. Diz que é o «Não-sei-quem»<sup>11</sup> que está a falar; e o meu nome é, de certeza, Sósia.

---

<sup>11</sup> Este equívoco entre o *não sei quem* da fala de Mercúrio e o *Não-sei-quem* do aparte de Sósia traz-nos à lembrança o conhecido passo da

MERCÚRIO (*à parte*)

Daqui, do lado direito, uma voz, ao que parece, está a fustigar-me os ouvidos.

SÓSIA (*à parte*)

Eu é que receio bem ser hoje aqui zurzido, mas não será com a voz que fustiga aqui este melro. |

MERCÚRIO (*à parte*)

Porreiro! Ei-lo que se aproxima.

335

SÓSIA (*à parte*)

Ai que medo! Estou todo gelado. Palavra, que se alguém me perguntasse, nem sabia dizer em que parte da Terra me encontro agora. Pobre de mim! nem me posso mexer com o susto. Acabou-se: Sósia finou-se e com ele o recado do patrão! Mas deixem-me cá falar-lhe sem receio, cara a cara: | pode ser que ele julgue que sou dos rijos e não me ponha as mãos em cima. 340

MERCÚRIO

Para onde vais, tu que trazes lume na corna? <sup>12</sup>

---

*Odisséia* (IX, vv. 366 e segs.) em que Polifemo, cegado pelo ardiloso Ulisses, que dissera chamar-se *Ninguém*, clama pelo auxílio dos outros Ciclopes:

— *Que aflição é essa, Polifemo, que tanto te faz gritar,  
na noite divina, e do sono nos despertas?*

.....  
— *Ó amigos, por astúcia, não por violência, Ninguém me mata.*

.....  
— *Pois se sozinho estás e ninguém te faz violência,  
de todo inevitável é o mal que o grande Zeus te envia.*

(Vv. 403-411.)

<sup>12</sup> No original, *qui Vulcanum in cornu conclusum geris* [«tu que trazes Vulcano (= lume; fogo, por metonímia) aferrolhado no corno»]. Como a

SÓSIA

E que tens tu lá a ver com isso, tu que desossas as pessoas à porrada?

MERCÚRIO

És escravo ou homem livre?

SÓSIA

Sou o que me dá na real gana.

MERCÚRIO

Ah! Ele é isso?!

SÓSIA

É como digo!

MERCÚRIO

Vais apanhar!

SÓSIA

Mentiroso! |

MERCÚRIO

345 Mas não tarda nada que eu te não obrigue a confessar que digo a verdade.

---

cena se passa antes do alvorecer, Sósia é portador de uma lanterna de azeite (cf. vv. 149 e 406), feita de chifre. Ao traduzirmos *in cornu* por «na corna», procurámos uma certa ambiguidade cômica, porquanto o vocábulo português pode significar «chifre de boi para conter líquidos» e «cornadura» (neste último sentido aplicado também a pessoas: «Fulano caiu e partiu a corna»). Poderemos, pois, imaginar facilmente a cena: graças à ilusão cénica, a escuridão é profunda; Sósia, amedrontado, aproxima-se de casa cautelosamente, com a lanterna à altura da cabeça, o que justifica a ambiguidade cômica da pergunta de Mercúrio.

SÓSIA

E para que é preciso isso?!

MERCÚRIO

Posso saber para onde vais, quem é o teu dono e a que vieste?

SÓSIA (*apontando para a casa de Anfitrião*)

Vou para aqui; sou o criado do dono da casa. Já estás mais esclarecido?

MERCÚRIO

Ainda hoje te fodo essa língua, maldito.

SÓSIA

Impossível: está virgem<sup>13</sup> e bem guardada.

MERCÚRIO

Continuas a armar-te em esperto?! | Que tens tu a cheirar 350 nesta casa?

SÓSIA

E tu também?!

MERCÚRIO

O rei Creonte põe sempre aqui, todas as noites, uma sentinela.

---

<sup>13</sup> Há, nestas duas falas, um evidente equívoco cómico. De facto, o verbo latino *comprimere* significa «refrear; dar cabo de» (sentido em que Mercúrio primeiro o emprega) e «violar; praticar o acto sexual» (interpretação que Sósia lhe dá).

SÓZIA

E faz ele muito bem: como estávamos fora, cuidou de nos guardar o prédio. Mas agora trata de lá ir dentro dizer que chegaram os da casa.

MERCÚRIO

Homessa! Tu, desta casa...? Se não te somes já daqui, ó tu |  
355 da casa, farei que tenhas uma recepção bem pouco caseira...

SÓZIA

É aqui que eu moro, sim; e sou escravo dos donos.

MERCÚRIO

Mas queres saber como?! Se não desandas daqui, ainda hoje faço de ti um andor!...

SÓZIA

Que queres tu dizer com isso?

MERCÚRIO

Que irás de padiola, e não a pé, se eu pegar no cacete.

SÓZIA

Qual quê?! Mas se eu te afirmo que sou caseiro desta casa!... |

MERCÚRIO

360 Vê lá! Tu estás mesmo a pedir uma sova! O melhor é que te ponhas já a mexer daqui!

SÓZIA

Então tu atreves-te a impedir-me de entrar em casa, a mim, que venho de longe?

MERCÚRIO

Esta, aqui, é a tua casa?!

SÓSIA

É, pois.

MERCÚRIO

Então, quem é o teu patrão?

SÓSIA

Anfitrião, o actual comandante das legiões tebanas, o marido de Alcmena.

MERCÚRIO

Que estás tu para aí a dizer? Como te chamas? |

SÓSIA

Os de Tebas chamam-me Sósia, filho de Davo.

365

MERCÚRIO

Não há dúvida: para tua desgraça, tu vieste hoje para cá com um acervo de mentiras, tu, meu coruto de desaforos, meu tecido de patranhas...

SÓSIA

Olha que não! Tecida foi só a camisa com que para aqui vim, e não as patranhas.

MERCÚRIO

É continuas a mentir: foi com os pés, não com a camisa, que tu vieste! |

SÓSIA

Sim! Lá isso é verdade!

370

MERCÚRIO

É verdade: (*erguendo o braço, ameaçador*) agora toma lá pelas tuas mentiras.

SÓSIA

É verdade que eu não quero, palavra!

MERCÚRIO

Mas, palavra, é verdade que vais apanhar, quer queiras quer não. (*Bate-lhe.*) Aqui tens um «é verdade» obrigatório, e não facultativo!

SÓSIA

Piedade, por quem és!

MERCÚRIO

Então tu atreves-te a dizer que és Sósia?! Sósia sou eu.

SÓSIA

Estou perdido!

MERCÚRIO

375 E ainda não dizes tudo: espera e já vais ver! | A quem pertences tu agora?

SÓSIA

A ti, pois que à força de punhadas me fizeste teu. Ó da guarda, cidadãos de Tebas!

MERCÚRIO

Ainda te atreves a gritar, meu patife? Fala: porque é que vieste?

SÓSIA

Para haver alguém que tu pudesses rachar a soco.

MERCÚRIO

Quem é o teu amo?

SÓSIA

Já te disse: sou o Sósia de Anfitrião.

MERCÚRIO

Ah, sim?! Então, por seres mentiroso, ainda vais apanhar mais. *(Bate-lhe.)* Sósia sou eu, não tu! |

SÓSIA

Quem dera que assim fosse! Seria eu antes a chegar-te! 380

MERCÚRIO

Ainda resmungas?

SÓSIA

Já me calo.

MERCÚRIO

Quem é o teu patrão?

SÓSIA

Quem tu quiseres.

MERCÚRIO

E então? Qual é o teu nome agora?

SÓSIA

Nenhum, salvo ordens tuas.

MERCÚRIO

Dizias tu que eras o Sósia de Anfitrião.

SÓSIA

Enganei-me: o que eu queria dizer é que era o *sócio* de Anfitrião. |

MERCÚRIO

385 Eu bem sabia que, cá em casa, não havia nenhum outro escravo Sósia, além de mim. Tu perdeste o juízo!

SÓSIA

Oxalá tivesses tu perdido os punhos!

MERCÚRIO

Eu é que sou o Sósia que tu, há pouco, me dizias que eras!

SÓSIA

Peço-te que me deixes falar em paz, sem o risco de apanhar.

MERCÚRIO

Está bem! Façamos tréguas, por um instante, se é que tens alguma coisa a dizer-me. |

SÓSIA

390 Não falo sem fazermos as pazes, pois, com os punhos, és tu quem me leva a palma.

MERCÚRIO

Diz lá o que quiseres: não te faço mal.

SÓSIA

Posso confiar em ti?

MERCÚRIO

Podes.

SÓSIA

E se me enganares?

MERCÚRIO

Então, que a ira de... Mercúrio recaía sobre... Sósia!

SÓSIA

Ora ouve cá; agora posso dizer o que quiser com toda a liberdade. Eu é que sou Sósia, o escravo de Anfitrião.

MERCÚRIO

Outra vez?! |

SÓSIA

Eu cá fiz as pazes, fiz um pacto, digo a verdade. 395

MERCÚRIO

Toma! (*Dá-lhe um soco.*)

SÓSIA

Faz como quiseres e o que quiseres, já que, com os punhos, és tu quem me leva a palma. Mas seja o que for que venhas a fazer, eu não calarei a verdade.

MERCÚRIO

Nunca, em vida tua, conseguirás fazer que eu não seja Sósia.

SÓSIA

E tu, decerto, nunca me impedirás de ser quem sou: em |  
nossa casa, não há nenhum outro escravo Sósia, a não ser eu, 400  
que fui daqui para a guerra com Anfitrião.

MERCÚRIO

Este tipo não está bom do miolo!

SÓSIA

O mal que me atribuis, tu é que sofres dele! Que raio! Então eu não sou Sósia, o escravo de Anfitrião?! Acaso não chegou cá esta noite, vindo do porto Pérsico, um navio nosso |  
405 que me trouxe?! Não foi o meu patrão quem me cá mandou?! Não estou eu diante da nossa casa?! Não trago uma lanterna na mão?! Não estou a falar?! Não estou acordado?! Aqui este fulano não me moeu de socos, ainda há pouco?! Lá isso é que moeu: pobre de mim, que ainda tenho os queixos a doer! Então, de que hei-de eu duvidar?! E porque é que não entro em nossa casa?! |

MERCÚRIO

410 O quê? Em vossa casa?

SÓSIA

Sim, pois!

MERCÚRIO

Pois tudo o que acabas de dizer não passa de um chorrilho de mentiras: o Sósia de Anfitrião sou eu. O nosso barco partiu, esta noite, do porto Pérsico e conquistámos a cidade, onde reinava o rei Ptérelas, e, com a força das nossas armas, vencemos  
415 as legiões dos Teléboas, | e foi o próprio Anfitrião quem degolou o rei Ptérelas em combate.

SÓSIA (*à parte*)

Eu já nem acredito em mim mesmo, ao ouvi-lo afirmar tudo isto: do que não há dúvida é de que este aqui refere, tintim por tintim, tudo o que se lá passou. (*A Mercúrio.*) Mas diz-me cá: o que é que os Teléboas ofereceram a Anfitrião?

MERCÚRIO

A taça de ouro pela qual o rei Ptérelas costumava enfrascar-se. |

SÓSIA (*à parte*)

É o que ele disse! (*A Mercúrio.*) E agora a taça, onde está ela? 420

MERCÚRIO

Num estojo, selado com o selo de Anfitrião.

SÓSIA

E o selo, diz lá como é?

MERCÚRIO

O Sol nascente com a sua quadriga. Estás a tentar apanhar-me em falta, patife?

SÓSIA (*à parte*)

As provas são convincentes: tenho mas é de arranjar outro nome. Não sei de onde é que ele pôde ver tudo isto. Mas eu vou-lhe já passar uma boa rasteira: | aquilo que eu mesmo 425 fiz sozinho — pois na tenda não havia mais ninguém —, isso é que ele agora será incapaz de dizer. (*A Mercúrio.*) Se tu és Sósia, que estiveste a fazer na tenda, enquanto as tropas lutavam com denodo? Rendo-me, se o disseres.

MERCÚRIO

Havia lá uma pipa de vinho e eu enchi uma picheira.

SÓSIA (*à parte*)

Vai no bom caminho! |

MERCÚRIO

E esse vinho emborqueei-o estreme, tal e qual ele saíra da 430 mãe-cepa.

SÓSIA (*à parte*)

Foi isso mesmo, eu chupei lá uma picheira do puro. Está-me cá a parecer que ele se escondeu, por milagre, dentro da picheira!

MERCÚRIO

E agora? Estás convencido de que não és Sósia?

SÓSIA

E tu afirmas que eu não sou eu?!

MERCÚRIO

E como não hei-de afirmá-lo, se Sósia sou eu?! |

SÓSIA

435 Juro, por Júpiter, que sou Sósia e que falo verdade.

MERCÚRIO

E eu juro por... Mercúrio que Júpiter não acredita em ti: pois tenho a certeza de que ele se fiará mais em mim, sem juras, do que em ti, com os teus juramentos.

SÓSIA

Então, quem sou eu, se não sou Sósia? Não me dirás?!

MERCÚRIO

Quando eu quiser deixar de ser Sósia, podes tu sê-lo à  
440 vontade. | Por agora, visto que Sósia sou eu, levas, se não de-  
sandares daqui, meu sem-nome.

SÓSIA (*à parte*)

Coa breca! É verdade! Quando o examino e reconheço a  
minha figura, tal e qual eu sou — tenho-me visto muitas vezes  
ao espelho —, nada há mais semelhante a mim mesmo. O cha-  
péu e o vestuário são iguais aos meus, sem tirar nem pôr.  
A perna, o pé, a estatura, o corte de cabelo, os olhos, o nariz,  
445 os lábios, | as faces, o queixo, a barba, o pescoço: sou eu cha-  
pado! Que mais dizer? Se ele tiver cicatrizes nas costas, não ha-  
verá semelhança mais semelhante. Porém, quando me ponho a  
pensar, tenho a certeza de ser o mesmo que sempre fui! Co-

nheço o patrão, conheço a nossa casa: eu cá, seguramente, sei e sinto! Não vou mas é fazer caso do que ele diz! Toca a bater à porta! |

MERCÚRIO

Para onde é que tu vais?

450

SÓSIA

Para casa.

MERCÚRIO

Mesmo que subas já para a quadriga de Júpiter e te pohnhas a cavar daqui, mesmo assim, a custo poderás livrar-te do castigo que te espera.

SÓSIA

Então não posso dar parte à minha patroa das ordens do patrão?!

MERCÚRIO

À tua, dá lá parte do que quiseres; cá da nossa é que eu não deixo que te aproximes. Se me fazes irritar, não te irás hoje daqui sem te arriscares a um *pau... frágio* no lombo!<sup>14</sup> |

SÓSIA

O melhor é ir-me embora. Que o Céu me valha! Mas onde 455  
é que me perdi? Onde é que eu mudei de pele? Onde é que deixei a minha figura? Será que eu me fiquei por lá, sem me ter dado conta disso? Do que não há dúvida é de que este, aqui, é senhor de todos os traços que até agora me pertenciam. Cabe-me a honra de um retrato em vida, que ninguém me fará de morto! | Vou mas é ao porto, contar ao meu patrão o que 460

---

<sup>14</sup> Procurámos, deste modo, traduzir o latim *lumbifragium* (de *lumbus* «costas; lombo» e *frangere* «quebrar»), termo forjado por Plauto a partir de *naufragium*.

aqui se passou: a menos que também ele já não me reconheça. Quem dera que Júpiter me concedesse essa graça! Hoje mesmo, rapava a cabeça e enfiava na careca o barrete de liberto <sup>15</sup>.  
(*Sai pela esquerda.*)

## CENA II

### MERCÚRIO

Cá o negócio correu-me hoje às mil maravilhas: espantei da nossa porta este grandessíssimo chato, e, deste modo, meu |  
465 pai poderá abraçar tranquilamente a sua querida. Quanto ao  
nosso homem, quando chegar junto do amo, Anfitrião, contar-  
-lhe-á que o escravo Sósia o pôs a andar de casa. Como é natural, o patrão vai pensar que ele lhe está a enfiar uma galga, e  
não acredita que ele veio cá, como lhe ordenara. Vou enchê-  
470 -los, a | ambos, de confusão e desatino, e, também, a todos os  
da casa, até que o meu pai se farte da amada: só então, pois, é  
que todos eles hão-de saber o que se passou. No fim, Júpiter  
475 restabelecerá | a concórdia entre Alcmena e o marido. É que  
Anfitrião vai começar por fazer uma cena à mulher e acusá-la  
de adultério. Mas, depois, meu pai trará a bonança a seguir à  
tempestade. Ora, quanto ao que há pouco aludi a respeito de  
480 Alcmena, ela, | hoje, vai dar à luz dois gémeos: um nascerá de  
nove meses, o outro de seis. O primeiro é filho de Anfitrião, o  
outro de Júpiter: o filho menor terá o pai maior; o filho maior,  
485 o pai | menor. Compreenderam? Mas, por consideração para  
com Alcmena, meu pai tratou de fazer que haja um só parto:  
assim, com um trabalho apenas, livra-se ela de uma dupla pro-  
vação, e, ao mesmo tempo, escapa à suspeita de adultério, e o |

---

<sup>15</sup> Em Roma, a tonsura e o enfiar, na cabeça, do barrete dos homens livres faziam parte da cerimónia (*manumissio*), após a qual o escravo alcançava a liberdade (cf. *O Soldado Fanfarrão*, v. 961, onde se refere um outro modo de *manumissio*, que consistia em o dono de um escravo lhe tocar com uma varinha — *festuca* — na presença do pretor). Uma vez mais, Plauto introduz uma prática caracteristicamente romana numa peça em que a cena e as personagens são, por assim dizer, todas gregas (veja-se supra n. 5).

arranjinho não se descobre. Contudo, como já há instantes vos 490  
disse, Anfitrião há-de vir a saber tudo. Pois quê?! Ninguém  
poderá incriminar Alcmena: é que não seria justo que um deus  
deixasse | inculpar uma mortal da sua própria falta. Mas basta 495  
de conversa! A porta rangeu. Aí vem ele, o suposto Anfitrião,  
com Alcmena, sua esposa em usufruto.

### CENA III

JÚPITER   ALCMENA (*em estado de gravidez avançada*)  
MERCÚRIO

JÚPITER (*saindo de casa*)

Adeus, Alcmena, olha pelas nossas coisas, como tens feito  
até aqui, | e, por favor, tem-me cuidado: tu bem vês que o tem- 500  
pô da gravidez já acabou. Quanto a mim, é mister que eu par-  
ta; mas tu cuida-me da criança que nascer.

ALCMENA

Ó querido, mas que compromisso é esse, para te ires em-  
bora assim tão depressa?

JÚPITER

Ah! Não é que eu esteja farto de ti ou da nossa casa, não;  
mas quando o comandante-chefe não está com os seus ho-  
mens, | mais depressa se faz o que se não deve do que o que 505  
se deve.

MERCÚRIO (*à parte*)

Que hipócrita sabido é o meu digno pai! Vejam bem com  
que denguices ele adula a fulana!

ALCMENA

A experiência me mostra bem o grande caso que fazes da  
tua mulher!

JÚPITER

Não te basta que eu não goste tanto de nenhuma outra como de ti? |

MERCÚRIO (*à parte e apontando para o céu*)

510 Ah, que se a outra lá de cima <sup>16</sup> soubesse que andavas ocupado em tais andanças, aposto que, em vez de Júpiter, preferias ser Anfitrião, de facto!

ALCMENA

Desse amor antes queria provas reais, e não simples palavras. Vais-te embora, antes de teres aquecido sequer o lugar da cama onde te deitaste. Ontem, chegaste a meio da noite, e agora já te vais! É bonito isto?! |

MERCÚRIO (*à parte*)

515 É altura de eu me aproximar, falar com ela e secundar meu pai com bajulices. (*A Alcmena.*) Palavra que nunca mortal algum amou tão perdidamente a sua mulher como aqui o teu marido que está perdidinho por ti.

JÚPITER (*a Mercúrio, num tom ameaçador*)

520 Ó seu estupor, julgas tu que não te conheço?! Fora da minha vista! Que tens tu lá a ver com isto, meu velhaco, ou estares para aí a resmungar? | Mas com este bastão eu já te...

ALCMENA

Ah! Não!

JÚPITER (*a Mercúrio*)

Ora torna a abrir a boca!

---

<sup>16</sup> Alusão à esposa de Zeus/Júpiter, a ciumenta Hera/Juno. Recorde-se que a esta deusa era consagrado o pavão, que na cauda tinha representados os inúmeros olhos com que ela procurava descobrir os frequentes amores extraconjugais do marido.

MERCÚRIO (*à parte*)

Ia-me saindo mal com a minha primeira bajulice!

JÚPITER (*a Alcmena*)

Mas quanto ao que dizes, esposa querida, não é justo que te zangues comigo. Deixei o exército às escondidas: foi por ti que eu me furtei aos meus deveres, para que fosses tu a primeira a saber, e eu o primeiro a contar-te como me desempenhei dos meus deveres de cidadão. | Tudo isso eu te narrei de 525 fio a pavio. Não o teria feito, se te não quisesses tanto!

MERCÚRIO (*aos espectadores*)

Eu não lhes disse que ele era assim? A pobrezinha — é com lisonjas que trata de a amansar!

JÚPITER

Ora, para que as tropas se não apercebam de nada, tenho de retomar o meu posto às escondidas: não vão eles dizer que, para mim, a mulher está à frente dos interesses do Estado.

ALCMENA

Com esta tua partida, tu deixas-me desfeita em lágrimas. |

JÚPITER

Não digas isso! Não dês cabo desses teus formosos olhos. 530  
Eu volto já!

ALCMENA

Bem longo é esse teu «já»!

JÚPITER

Não é por gosto que eu te deixo aqui e me vou embora.

ALCMENA (*irónica*)

Bem vejo! Na mesma noite em que vieste, assim te vais!

JÚPITER

Mas porque me reténs? É tempo; quero sair da cidade antes que seja dia. (*Mostra-lhe o estojo.*) Olha: esta taça foi-me lá oferecida por prémio do meu valor; por ela é que bebia o rei |  
535 Ptérelas, que morreu às minhas mãos. Alcmena, é para ti, dou-ta.

ALCMENA

És sempre o mesmo! Não há dúvida: o presente é digno de quem o dá.

MERCÚRIO (*a Alcmena*)

Qual quê?! É digno presente, isso sim, de quem no recebe!

JÚPITER (*a Mercúrio, com voz ameaçadora*)

Outra vez?! Tu pensas que eu não sou capaz de te desfazer, patife? |

ALCMENA

540 Anfitrião, por favor, não te zangues assim com Sósia por minha causa.

JÚPITER

Faça-se a tua vontade!

MERCÚRIO (*à parte*)

O amor põe-no todo numa fúria!

JÚPITER (*a Alcmena*)

Tu não me queres mais nada, pois não?

ALCMENA

Quero, sim! Que, longe de mim, me ames, porque, mesmo na tua ausência, sou sempre tua.

MERCÚRIO

Vamos, Anfitrião: já começa a clarear.

JÚPITER

Vai tu à frente, Sósia; já vou atrás de ti. (*Mercúrio sai pela esquerda. A Alcmena.*) Mais alguma coisa?

ALCMENA

Sim: que voltes depressa! |

JÚPITER

Combinado! Estarei de volta mais depressa do que pen- 545  
sas. E tu fica calma! (*Alcmena entra em casa.*) Agora, ó Noite, tu  
que esperaste por mim, restituo-te à liberdade: dá lugar ao dia;  
que ele ilumine os mortais com a sua luz clara e cândida.  
E quanto tu, ó Noite, foste mais longa do que a anterior, tanto  
mais breve farei que seja este dia: assim se compensarão os dois  
desequilíbrios. | Vá! Que o dia suceda à noite. Mas é tempo de 550  
ir no encalço de Mercúrio. (*Sai pela esquerda.*)

## ACTO II

### CENA I

ANFITRIÃO SÓSIA

ANFITRIÃO (*surgindo da esquerda, acompanhado de Sósia e alguns  
escravos*)

Vamos, tu, segue-me.

SÓSIA

Sigo, sigo-te já.

ANFITRIÃO

Um refinadíssimo malvado é o que tu me saíste!

SÓSIA

Mas porquê?

ANFITRIÃO

Por me vires para cá com histórias de coisas que não existem, nem existiram, nem hão-de existir.

SÓSIA

555 Pronto! Lá estás tu como costumás: | não tens confiança nenhuma nos teus servos.

ANFITRIÃO

Pois quê! Como é que eu posso tê-la? Mas juro-te que não tarda nada que eu te não corte essa língua malvada, meu malvado.

SÓSIA

560 Sou teu escravo: por isso faz o que muito bem te der na real gana. | Contudo, nunca, por nunca ser, me poderás impedir de contar os factos tal e qual eles aqui se passaram.

ANFITRIÃO

Ó meu grandessíssimo velhaco, tu atreves-te a afirmar que estás neste momento em casa, estando tu aqui, a meu lado?!

SÓSIA

Digo a verdade.

ANFITRIÃO

Má'rai's te partam, como eu hoje te hei-de partir!

SÓSIA

Isso está nas tuas mãos: sou teu escravo! |

ANFITRIÃO

Ó meu patife, então tu tens o atrevimento de me enganar, 565  
a mim, o teu patrão? Tu tens o descaramento de afirmar aqui-  
lo que ninguém até hoje jamais viu ou pôde acontecer: que a  
mesma pessoa pudesse estar em dois lugares ao mesmo tem-  
po, no mesmo instante?!

SÓSIA

Mas é verdade: a coisa é exactamente como te digo. |

ANFITRIÃO

Que Júpiter te confunda! 570

SÓSIA

Mas que mal te fiz eu, patrão?

ANFITRIÃO

Ainda perguntas, canalha, tu que andas a brincar comigo?!

SÓSIA

Terias o direito de me maldizer, se os factos se tivessem  
passado de outro modo. Mas eu não minto; apenas conto como  
a coisa se deu.

ANFITRIÃO

Mas este tipo está com os copos, quer-me bem parecer. |

SÓSIA

Quem dera que sim! 575

ANFITRIÃO

Desejas o que já fizeste!

SÓSIA

Eu?!

ANFITRIÃO

Tu, sim! Onde estiveste a beber?

SÓSIA

Em parte nenhuma, juro.

ANFITRIÃO

Mas que espécie de homem és tu?!

SÓSIA

Já to disse uma dezena de vezes: eu estou em casa, repito. Estás a ouvir-me?! E eu, Sósia, a mesma pessoa, estou ao pé de ti. Parece-te agora, patrão, que falei com clareza e rigor que baste?

ANFITRIÃO

Fora! Desaparece da minha vista!

SÓSIA

Mas que se passa? |

ANFITRIÃO

580 Estás com uma doença má.

SÓSIA

Mas porque dizes isso? Eu cá sinto-me bem e de perfeita saúde, Anfitrião.

ANFITRIÃO

585 Mas eu hoje, em paga, hei-de fazer que te não sintas assim tão bem, nem tão contente com a tua sorte, se eu conseguir voltar a casa são e salvo. | Anda, segue-me, tu que andas a zombar do teu patrão com essas histórias de parvo: não te bastou faltares ao cumprimento das ordens do teu amo, para,

ainda por cima, vires para cá agora fazer troça dele: o que tu andas para aí a dizer, malvado, é impossível e inaudito. Mas todas essas aldrabices, eu tas farei cair, hoje mesmo, sobre o lombo. |

SÓSIA

Anfitrião, a mais desgraçada das desgraças para um bom servo, que ao patrão conta a verdade, é ver a verdade vencida pela violência. 590

ANFITRIÃO

Mas pensa lá nisto que te digo: como é que é possível — cum raio! — que tu estejas, neste momento, aqui e em casa?! É isso que eu quero que me expliques.

SÓSIA

O que é certo é que estou cá e lá. Que se admire quem quiser! | A ti é que isto tudo não causa mais admiração do que a mim. 595

ANFITRIÃO

Como?!

SÓSIA

É o que te digo: isto cá não é mais espantoso para ti do que para mim. Assim os deuses me ajudem como a princípio não acreditava em mim próprio, Sósia, até que o meu outro eu, Sósia, me obrigou a acreditar nele. Tudo o que lá se passou, enquanto estivemos em terra inimiga, ele mo contou tintim por tintim, de fio a pavio; | foi lá que ele me roubou a figura, juntamente com o nome. É que duas gotas de leite não são tão semelhantes entre si como ele é semelhante a mim<sup>17</sup>. Quando 600

---

<sup>17</sup> Expressão proverbial, frequente na comédia plautina: cf., por exemplo, Plauto, *O Soldado Fanfarrão*, v. 240: *tam similem quam lacte lacti*

há pedaço, antes do amanhecer, me mandaste, à frente, do porto para casa...

ANFITRIÃO

E então?!

SÓSIA

... eu estava à porta de casa, muito antes de lá ter chegado.

ANFITRIÃO

Mas que balelas, cum raio! Tu estás mesmo bom da cabeça?!

SÓSIA

Estou como vês! |

ANFITRIÃO

605 A este tipo algum mau olho lhe deitou mau-olhado, depois que saiu de ao pé de mim.

SÓSIA

Lá isso é verdade: até estou zanaga com tanto soco!

ANFITRIÃO

Quem te bateu?

SÓSIA

Eu mesmo: isto é, o eu que está agora em casa.

---

*est* (são tão parecidas uma com a outra como duas gotas de leite); *Os Dois Menecmos*, vv. 1089-1090: *neque aqua aquae nec lacte est lactis, crede mi, usquam similius quam huic tui est, tuque huius autem* (duas gotas de água ou duas gotas de leite não se parecem mais entre si, acredita-me, do que vocês dois).

ANFITRIÃO

Ai de ti, se não respondes exactamente ao que te pergunto! Em primeiro lugar: quem é esse tal Sósia? Vamos lá, responde!

SÓSIA

O teu criado. |

ANFITRIÃO

Para mim já me basta um só: tu! E, desde que nasci, não tive nenhum outro escravo Sósia, a não seres tu. 610

SÓSIA

Mas escuta agora, Anfitrião: eu garanto-te que, ao chegares a casa, eu hei-de fazer que lá encontres um outro escravo Sósia, além de mim, filho do mesmo Davo, como eu, com o mesmo aspecto que eu, e da mesma idade. | Que hei-de eu dizer-te mais? O Sósia, que aqui vês, fez-se em dois! 615

ANFITRIÃO

É muito estranho o que me dizes! Mas viste minha mulher?

SÓSIA

Qual quê?! Nem sequer me deixaram pôr o pé em casa!

ANFITRIÃO

Mas quem te impediu?

SÓSIA

O Sósia de que estou farto de te falar, o mesmo que me zupou.

ANFITRIÃO

Mas quem é esse Sósia?

SÓSIA

Eu, repito. Quantas vezes será preciso repetir-to?!.]

ANFITRIÃO

620 Mas que estás tu para aí a dizer? Estiveste a dormir?!

SÓSIA

Nem nada!

ANFITRIÃO

É que, nesse caso, talvez tivesses visto, em sonhos, essoutro Sósia.

SÓSIA

Não tenho por costume cumprir as ordens de meu amo a dormir. Eu vi-o bem acordado, como bem acordado te estou agora a ver e a falar; e estava bem acordado, quando ele, igualmente bem acordado, há pouco me amassou com os punhos.]

ANFITRIÃO

625 Mas quem?

SÓSIA

Sósia, repito, o meu outro eu. Mas, por favor, então não estás a perceber?!

ANFITRIÃO

Mas, cum raio, quem é que pode perceber-te?! Só estás a papaguear baboseiras!

SÓSIA

Não tardas a conhecer a verdade, quando travares conhecimento com o tal escravo Sósia...!

ANFITRIÃO

Então, anda aqui comigo; tenho de pôr já isto tudo em pratos limpos. Mas ouve lá: que me tragam imediatamente, do navio, tudo aquilo que ordenei. |

SÓSIA

Lá lembrado e cuidadoso sou eu no cumprimento das tuas 630 ordens. Eu cá não misturo, na barriga, as tuas ordens com o vinho!

ANFITRIÃO

Quem me dera que os factos desmentissem as tuas palavras!

## CENA II

ALCMENA ANFITRIÃO SÓSIA

ALCMENA (*saindo de casa na companhia de uma escrava*)

Na vida, que se leva, bem pequena coisa é o prazer em confronto com os desgostos! É assim o destino de cada um; foi | assim que aprouve aos deuses: que a tristeza fosse companheira inseparável do prazer; e até, se alcançarmos um pouco 635 de felicidade, logo nos sobrevém maior número de aborrecimentos e desditas. Tenho experiência disso agora, aqui em casa, e sei-o bem por mim mesma: foi-me concedida uma certa felicidade, enquanto me foi dado ver o meu marido, uma noite apenas! Mas, de repente, ei-lo que se vai daqui, de ao pé de mim, sem sequer esperar pelo dia. | Agora tenho a impressão 640 de estar para aqui sozinha, sem aquele que eu amo acima de tudo. Tive mais amargura com a sua partida que prazer com a sua chegada! Ao menos, há uma coisa que me torna feliz: a sua vitória contra o inimigo e o seu regresso à pátria, coberto de glória. É o que me consola! | Que ele esteja longe de mim, 645 tanto que volte a casa cumulado de louvores; hei-de suportar e sofrer, até ao fim, a sua ausência, com coragem e firmeza, se em troca me for dado que meu marido seja proclamado vence-

dor da guerra: considerar-me-ei satisfeita. Sim, o valor é o mais  
650 belo dos galardões; o valor vai à frente de tudo o mais. | Liberdade, segurança, vida, bens e família, pátria e filhos é ele quem os protege, é ele quem os defende. O valor contém tudo em si mesmo; todos os bens assistem a quem possui valor.

ANFITRIÃO (*sem ver Alcmena*)

À fé de quem sou, creio bem que minha mulher anseia pelo  
655 meu regresso a casa. | O amor que ela me tem, eu lho pago na mesma moeda. Para mais, a empresa foi levada a bom cabo e os inimigos derrotados. Ninguém pensava que eles pudessem ser vencidos, mas nós, sob a minha direcção e o meu comando, desbaratámo-los logo à primeira refrega. Portanto, tenho bem a certeza de que ela aguarda com ansiedade o meu regresso.

SÓSIA

E eu?! Julgas tu que a minha amada não está, também, à  
minha espera? |

ALCMENA (*ao ver Anfitrião*)

660 Mas aquele é o meu marido!

ANFITRIÃO (*a Sósia, sem ver Alcmena*)

Vem daí comigo!

ALCMENA (*à parte*)

Mas como é que ele está já de volta, quando ainda há pouco afirmava estar com tanta pressa?! Será que ele está a pôr-me à prova, o sabido, e quer verificar como a sua ausência me faz saudades? Ah, mas o seu regresso a casa não me contraria mesmo nada!

SÓSIA (*ao ver Alcmena de ventre muito volumoso*)

Anfitrião, o melhor é voltarmos para o navio!

ANFITRIÃO

Porquê? |

SÓSIA

Porque aqui, em casa, ninguém nos há-de dar de comer, à 665  
nossa chegada.

ANFITRIÃO

Mas que ideia é essa agora?!

SÓSIA

É que chegámos tarde de mais.

ANFITRIÃO

Porquê?!

SÓSIA (*apontando para Alcmena*)

Porque estou a ver Alcmena, à porta, de barriga cheia.

ANFITRIÃO

Eu cá deixei-a grávida, quando parti.

SÓSIA

Ai, pobre de mim: era só o que me faltava!

ANFITRIÃO

Que tens tu lá?

SÓSIA

É que volto a casa mesmo a tempo para acartar a água <sup>18</sup>, |  
ao fim dos nove meses, a avaliar pelas tuas contas. 670

ANFITRIÃO

Tem calma!

---

<sup>18</sup> A água necessária durante o parto.

SÓSIA

Calma, eu? Já vais ver! Em eu pegando no balde, não darás, doravante, mais crédito aos meus juramentos, se eu parar sem ter sacado, cá para fora, a alma toda àquele poço.

ANFITRIÃO

Anda daí! Eu encarrego outro dessa tarefa, está descansado! |

ALCMENA (*à parte*)

675 Acho que não faço mais do que o meu dever, se for ao seu encontro.

ANFITRIÃO (*aproximando-se de Alcmena*)

Anfitrião cumprimenta com alegria a sua almejada consorte, aquela que ele considera a melhor de todas as mulheres de Tebas, e que até os Tebanos tanto exaltam pela sua virtude. Tens passado sempre bem? Ansiavas pelo meu regresso? |

SÓSIA (*à parte*)

680 Ânsia maior é que eu nunca vi! Este marido tão ansiado não tem melhor acolhimento do que um cão!

ANFITRIÃO

Que alegria eu sinto ao ver que a tua gravidez tem corrido bem!

ALCMENA

685 Céus! Diz-me, por favor, porque é que estás a troçar de mim?! Cumprimentas-me e falas para mim como se me não tivesses visto ainda há pouco; como se, só agora, regressasses da guerra a casa! | Pelo que dizes, até parece que me não vês há muito tempo!

ANFITRIÃO

Mas é que eu, de certeza, não te vi mais, a não ser agora mesmo!

ALCMENA

Mas porque é que estás a negar?!

ANFITRIÃO

Porque me ensinaram a dizer sempre a verdade.

ALCMENA

Mal vai quando desaprende o que se aprendeu! Ou estarão  
vocêis dois a pôr à prova os sentimentos que me vão na alma?  
Mas qual a razão deste vosso súbito regresso? Foi um | mau agoi- 690  
ro que te deteve, ou o mau tempo que te impediu de regressa-  
res para junto das tuas tropas, como ainda há pouco me dizias?

ANFITRIÃO

Ainda há pouco?! Mas que história é essa de «ainda há  
pouco»?!

ALCMENA

Lá estás tu a experimentar-me: ainda há pouco, há um  
pedaço.

ANFITRIÃO

Mas, por favor, como é que é possível isso que estás para  
aí a dizer: ainda há pouco, há um pedaço?

ALCMENA

Mas que estás tu a julgar? Que eu te esteja a enganar,  
quando és tu o mentiroso, | tu que dizes ter agora aqui chega- 695  
do pela primeira vez, quando não há muito que daqui te foste?!

ANFITRIÃO (*a Sósia*)

Esta aqui está a delirar, de certeza!

SÓSIA

Espera um pouco: deixa-a dormir de uma assentada até  
ao fim.

ANFITRIÃO

Mas ela está a sonhar acordada!

ALCMENA

Justos céus! Estou bem acordada; e é acordada que digo o que se passou: ainda há pouco, antes de amanhecer, vos vi, a ti e a esse.

ANFITRIÃO

Mas onde? |

ALCMENA

700 Aqui, em tua própria casa.

ANFITRIÃO

É impossível!

SÓSIA (*a Anfitrião*)

Caluda! E se o navio nos transportou do porto para aqui e nós a dormir?!

ANFITRIÃO

Também tu dizes com ela?!

SÓSIA

705 E o que queres tu que eu faça? Não sabes que, se pretenderes hostilizar uma bacante em Bacanal, de maluca a fazes mais maluca, e que os murros choverão sobre ti?! | Mas se condescenderes, pode ser que resolves o caso com um soco apenas.

ANFITRIÃO

Ah, não! Tenho de a castigar, lá isso é que tenho. Recusar-se a cumprimentar-me, agora que regresssei a casa!

SÓSIA

Vais-te meter num vespeiro!

ANFITRIÃO (*a Sósia*)

Cala-te! (*Voltando-se para Alcmena.*) Alcmena, quero fazer-te uma única pergunta.

ALCMENA

Pergunta o que quiseres.

ANFITRIÃO

Tu não estás louca, nem o orgulho te subiu à cabeça, pois não?! |

ALCMENA

Mas que lembrança foi essa a tua de me fazeres uma tal 710 pergunta, homem?!

ANFITRIÃO

É que dantes tinhas por hábito dar-me as boas-vindas à minha chegada, e também vir falar-me, como costumam falar as mulheres de bem a seus maridos. Ora, ao chegar a casa, descubro que perdeste esse hábito.

ALCMENA

Mas juro-te que ontem, quando chegaste, | eu te dei logo 715 as boas-vindas, de certeza, e até te perguntei, também, se tinhas passado bem de saúde, querido, e peguei-te na mão e dei-te um beijo.

SÓSIA

Tu deste-lhe as boas-vindas, ontem?!

ALCMENA

E a ti, também, Sósia.

SÓZIA

Anfitrião, sempre esperei que esta aqui te desse um filho.  
Mas não é de uma criança que ela está prenhe, não!

ANFITRIÃO

Então de que é?!

SÓZIA

De loucura! |

ALCMENA

720 Não, não estou louca; e peço aos céus que me dêem uma  
boa hora. (*A Sósia.*) Mas tu vais-me apanhar uma valente sova,  
ai vais!, se Anfitrião proceder como deve. Deste agoiro, meu  
agoirento, colherás o fruto que mereces!

SÓZIA (*fazendo o gesto de quem bate*)

Ora! A uma mulher grávida é que convém dar uma gran-  
de so...rva<sup>19</sup>, para ter onde morder, quando começar com as  
dores do parto. |

ANFITRIÃO (*a Alcmena*)

725 Mas tu ontem viste-me cá?!

ALCMENA

Vi, sim! Queres que to repita uma dezena de vezes?!

ANFITRIÃO

Em sonhos, talvez?!

---

<sup>19</sup> Procurámos, deste modo (*sova... sorva*, «fruto da sorveira»), tra-  
duzir a paronomásia *mālum*, «sova» (v. 721), e *mālum*, «maçã» (v. 723),  
existente no original latino.

ALCMENA

Qual quê?! Estava bem acordada; e tu também.

ANFITRIÃO

Ai, que desgraça a minha!

SÓSIA

Que tens tu?

ANFITRIÃO

A minha mulher está maluca!

SÓSIA

São os humores negros que a atormentam. Não há mal que faça delirar as pessoas tão depressa.

ANFITRIÃO

Quando é que começaste a sentir perturbações, mulher? |

ALCMENA

Juro-te por tudo que estou perfeitamente bem. 730

ANFITRIÃO

Mas então porque é que garantes que me viste ontem, se foi esta noite que chegámos ao porto?... Foi lá, no navio, que eu jantei; foi lá que eu dormi a noite inteira; e ainda não pus o pé cá em casa, desde que daqui parti para a guerra contra os Teléboas e alcançámos a vitória. |

ALCMENA

Nada disso: foi comigo que jantaste e comigo que dor- 735  
miste!

ANFITRIÃO

Que é lá isso?!

ALCMENA

Digo a verdade!

ANFITRIÃO

A este respeito é que não, caramba! Quanto ao resto não sei.

ALCMENA

E foi de manhãzinha que regressaste para junto das tuas tropas.

ANFITRIÃO

Como?!

SÓSIA (*a Anfitrião*)

Ela está a dizer as coisas tal e qual se recorda: é um sonho que ela te está a contar. (*A Alcmena.*) Mas tu, senhora, uma vez acordada, devias ter rezado a Júpiter que afasta os maus  
740 agoiros, | e oferecer-lhe farinha salgada ou incenso.

ALCMENA

Má morte te leve!

SÓSIA

A ti... <sup>20</sup> é que convém ter cuidado com essas coisas!

ALCMENA

Já é a segunda vez que este atrevido me falta ao respeito, e sem apanhar!

---

<sup>20</sup> Equívoco muito ao gosto de Plauto. Cf. *O Soldado Fanfarrão*, v. 286:

CÉLEDRO Que um raio te parta!

PALESTRIÃO É a ti que... já que começaste, compete continuar.

ANFITRIÃO (*a Sósia*)

Tu está-me calado! (*A Alcmena.*) E tu diz-me cá: então, eu fui-me daqui, de ao pé de ti, hoje de manhazinha?!

ALCMENA

E quem, senão vocês, me contou como decorreu lá a batalha?! |

ANFITRIÃO

Ah, também sabes isso?!

745

ALCMENA

Pois se foi da tua boca que eu ouvi como conquistaste aquela cidade tão poderosa, e mataste, por tuas próprias mãos, o rei Ptérelas!

ANFITRIÃO

E fui eu quem te disse isso?!

ALCMENA

Sim, tu; e até na presença deste aqui, de Sósia.

ANFITRIÃO (*voltando-se para Sósia*)

Tu ouviste-me, hoje, contar tal coisa?!

SÓSIA

Onde é que o poderia ter ouvido, eu?

ANFITRIÃO

Pergunta-lho a ela!

SÓSIA

Na minha presença, não o contaste tu, que eu saiba. |

ALCMENA (*a Anfitrião*)

750 Éra para admirar que ele te contradissesse!

ANFITRIÃO

Sósia, vamos, olha bem para mim.

SÓSIA

Estou a olhar.

ANFITRIÃO

Quero que digas a verdade, sem procurares ser-me agradável. Tu ouviste-me, hoje, contar-lhe o que ela afirma?

SÓSIA

Caramba! Também tu estás maluco, ao fazer-me tal pergunta? Então não estou eu a vê-la agora pela primeira vez ao pé de ti?! |

ANFITRIÃO

755 E agora mulher? Estás a ouvir o que ele diz?

ALCMENA

Se estou: mentiras!

ANFITRIÃO

Não acreditas nele, e nem sequer em mim, teu marido?

ALCMENA

Não! É que acredito muito mais em mim própria; e sei bem que as coisas se passaram exactamente como te digo.

ANFITRIÃO

Mas tu afirmas que eu cheguei ontem?!

ALCMENA

E tu negas que te foste daqui hoje?!

ANFITRIÃO

Sim, nego, pois; e sustento que estou a chegar agora pela primeira vez a casa, ao pé de ti. |

ALCMENA

Por favor: negarás tu, também, que me deste hoje, de pre- 760 sente, a taça de ouro que, tu o disseste, te foi lá oferecida?

ANFITRIÃO

Palavra que nem ta dei nem to disse; mas, de facto, era minha intenção, e ainda é, presentear-te com essa taça. Mas quem é que te disse isso?

ALCMENA

Foi da tua boca que o ouvi e da tua mão que recebi essa taça. |

ANFITRIÃO

Um momento, um momento, por favor! (*Voltando-se para 765 Sósia.*) Estou espantado, Sósia! Como é que ela sabe que me fizeram lá presente da taça de ouro? A menos que tu, há bocado, não te tenhas encontrado com ela e não lhe tenhas contado tudo.

SÓSIA

Juro-te que não disse nada e nem sequer a vi, senão agora contigo.

ANFITRIÃO

Então quem teria sido?

ALCMENA

Queres que mande trazer a taça?

ANFITRIÃO

Quero, pois! |

ALCMENA

770 Está bem. (*À escrava que a acompanha.*) Téssala, vai lá dentro buscar a taça, que o meu marido me deu hoje de presente.

ANFITRIÃO

Sósia, chega aqui. Se ela tiver a taça, será esse, decerto, o facto estranho que mais estranheza me há-de causar.

SÓSIA (*mostrando o estojo*)

E tu acreditas nisso, se eu a trago aqui, neste estojo, selado com o teu próprio selo?!

ANFITRIÃO

E o selo está intacto?

SÓSIA

Verifica. |

ANFITRIÃO

775 Bom: está exactamente como o marqueei.

SÓSIA

Ouve cá: e porque é que não a mandas esconjurar como possessa?

ANFITRIÃO

É o que tenho mesmo de fazer, não há dúvida: palavra que ela está cheia de espíritos malignos!

ALCMENA (*segurando a taça que Téssala lhe trouxe*)

Mas para que estar com mais conversas? Aqui tens a taça: ei-la!

ANFITRIÃO

Dá-ma cá.

ALCMENA

Vamos, olha para aqui agora, se fazes favor, tu que negas a realidade dos factos: vou já, aqui mesmo, convencer-te publicamente. | É esta a taça que lá te ofereceram?

780

ANFITRIÃO

Deus do céu, que vejo?! É mesmo esta, a taça. Sósia, estou perdido!

SÓSIA

Que raio! Ou esta mulher é a melhor ilusionista do mundo ou a taça há-de estar aqui dentro. *(Aponta para o estojo.)*

ANFITRIÃO

Vá, vá, abre-me o estojo.

SÓSIA

E para que hei-de eu abri-lo? Está bem selado. Fizemo-la bonita: | tu pariste outro Anfitrião, e eu, outro Sósia. Ora, se a taça tiver parido outra taça, estamos todos a dobrar!

ACERVO PARTICULAR  
Rinaldo J. A. Brandão  
rinaldobrandao@hotmail.com

ANFITRIÃO

Abre lá, repito, e vê bem.

SÓSIA

Verifica mas é tu, como está o selo: depois não deites as culpas para cima de mim.

ANFITRIÃO

Anda, abre lá: que esta mulher, com as suas palavras, quer mas é dar-nos volta ao miolo. |

ALCMENA

790 Mas, então, donde é que me veio esta taça, a não ser de ti,  
que ma ofereceste?!

ANFITRIÃO

Ora aí está o que eu preciso de esclarecer.

SÓSIA (*observando o interior do estojo*)

Céus, ah, céus!

ANFITRIÃO

Que tens tu lá?

SÓSIA

Aqui tens, no estojo, não há taça nenhuma!

ANFITRIÃO

Que ouço eu?!

SÓSIA

A verdade.

ANFITRIÃO (*ameaçador*)

Estás bem arranjado, se ela não aparecer!

ALCMENA

Mas já apareceu: é esta.

ANFITRIÃO

E quem é que ta deu?

ALCMENA

Quem diz quem! |

SÓSIA (*a Anfitrião*)

Queres mas é apanhar-me: tu saíste do navio às escondi- 795  
das, vieste para aqui a correr à minha frente, por outro cami-  
nho; depois tiraste a taça daqui de dentro e deste-lha, e, a seguir,  
trataste de selar de novo o estojo, sem que ninguém te visse.

ANFITRIÃO

Era só o que me faltava! Também tu te pões agora a con-  
tribuir para a sua loucura? (*A Alcmena.*) Então tu afirmas que  
nós viemos cá ontem?!

ALCMENA

Sim, afirmo; e que tu, logo à chegada, | me cumprimen- 800  
taste, e eu a ti; e que te dei um beijo.

SÓSIA (*à parte*)

Para já, essa história do beijo não me está a agradar nada...

ANFITRIÃO

Continua.

ALCMENA

Tomaste banho.

ANFITRIÃO

E a seguir ao banho?

ALCMENA

Foste para a mesa.

SÓSIA

Muito bem! Ótimo! Continua com o interrogatório.

ANFITRIÃO (*a Sósia*)

Não interrompas. (*A Alcmena.*) Vai dizendo mais.

ALCMENA

Serviu-se-te o jantar. Jantaste comigo; e eu deitei-me ao teu lado. |

ANFITRIÃO

805 No mesmo leito?!<sup>21</sup>

ALCMENA

Sim, no mesmo.

SÓSIA

† Hui! Cheira-me a esturro o banquete!

ANFITRIÃO (*a Sósia*)

Deixa-a apresentar as provas. (*A Alcmena.*) E depois do jantar?

ALCMENA

Dizias que estavas com sono; levantou-se a mesa e fomo-nos deitar.

ANFITRIÃO

E tu, onde te deitaste?

ALCMENA

Contigo, na mesma cama, no nosso quarto.

ANFITRIÃO

Mataste-me!

---

<sup>21</sup> É sabido que os Romanos comiam reclinados em leitos (cf. *triclinium*, «leito de mesa para três pessoas; sala de jantar»), segundo um costume importado da Grécia (cf. Valério Máximo, II, 1, 2).

SÓSIA

Mas que tens tu?

ANFITRIÃO

Esta mulher acabou comigo. |

ALCMENA

E porquê, se fazes favor?

810

ANFITRIÃO

Não me fales!

SÓSIA

Mas o que é que tu tens?

ANFITRIÃO

Desgraçado, estou perdido! Alguém se aproveitou da minha ausência para seduzir esta mulher.

ALCMENA

Por amor de Deus, homem, porque é que dizes isso?

ANFITRIÃO

Eu, teu homem?! Ah, minha falsa! Não me chames nomes falsos!

SÓSIA (*à parte*)

A coisa complica-se, se aqui, o patrão, de homem se transformou em mulher... |

ALCMENA (*a Anfitrião*)

Mas que fiz eu para me falares deste modo?

815

ANFITRIÃO

Tu mesma proclamas as tuas proezas, e ainda me perguntas que mal fizeste?!

ALCMENA

Mas que mal te fiz eu, se estive contigo, que és meu marido?

ANFITRIÃO

Estiveste comigo, tu?! Mas já se viu um descaramento maior do que este? Se perdeste toda a vergonha, ao menos arranja-a emprestada! |

ALCMENA

820 A acção de que me acusas é indigna da minha família. Se procuras acusar-me de desonestidade, é em vão que me acusas.

ANFITRIÃO (*a Sósia*)

Por todos os deuses! Tu, ao menos, conheces-me, Sósia?

SÓSIA

Mais ou menos!

ANFITRIÃO

Não é verdade que eu, ontem, jantei no navio, no porto Pérsico?

ALCMENA

Também eu tenho testemunhas que podem confirmar as minhas palavras. |

SÓSIA

825 Não sei que dizer desta embrulhada; a menos que haja, talvez, um outro Anfitrião que, na tua ausência, olhe pelas tuas coisas, e, também na tua ausência, exerça aqui as tuas fun-

ções...! Se já era de ficar pasmado com a história do Sósia, meu substituto, não há dúvida, com a destoutro Anfitrião é mesmo de um tipo ficar maluco de todo! |

ANFITRIÃO

Foi algum embusteiro que me enganou esta mulher. 830

ALCMENA

Juro-te pelo reino do rei supremo e por Juno, padroeira da família — que eu devo respeitar e temer acima de tudo —, que nenhum homem, a não ser tu, tocou com o seu corpo no meu corpo para atentar contra a minha honra.

ANFITRIÃO

Oxalá isso fosse verdade! |

ALCMENA

Digo a verdade, sim! Mas inutilmente, pois que não acreditas em mim. 835

ANFITRIÃO

És mulher — em juramentos destemida!

ALCMENA

Toda aquela que não pecou deve ser destemida e defender a sua causa com confiança e desassombro.

ANFITRIÃO

Lá destemida à farta és tu!

ALCMENA

Como convém a uma mulher honesta!

ANFITRIÃO

Honrada, sim, mas de garganta!

ALCMENA

840 Não, eu não considero dote aquilo a que se costuma chamar dote, | mas sim a castidade, o pudor, o domínio dos instintos, o temor aos deuses, o amor filial e a harmonia da família, o ser-te obediente, generosa para com os bons, útil às pessoas de bem.

SÓSIA

Ena! Esta aqui, se diz a verdade, é a pérola das mulheres!

ANFITRIÃO

Enleou-me de tal modo que já nem sei quem sou! |

SÓSIA

845 Tu és Anfitrião, evidentemente; tem cautela mas é em não perderes o domínio de ti mesmo, porque, desde o nosso regresso, as pessoas andam para aí a transformar-se a todo o momento.

ANFITRIÃO

Mulher, estou decidido a não abandonar este assunto sem o ter esclarecido.

ALCMENA

Ora essa! Não fazes mais do que o meu desejo.

ANFITRIÃO

850 Olha cá, responde-me: e se eu for ao navio buscar o teu primo Náucrates, | que fez a viagem na minha companhia; e se ele desmentir os factos que, segundo afirmas, se verificaram, que castigo mereces tu? Opor-te-ás, porventura, à anulação do nosso casamento?

ALCMENA

Se for culpada, não me oporei.

ANFITRIÃO

Estamos entendidos. Tu, Sósia, leva-me esta gente para dentro. (*Apona para os criados que o acompanham.*) Eu vou procurar Náucrates ao navio e trazê-lo para aqui comigo. | (*Sai pela esquerda.*)

SÓSIA (*a Alcmena*)

Agora que estamos sós, conta-me a verdade, a sério: está, 855 por acaso, lá dentro, um outro Sósia que seja eu chapado?

ALCMENA

Fora daqui, digno criado de tal patrão!

SÓSIA

Cá vou, já que me ordenas. (*Entra em casa com os outros escravos.*)

ALCMENA

Estou espantada com a mania que deu ao meu marido de me acusar injustamente de um crime tão grave! | Mas seja como 860 for, não tarda que eu não conheça a verdade da boca de meu primo Náucrates. (*Entra em casa.*)

### ACTO III

#### CENA I

JÚPITER

Eu sou o Anfitrião que tem por escravo o Sósia, que se transforma em Mercúrio sempre que convém; moro no andar de cima (*aponta para o céu*) e, uma vez por outra, quando me apetece, transformo-me em Júpiter. | Mas, mal aqui chego, logo 865 me mudo em Anfitrião e troco de farpela. Vim para cá agora por amor de vocês, para não deixar esta comédia a meio. | Vim, 870 também, em socorro de Alcmena, que Anfitrião, o marido, acusa injustamente de desonestidade. É que eu seria bem cul-

pado, se a falta, que eu cometi, recaísse sobre a inocente  
875 Alcmena. Por agora, | como já antes fiz, vou fingir de Anfitrião  
e lançar a maior confusão nesta casa. Só depois porei tudo em  
pratos limpos e, no momento próprio, socorrerei Alcmena, e  
farei que, num só parto, dê à luz, sem dor, o filho que conce-  
880 beu do marido e o que concebeu de mim. | Dei ordens a Mer-  
cúrio para que me seguisse imediatamente, não vá eu precisar  
dos seus serviços. Entretanto, vou falar a Alcmena.

## CENA II

### ALCMENA JÚPITER

ALCMENA (*saindo da casa, agitada e sem ver Júpiter*)

Não, não posso ficar mais nesta casa. Ver-me assim  
acusada de indignidade, de adultério, de infâmia pelo meu  
próprio marido! Clama que não é verdade o que se passou, |  
885 lança-me em rosto factos que não se passaram e de que eu  
não sou culpada, e julga que eu hei-de ficar indiferente a tudo  
isso! Ah! Não me conformo, nem admito que me acusem in-  
justamente de desonestidade: ou o abandono ou exijo dele  
890 uma satisfação, e, além disso, um juramento solene de | estar  
arrependido dos insultos que proferiu contra uma mulher  
inocente.

JÚPITER (*à parte*)

Tenho de fazer o que ela exige, se quero que ela torne a  
aceitar o meu amor. As minhas astúcias voltaram-se contra  
Anfitrião e, ainda há pouco, os meus amores causaram abor-  
895 recimentos | ao inocente; agora, porém, será sobre mim, ino-  
cente, que a cólera do marido e os seus insultos contra a  
mulher irão recair.

ALCMENA

Mas estou a ver aquele que acusa a sua infeliz mulher de  
adultério, de infâmia!

JÚPITER (*à parte*)

Mulher, desejo falar contigo. Mas... porque me viraste as costas?

ALCMENA

Eu cá sou assim: detestei sempre | encarar os meus ini- 900  
migos!

JÚPITER

Eia! Os teus inimigos?

ALCMENA

Exactamente: os meus inimigos! A menos que te dê para insinuar que também isto, que disse, é falso!

JÚPITER (*aproximando-se de Alcmena e procurando abraçá-la*)

És irritável de mais!

ALCMENA (*esquivando-se*)

Não podes estar quieto com as mãos?! Decerto, se tives-  
ses sentimentos ou algum tino, não falavas, nem a sério nem  
a brincar, com uma mulher que | consideras e proclamas de 905  
desavergonhada. Ou, então, és o mais parvo de quantos par-  
vos há!

JÚPITER

Se disse tal coisa, não é verdade, não! Nem eu acredito  
nisso. E, se voltei cá, foi para te apresentar as minhas descul-  
pas. | Pois nunca nada me custou mais que saber-te zangada 910  
comigo. «Mas por que me falaste assim?», perguntarás tu. Eu  
explico-te. Não foi, juro, por ter pensado que fosses desonesta,  
mas porque quis pôr à prova os teus sentimentos, a ver o que |  
fazias e de que modo suportavas a situação. Palavra: o que te 915  
disse há pouco foi na brincadeira, foi só para reinar. E, se não,  
pergunta a Sósia.

ALCMENA

Porque é que não trouxeste contigo o meu primo Náucrates? Ainda há pouco dizias que o ias apresentar aqui como  
920 testemunha | de não teres cá vindo antes!

JÚPITER

Simples brincadeira, que fazes mal em tomar a sério.

ALCMENA

Só eu sei o que isso me fez sofrer!

JÚPITER (*pegando na mão direita de Alcmena*)

Por esta mão que me é tão cara, Alcmena, peço-te e suplico-te, perdoa, desculpa, não estejas zangada. |

ALCMENA

925 Os teus insultos já eu os desmenti com a minha conduta irrepreensível. Mas, uma vez que eu sempre me abstive de actos desonestos, não quero estar sujeita a palavras igualmente desonestas. Adeus! Fica tu com o que é teu e dá-me o que me pertence. Queres dar ordem para me acompanharem?

JÚPITER

Mas estarás tu boa da cabeça?!

ALCMENA

930 Se me não mandas acompanhar, | vou eu sozinha: levarei a Castidade por companheira.

JÚPITER

Espera. Juro, por tudo o que quiseses, que te tenho na conta da mais virtuosa das esposas. Se estou a mentir, então ó... supremo Júpiter, peço-te que faças recair, para sempre, a tua cólera sobre... Anfitrião! |

ALCMENA (*reconciliada*)

935 Ah, não! Que te seja, antes, propício!

JÚPITER

Assim o espero... É que o juramento que fiz na tua presença é sincero! Mas já não estás zangada?

ALCMENA

Não!

JÚPITER

Ora ainda bem! É que na vida de uma pessoa dão-se muitos casos como este: aos prazeres sucedem-se as desgraças; | às 940 zangas, as pazes. Mas se, por acaso, entre duas pessoas que se amam ocorrem zangas como esta, uma vez feitas as pazes, redobra o seu amor.

ALCMENA

Melhor fora que tivesses começado por evitar os insultos. | Mas, já que me pediste desculpa, devo esquecer tudo. 945

JÚPITER

Manda-me preparar os vasos sagrados, para eu cumprir todos os votos que fiz na guerra, se regressasse a casa são e salvo. |

ALCMENA

Vou já tratar disso.

950

JÚPITER (*falando para dentro de casa*)

Mandem-me cá Sósia: ele que vá convidar Blefarão, o piloto do meu navio, para comer connosco. (*À parte.*) Ele há-de comer mas é uma figa! E já estou a ver a cara do tipo, quando eu agarrar em Anfitrião pelo pescoço e o puser a mexer daqui para fora.

ALCMENA (*à parte*)

Estranho! Que estará ele para ali sozinho a resmungar em | segredo?! Mas estão a abrir a porta. É Sósia que vem a sair. 955

CENA III

SÓSIA JÚPITER ALCMENA

SÓSIA (*saindo de casa*)

Aqui estou, Anfitrião: se é preciso alguma coisa, manda, que eu obedeço.

JÚPITER

Sósia, vens mesmo a propósito.

SÓSIA

Mas... vocês dois já fizeram as pazes? Vê-los calmos, a ambos, é para mim uma alegria e um prazer. Ao que me parece, é assim que um criado bem-educado deve proceder: | conforme estiverem os patrões, assim ele deve estar; que ele regule a cara pela cara deles: esteja triste, se os patrões estiverem tristes; prazenteiro, se eles estiverem alegres. Mas, anda lá, responde-me: vocês já estão reconciliados?

JÚPITER

Estás a fazer troça ou quê?! Sabes bem que o que disse há pouco foi só por brincadeira.

SÓSIA

Por brincadeira?! E eu que pensei que era mesmo a sério! |

JÚPITER

965 Apresentei as minhas desculpas: fizeram-se as pazes.

SÓSIA

Bestial!

JÚPITER

Eu vou, aqui dentro, fazer os sacrifícios, cumprir os votos que formulei.

SÓSIA

Está bem!

JÚPITER

E tu vai ao navio convidar, em meu nome, o nosso piloto Blefarão para almoçar comigo, depois dos sacrifícios.

SÓSIA

Estarei de volta, quando pensares que ainda lá estou.

JÚPITER

Volta depressa. |

*(Sósia sai pela esquerda.)*

ALCMENA

Precisas de mim ou posso ir para dentro, fazer os prepara- 970  
tivos necessários?

JÚPITER

Vai, vai; e faz os possíveis para que tudo esteja a postos.

ALCMENA

Podés entrar, quando quiseres. Prometo-te que não terás  
de esperar.

JÚPITER

Isso é que é falar bem e como convém a uma mulher zelosa.  
*(Alcmena entra em casa.)* Já são dois a cair na esparrela: o criado e  
a patroa! Ambos | pensam que eu sou Anfitrião, mas enganam-se 975  
redondamente. Agora tu, divino Sósia, faz por me ajudares. Tu  
estás a ouvir-me bem, apesar de não estares ao pé de mim. Tra-  
ta de afastar de casa Anfitrião, quando chegar. Inventá os meios  
que quiseres. | Quero que o mistifiques, enquanto me divirto 980  
com esta minha esposa em usufruto. Vamos: olha por tudo isto,  
sobretudo por saberes que é essa a minha vontade, e assiste-  
-me, enquanto ofereço o sacrifício a mim próprio! *(Entra em casa.)*

CENA IV

MERCÚRIO (*entrando pela esquerda a correr*)

Afastem-se, arredem-se todos, saiam-me do caminho! <sup>22</sup> |  
985 Nem possa haver homem tão atrevido que me estorve a passagem! Pois quê?! Ameaçar a população, se não se afastar, havia de ser menos lícito a mim, que sou um deus, que a qualquer criadinho de comédia?! Um desses corre a anunciar que o navio arribou a salvo ou a chegada do velho numa fúria: ao passo que eu estou a cumprir as ordens de Júpiter. Se venho para  
990 aqui, é por seu mandado. | Por isso, tenho mais direito a que me saiam da frente e se afastem. Meu pai está a chamar por mim; eu acorro, pronto a obedecer às suas ordens. Assim como um bom filho deve proceder para com o pai, assim eu procedo para com o meu. Assisto-o nos seus amores, encorajo-o, estou ao seu lado, dou-lhe os meus conselhos, partilho das suas alegrias. | Se anda de amores, ele lá sabe: faz muito bem em ceder aos seus instintos. Toda a gente devia fazer o mesmo, mas sem prejudicar ninguém. Agora, meu pai quer que eu engane Anfitrião: é exactamente o que vou fazer. Ele há-de ser enganado aqui, na vossa presença, espectadores. Vou pôr uma  
1000 roa na cabeça <sup>23</sup> e fingir que estou com os copos. | Subo lá para cima (*aponta para o telhado da casa*) e de lá, do alto, poderei, às mil maravilhas, enxotar o nosso homem, quando se aproximar de casa. Vou fazer que ele se embebede sem beber. Depois, quem as vai pagar logo há-de ser o escravo Sósia. O patrão torná-lo-á responsável por todas as patifarias que eu aqui fizer. E a mim que se me dá?! Devo obediência a meu pai: o meu  
1005 dever é secundá-lo nos seus caprichos. | Mas ali vem Anfitrião. Não tarda que ele não seja aqui bem ludibriado, se vocês esti-

---

<sup>22</sup> Esta entrada de Mercúrio, na figura do escravo Sósia, em correia desenfreada e bradando ao público para que se afaste (*seruus currens*), é característica da comédia grega, desde Aristófanes (*Comédia Antiga*) até Menandro (*Comédia Nova*).

<sup>23</sup> Como se viesse de um banquete. Cf. Maria Teresa Schiappa de Azevedo, in Platão, *O Banquete*, p. 85 e n. 131, Lisboa, Edições 70, col. «Clássicos Gregos e Latinos», n.º 6.

verem dispostos a prestar atenção. Vou mas é para dentro, enfiar o traje que mais me convém. Depois, subo para o telhado, para de lá lhe impedir a passagem. (*Entra em casa.*)

#### CENA V

ANFITRIÃO (*entrando pela esquerda*)

Náucrates, que eu tanto desejava encontrar, não estava no navio; | e nem em casa, nem na cidade consigo dar com alguém 1010  
que o tenha visto. Percorri todas as praças, ginásios e perfumarias; nas lojas, no mercado, na palestra, no foro, nos médicos, nas barbearias, em todos os templos me esfalfei a procurá-lo... de Náucrates nem sombra! | Agora vou mas é para casa. 1015  
Quero continuar com o inquérito, até que a minha mulher me deslinde quem foi o tipo por quem ela se cobriu de infâmia. Antes morrer do que deixar esta pergunta sem resposta. Mas a casa está fechada! Tanto melhor! As coisas estão a jogar umas com as outras! Vou bater. (*Pontapés na porta.*) | Abram lá isso! 1020  
Pst! Está cá alguém? Quem é que me abre a porta?

#### CENA VI

MERCÚRIO ANFITRIÃO

MERCÚRIO (*do telhado*)

Quem é?

ANFITRIÃO

Sou eu.

MERCÚRIO

Eu, quem?

ANFITRIÃO

Quem há-de ser: eu!

MERCÚRIO

Por certo, Júpiter e o céu inteiro vêm atrás de ti numa fúria, para assim nos espatifares a porta!

ANFITRIÃO

Que queres tu dizer com isso?

MERCÚRIO

Que hás-de ser toda a vida um desgraçado.

ANFITRIÃO (*admirado e ameaçador*)

Sósia!

MERCÚRIO

1025 Sim, sou eu, ou pensas que me esqueci?! | E tu que queres?

ANFITRIÃO

Ah, malvado! Tu ainda me perguntas o que quero?!

MERCÚRIO

Pergunto, pois: por pouco que não fizeste saltar os gonzos à porta, imbecil! Pensas tu que é o Estado que no-las fornece, ou quê?! Porque é que estás a olhar para mim, lorpa? Que queres? Mas quem és tu?

ANFITRIÃO

1030 Ah, patife, ainda me perguntas quem sou, meu cemitério de pauladas? | Juro que, por essas insolências, ainda hoje te hei-de aquecer as costas com o cacete.

MERCÚRIO

Deves ter sido um mãos-rotas, na tua mocidade...!

ANFITRIÃO

Porquê?!

MERCÚRIO

Porque, na velhice, me vens mendigar... uma coça!

ANFITRIÃO

Estás a arranjar lenha para te queimares com as palavras que vomitas, meu velhaco.

MERCÚRIO

Pois eu vou oferecer-te um sacrifício...!

ANFITRIÃO

O quê?!

MERCÚRIO

Sim, vou consagrar-te uma... sova!<sup>24</sup> |

(*Lacuna.*)

---

<sup>24</sup> Entre este verso (1034) e o 1035 existe uma lacuna de cerca de 300 versos (272, segundo L. Havet), motivada pelo desaparecimento de um caderno (talvez o quinto) no arquétipo dos manuscritos subsistentes, e que abrange o final do acto III e quase todo o acto IV. Da parte desaparecida, apenas se salvaram os fragmentos, que traduzimos, numerados de I-XX, graças a citações de gramáticos, em especial Nónio. A ordem dos fragmentos é a que tem sido adoptada por editores modernos, como Leo, Lindsay, Ernout e Paratore. Contudo, ela é discutível, porquanto as fontes que no-los transmitiram nada nos dizem acerca da sua localização na comédia, bem como das personagens e das cenas a que eles pertenciam. O último fragmento foi atribuído a Plauto por Festo (168,8), sem referir o nome da comédia de que fazia parte. Loewe-Goetz consideram-no como pertencente ao *Anfitrião*; Lindsay rejeita-o; Ernout coloca-o entre parêntesis rectos. Com base na ordem dos fragmentos adoptada, é possível reconstituir as linhas gerais da acção no que respeita à parte desaparecida. Contudo, segundo a opinião de A. Ernout (*op. cit.*, p. 10), o dano não foi grande, pois, nas três centenas de versos desaparecidos, nada mais havia do que «une parade clownesque, destinée à la partie la plus grossière du public, qui s'esclaffait à voir Júpiter, Mercure et Amphitryon s'empoigner comme des porte-faix». Veja-se E. Paratore (1959), 122; Elaine Fantham (1973), 197-214. Frg. I: parece ser a resposta de Anfitrião à fala

FRAGMENTOS

I ANFITRIÃO

E eu vou consagrar-te uma cruz e um carrasco, meu patife!

II MERCÚRIO

O meu amo Anfitrião está ocupado.

III MERCÚRIO

Tens ainda uma excelente ocasião para te pores a mexer.

IV MERCÚRIO

Há muito boas razões para te quebrar na cabeça uma panela de cinzas.

V MERCÚRIO

Não me peças que te despeje na cabeça um penico cheio de água.

---

de Mercúrio que antecede o início da lacuna. Frgs. II-X: o barulho da altercação entre Mercúrio e Anfitrião faz acorrer Alcmena, a quem o marido acusa de infidelidade. Alcmena, embora duvide da saúde mental de Anfitrião, defende-se com dignidade, segura que está da sua inocência. Perante a insistência do marido, Alcmena retira-se para casa e fecha-lhe a porta na cara (*fim do acto III?*). Frgs. XI-XIV: no início (?) do acto IV, Anfitrião encontra-se com Blefarão e Sósia. Sobre este faz desabar toda a sua ira, acusando-o de o não ter deixado entrar em casa e, para mais, de o ter insultado do telhado da casa; chega mesmo a ameaçá-lo de o castigar com trabalhos forçados. Blefarão tenta convencer Anfitrião de que Sósia não podia estar, ao mesmo tempo, em casa e no porto, onde o fora procurar. Frgs. XV-XVII: Júpiter sai de casa e, frente a frente, os dois Anfitriões acusam-se mutuamente de adultério e ameaçam chegar a vias de facto. Frgs. XVIII-XX: resolvem, pois, recorrer a Blefarão que, confuso, não é capaz de distinguir o verdadeiro do falso Anfitrião.

- VI MERCÚRIO  
Estás possesso. Pobre homem! Vai mas é procurar um médico!
- VII ALCMENA  
Mas tu juraste-me que tinhas dito isso na brincadeira.
- VIII ALCMENA  
Por favor, manda que te tratem desse mal, enquanto está no começo: decerto, estás possesso ou delirante.
- IX ALCMENA  
Se as coisas se não passaram como te afirmo, não me oponho a que me acuses de infidelidade.
- X ANFITRIÃO  
... uma mulher que, na minha ausência, andou a oferecer o corpo a toda a gente.
- XI ANFITRIÃO (*a Sósia*)  
Que me ameaçavas tu de fazer, se eu tivesse insistido em bater à porta?
- XII ANFITRIÃO  
Lá, hás-de abrir covas, mais de sessenta por dia.
- XIII ANFITRIÃO (*a Blefarão*)  
Não intercedas por este malvado.
- XIV BLEFARÃO  
Poupa mas é o fôlego!
- XV JÚPITER  
Apanhei-o em flagrante; eu agarro nele e torço-lhe o pescoço. Ladrão! Sedutor!

XVI ANFITRIÃO

Eu é que lho torço, cidadãos de Tebas, a essa montureira de desonra, que, em minha própria casa, cobriu minha mulher de ignomínia.

XVII ANFITRIÃO

Não tens vergonha de te apresentares em público, malvado?

XVIII ANFITRIÃO

Às escondidas.

XIX JÚPITER ou ANFITRIÃO (*a Blefarão*)

... pois não és capaz de distinguir qual de nós dois é Anfitrião.

XX ANFITRIÃO

O quê?! Não te conheço, meu escriturário de marinha, meu grandessíssimo desavergonhado!

#### ACTO IV

#### CENA FINAL

BLEFARÃO ANFITRIÃO JÚPITER

BLEFARÃO

1035 Resolvam lá isso entre vocês dois: eu vou-me mas é daqui, pois tenho mais que fazer. Nunca por nunca ser eu vi, creio bem, uma coisa tão estranha!

ANFITRIÃO

Blefarão, por favor, fica cá para me defenderes; não te vás embora.

BLEFARÃO

Adeusinho. Como é que eu sou preciso como defensor, se não sei a qual dos dois hei-de eu defender? *(Sai.)*

JÚPITER *(à parte)*

Eu vou mas é lá para dentro. Alcmena está para dar à luz. *(Entra em casa.)*

ANFITRIÃO

Ai de mim, que estou perdido! | Que hei-de eu fazer, se 1040  
os amigos me abandonam e me recusam o seu auxílio? Mas,  
palavra, não há-de ser esse tipo, seja lá ele quem for, que tor-  
nará a fazer troça de mim impunemente. Vou já a direito ter  
com o rei e contar-lhe tudo o que se passou. Juro que, hoje  
mesmo, me hei-de vingár desse bruxo da Tessália<sup>25</sup> que mal-  
dosamente deu volta à cabeça de toda a minha gente. | Mas 1045  
onde se meteu ele? Oh! Foi para dentro, para junto de minha  
mulher, creio bem! Haverá, em Tebas, alguém mais desgraça-  
do do que eu? Que hei-de fazer agora? Toda a gente me igno-  
ra e faz troça de mim a seu bel-prazer. Estou decidido: entro  
em casa à viva força e todo aquele que eu apanhar pela frente,  
criada ou criado, minha mulher ou o amante, | meu pai ou meu 1050  
avô, assim que os vir, faço-os ali mesmo às postas! Nem Júpi-  
ter, nem toda a corte celeste me impedirão, ainda que o quei-  
ram, de fazer como resolvi. Lá para dentro, já.

*(No momento em que Anfitrião corre em direcção à porta de casa, ouve-se o ribombar de um trovão; Anfitrião cai por terra sem sentidos.)*

---

<sup>25</sup> A Tessália era, para os antigos Gregos, a pátria de bruxas e feiti-  
ceiros.

ACTO V

CENA I

BRÓMIA ANFITRIÃO

BRÓMIA (*saindo precipitadamente de casa; sem ver Anfitrião*)

Esperanças e possibilidades da minha vida jazem todas sepultadas no meu peito, e não há firmeza de alma que eu já  
1055 não tenha perdido. | Sim! Parece que tudo, mar, terra, céu, me persegue para me esmagar, para me aniquilar. Pobre de mim! Não sei que hei-de fazer. Tão grandes foram os prodígios que aconteceram cá em casa! Ai que desgraça a minha! Sinto-me desfalecer: por favor, dêem-me água! Estou despedaçada,  
1060 consumida. Dói-me a cabeça: não ouço, nem vejo bem. | Não há, nem pode haver mulher mais desgraçada do que eu. As coisas que aconteceram à minha ama! Ao chegarem-lhe as dores, invoca os deuses em seu auxílio, mas eis que se ouvem estrondos, estalidos, estrépitos, trovões. E que súbitos, que próximos, que fortes! Àquele fragor, cada um de nós caiu ali mesmo por terra. Então, não sei quem brada com voz ensurdecedora: «Alcmena, aqui está o socorro, não tenhas receio. É um  
1065 habitante do céu que chega, | propício a ti e aos teus. Levantai-vos — continuou ele — vós que, perante o meu terrível poder, caístes de medo por terra.» Eu, que tinha caído, levanto-me. Pensei, então, que a casa toda estava a arder, de tal modo ela resplandecia! Nisto, Alcmena começa a gritar por mim; só faltava mais esta para me encher de medo! Mas o receio pela minha patroa passa à frente; acorro a saber o que deseja; e que  
1070 vejo?! | Ela dera à luz dois rapazes. Nenhum de nós dera conta do parto, nem sequer o tinha pressentido. (*Vendo o vulto de Anfitrião caído por terra.*) Mas que é isto?! Quem é este ancião assim caído por terra diante de nossa casa? Será que Júpiter o fulminou?! Creio bem que sim! Céus! Está estendido como um  
1075 morto. | Vou ver se sei quem é. (*Ergue o manto que cobre o rosto de Anfitrião.*) Mas é Anfitrião, o meu amo! (*Sacode-o.*) Anfitrião!

ANFITRIÃO (*voltando a si*)

Estou liquidado!

BRÓMIA

Levanta-te!

ANFITRIÃO

Estou morto!

BRÓMIA

Dá cá a mão!

ANFITRIÃO

Quem me está a agarrar?

BRÓMIA

Brómia, a tua criada.

ANFITRIÃO

Estou todo a tremer. Júpiter fulminou-me! É como se regressasse do outro mundo. Mas tu, porque vieste cá para fora?

BRÓMIA

É que esse mesmo susto se converteu para nós num ímpeto de terror. | Que prodígios tão extraordinários eu vi em tua casa! Ai de mim, Anfitrião! Neste momento, ainda estou sem pinga de sangue!

ANFITRIÃO

Vamos, esclarece-me cá uma coisa: tens a certeza de que eu sou o teu amo Anfitrião?

BRÓMIA

Tenho.

ANFITRIÃO

Vê lá bem.

BRÓMIA

Tenho, pois!

ANFITRIÃO

Da minha gente, é esta a única que está no seu perfeito juízo.

BRÓMIA

Mas olha que todos os outros também estão: podes ter a certeza.

ANFITRIÃO

1085 Eu, não! Minha mulher fez-me perder | com a sua condu-  
ta infame.

BRÓMIA

Mas eu vou já fazer que mudes de parecer, Anfitrião: fica  
ciente que a tua mulher é fiel e honesta. Dar-te-ei provas evi-  
dentes disso em duas palavras. Primeiro que tudo, Alcmena  
deu à luz um par de gémeos.

ANFITRIÃO

Que dizes tu?! Gémeos?!

BRÓMIA

Sim, gémeos.

ANFITRIÃO

O céu me protege!

BRÓMIA

1090 Deixa-me falar, e verás que | tanto a ti como a tua mulher  
os deuses todos são propícios.

ANFITRIÃO

Fala.

BRÓMIA

Há pouco, a tua mulher, mal entrou em trabalhos de parto e as primeiras dores se fizeram sentir, pôs-se a invocar o auxílio do céu, como fazem, em geral, as parturientes, de mãos lavadas e de cabeça coberta. Mas eis que, subitamente, ribomba um trovão | com ruído ensurdecedor. Logo pensá-  
mos que a tua casa vinha abaixo; toda ela resplandecia, como se fosse de oiro. 1095

ANFITRIÃO

Por favor, acaba lá com isso: já basta de tanta troça. E depois?

BRÓMIA

Enquanto isto se passa, nenhum de nós ouviu tua mulher a gemer ou a gritar: | teve, certamente, um parto sem dor. 1100

ANFITRIÃO

Muito folgo, apesar do que ela me fez.

BRÓMIA

Deixa lá isso e escuta o fim da história. Depois do parto, ela ordenou-nos que lavássemos as crianças. Assim fizemos. Mas o menino que eu lavei, oh!, como era grande e forte! Ninguém foi capaz de lhe apertar as fraldas. |

ANFITRIÃO

Mas é mesmo um prodígio o que tu me contas! Se isso é  
verdade, não duvido de que minha mulher recebeu assistência  
divina. 1105

BRÓMIA

Já vais ficar ainda mais admirado. Uma vez no berço, eis que, do alto do tecto, se lançam em voo para o implúvio duas serpentes com crista<sup>26</sup>, enormes.

ANFITRIÃO

Ai de mim! |

BRÓMIA

1110 Não tenhas receio. Neste meio tempo, as serpentes olham para toda a gente em redor. Assim que dão com os olhos nos meninos, arremetem velozes para o berço. Eu a arrastar, a levar o berço sempre mais para trás, receando pelas crianças e assustada por mim própria; e as serpentes sempre a perseguir-nos mais e mais encarniçadas. Mas, apenas enxergou as ser-  
1115 pentes, o menino mais robusto | salta ligeiro do berço, precipita-se a direito contra elas. Num abrir e fechar de olhos tinha-as agarradas, uma em cada mão!

ANFITRIÃO

Mas é mesmo um prodígio o que me contas! São de causar calafrios as tuas palavras! Ai de mim! De ouvir-te, todo eu estou a tremer de medo! E depois, que aconteceu? Conta depressa.

BRÓMIA

1120 O menino estrangula-as a ambas. | Entrementes, com uma voz sonora, chama por tua mulher...

ANFITRIÃO

Mas quem?!

---

<sup>26</sup> Segundo a lenda, as duas serpentes tinham sido enviadas pela ciumenta Juno (cf. supra n. 16), desejosa de, com a morte do recém-nascido Hércules, se vingar da infidelidade de Júpiter. Veja-se Robert Graves, *The Greek Myths*, Penguin Books, Edinburgh, 1955, II, cap. 118, pp. 84 e segs.

BRÓMIA

... o senhor supremo dos deuses e dos homens, Júpiter. Disse que tivera relações clandestinas com Alcmena e que o menino, que vencera as serpentes, era seu filho; o outro, que era teu.

ANFITRIÃO

Bom! Não me desagrada nada saber | que dos meus have- 1125  
res me é dado partilhar metade com Júpiter. Volta para casa;  
manda-me preparar imediatamente os vasos sagrados: desejo,  
com numerosas vítimas, apaziguar-me com Júpiter, todo-pode-  
roso. (*Brómia entra em casa.*) Quanto a mim, vou mandar cha-  
mar o adivinho Tirésias e consultá-lo sobre o que há a fazer;  
ao mesmo tempo, contar-lhe-ei tudo o que se passou. (*Ouve-se  
um novo trovão.*) | Mas que é isto? Que forte trovão! Céus, im- 1130  
ploro a vossa protecção!

CENA II

JÚPITER ANFITRIÃO

JÚPITER (*do alto de uma nuvem*)

Sossega, Anfitrião: estou aqui para te auxiliar, e bem as-  
sim a todos os teus. Nada tens que recear. Adivinhos e  
arúspices, manda-os todos passear: o passado e o futuro, eu tos  
direi muito melhor do que eles, visto que sou Júpiter. | Em pri- 1135  
meiro lugar, sabe que recebi os favores de Alcmena e dessa  
união ela ficou grávida de um filho meu. Teu era já o filho  
que ela trazia no ventre, quando foste para a guerra: de um  
só parto ela deu à luz os dois ao mesmo tempo. Um deles, o  
que foi concebido do meu sangue, cobrir-te-á de imortal gló-  
ria | com os seus feitos<sup>27</sup>. Quanto a ti, regressa à harmonia 1140

---

<sup>27</sup> Júpiter alude às façanhas de Hércules, que viria a ficar, desde os Gregos até aos nossos dias, como exemplo do super-homem invencível, sempre ao serviço de fracos e oprimidos. Veja-se Robert Graves, *op. cit.*, II, caps. 119 e segs., em especial 123-134, pp. 90-158.

de outrora com Alcmena: ela não merece que a recriminem; o que ela fez, fui eu quem a obrigou a isso. Agora, volto para o céu. *(Desaparece.)*

ANFITRIÃO

Cumprirei as tuas ordens e peço-te que, em troca, mantenha-  
1145 nhas as tuas promessas. | Vou para dentro, para junto de minha  
mulher; o velho Tirésias pode ir à sua vida! Entretanto, espectadores, em atenção a Júpiter supremo, força!, batam palmas.

ANEXO B – UM DEUS DORMIU LÁ EM CASA

GUILHERME FIGUEIREDO

Um Deus Dormiu lá em Casa  
A Rapôsa e as Uvas  
Os Fantasma  
A Muito Curiosa História  
da  
Virtuosa Matrona de Éfeso

EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.  
RIO DE JANEIRO

Do mesmo autor nesta editôra:  
NA COLEÇÃO "VERA CRUZ":

*Tragédia para Rir*, peça em três atos  
*Xântias*, diálogos sôbre a criação dramática  
*O Outro Lado do Rio*, romance  
*As Excelências* ou *Como Entrar para a Academia*

Na coleção "Novela Brasileira":  
*História para se Ouvir de Noite*

NA COLEÇÃO "OBRAS IMORTAIS":  
*Tartufo*, de Molière, em tradução

E AINDA:  
*Tratado Geral dos Chatos*, humorismo

*desenho de capa:*  
EUGÊNIO HIRSCH

*Exemplar*    *N.º*    1115

O aproveitamento destas peças, no todo ou em parte, em leituras públicas, teatro, em disco, no rádio, na televisão, no cinema, ou quaisquer outros veículos de publicidade e ainda sua adaptação para qualquer gênero de espetáculos, é estritamente proibido. Para tais fins, faz-se necessária a permissão do autor, a ser solicitada por intermédio da

EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

*Rua 7 de Setembro, 97 — Rio de Janeiro*

e da

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

(S. B. A. T.)

*Av. Almirante Barroso, 97, 3.º — Rio de Janeiro*

1964

---

Impresso nos Estados Unidos do Brasil  
*Printed in the United States of Brazil*

## ÍNDICE

Um Deus Dormiu lá em Casa .....	3
A Rapôsa e as Uvas .....	59
Os Fantasmas .....	121
A Muito Curiosa História da Virtuosa Matrona de Éfeso .....	183

# *Um Deus Dormiu lá em Casa*

(PEÇA EM 3 ATOS)

*Para Tônia Carrero*

## PERSONAGENS

ANFITRIÃO, general de Tebas.

ALCMENA, sua espôsa.

TESSALA, escrava.

SÓSIA, escravo.

VOZES DA MULTIDÃO.

VOZES DOS SOLDADOS.

VOZ DE DEMAGOGÓS.

## PRIMEIRO ATO

**CENÁRIO:** *Casa de Anfítrião, ante-sala. À esquerda, pórtico dando para a rua. Para chegar-se a êle há dois ou três degraus, entre duas colunas. Ao fundo, janela alta. Ao fundo, à direita, porta dos aposentos de Anfítrião; porta dando para o interior da casa; à direita, parede lisa. Simplicidade grega. Um "clismos".*

*(Ao abrir-se o pano, Anfítrião está no pórtico, voltado para a multidão. Fora, ouvem-se as aclamações).*

1.<sup>a</sup> Voz: — Calai! Calai! Demagogós vai falar!

VOZES: — Fale Demagogós! Falai! Fala, Demagogós! *(as vozes cessam pouco a pouco)*.

VOZ DE DEMAGOGÓS: — Tebanos! Já é tempo de os deuses fazerem cessar as desgraças que pesam sôbre a cidade. Laio, o infortunado, não conseguiu afastar os nossos males, e morreu sob a mão de Édipo, que adivinhou o segrêdo da Esfinge, e por um tempo nos tornou felizes. Mas a profecia se cumpriu, e o nosso último rei, casado com a própria mãe Jocasta, irmão de seus próprios filhos, não sobreviveu à vergonha do incesto: arrancou os olhos e, velho e cego, foi morrer em Colono. Seus filhos, Polinice e Eteócles, guerrearam-se e mataram-se. Jocasta matou-se; Eurídice, espôsa de Creonte, irmão da infelicíssima rainha, matou-se. Antígona, filha querida de Édipo, enterrou o próprio irmão e matou-se, enfrentando o nosso atual senhor, êsse bom Creonte; e seu filho Hemon matou-se. É tempo de cessarem os males de Tebas. Demeter nos foi propícia nas colheitas. Dionisos nos deu êste ano o melhor vinho de suas parreiras. As ânforas estão cheias de doce óleo de oliva; os rebanhos crescem prometendo mais carne para o alimento, mais lã para a roupa e

mais luzentes vísceras para os sacrifícios. Marte cedeu lugar a Minerva, e, na primavera dêste ano, já íamos iniciar os ditirambos, quando Ptérelas, rei dos Teleboanos, cercou com seus exércitos a gloriosa Tebas e nos ameaça com a fome e o saque. E então, a divina inspiração baixou sôbre o monarca, e êle nomeou general das nossas tropas o mais valente dos guerreiros, o mais vigoroso dos atletas, um herói que tem a bravura de Aquiles, a argúcia de Ulisses, a honra de Ajax: o nosso general Anfitrião! (*aclamações da massa.*) Aqui estamos, Anfitrião, para assegurar-te que confiamos no teu comando. Os mensageiros vindos de Delfos nos dizem que os deuses te serão propícios! Toma a espada, Anfitrião, e salva as colheitas, os rebanhos, os lares, as mulheres, os velhos e as crianças de Tebas! (*grande aclamação.*)

Voz: — Bravo, Demagógos!

VOZES: — Fala, Anfitrião! Fale o general! Fala! (*Cessam as aclamações.*)

ANFITRIÃO: — Meus caros compatriotas! (*aclamação*) Honroso dever é o que me impõe Creonte, meu rei e meu amigo. Sou um guerreiro, um atleta, mas não fui dotado de dom da oratória, tão caro aos helenos. Perdoai-me se não sei falar. . . Estou profundamente comovido com esta manifestação. Mas o momento é de ação, não de palavras: *res, non verba*, como dirão os romanos. A pátria está em perigo! Avante! Vamos para a luta! Vamos botar êsses Teleboanos fora das terras de Tebas. Com deuses, ou sem deuses, o que vos prometo é um bom pontapé no traseiro de cada um dêsses tratantes! (*Aclamações menores.*)

VOZ: — É certo Anfitrião, que não acreditas nos deuses? (*Entram em cena Alcmena e Tessala, com ânforas. Param para ouvir.*)

ANFITRIÃO: — Acredito na valentia dos Tebanos, na ciência estratégica e no ferro das nossas armas! (*Bravos e alguns murmúrios de desaprovação.*)

TESSALA: — Não vais ouvir teu marido, Alcmena?

ALCMENA: — Não. Anfitrião não sabe falar em público, e isto me envergonha. Além disso, lá está de nôvo a provocar os deuses. Creonte nunca devia ter dado a um livre-pensador o pôsto de general.

TESSALA: — Parece preferir que êle fique em casa enquanto os outros vão defender Tebas.

ALCMENA: — Meu marido é um atleta. Os atletas não deviam ser expostos à morte nas batalhas. Deviam ser poupados para melhorar a espécie humana.

VOZ: — Anfitrião! Pede perdão a Júpiter pelo que disseste, antes que a sua cólera desabe mais uma vez sôbre Tebas!

ANFITRIÃO: — Júpiter coisa nenhuma! Vou vencer esta guerra sem precisar de feitiçaria!

VOZES: — Blasfêmia!

ALCMENA: — (*horrorizada, baixo, a Tessala*) Blasfêmia, Tessala! Sempre temi por isto. Nunca, nem mesmo nas grandes datas, como hoje, aniversário de nosso casamento, consegui levá-lo ao templo. Durante as libações, manda reservar a melhor parte do carneiro, a que se oferece aos deuses, para comer com cebolas. E nos concursos trágicos, ronca como um javali, e só acorda na hora do vinho e da comédia.

TESSALA: — Estas coisas ímpias êle tem ensinado a Sósia.

ALCMENA: — Eu amo Anfitrião como tu amas Sósia. Amei meu marido desde o primeiro dia em que o vi, nos jogos, derrubar dez Etíopes com os punhos fechados. Depois, Píndaro declamou uma ode em seu louvor: êle tomou a fôlha em que estava escrita e com ela enxugou a testa.

TESSALA: — E ainda assim o amaste?

ALCMENA: — Vênus o quis. E tu, como amaste o teu Sósia?

TESSALA: — Quando Anfitrião nos comprou para escravos, vimos que íamos ficar a vida inteira juntos. Então, resolvemos ser a favor do destino.

VOZES: — Blasfêmia, Anfitrião!

VOZ: — É melhor resignares ao teu pôsto, que os deuses não te ajudarão.

ANFITRIÃO: — Os deuses não têm tempo de ajudar os mortais; estão muito ocupados a provar que existem. Creonte mandou-

me que eu vencesse a batalha. Sou um militar. Cumpro ordens. Se quiserdes, ide dizer a Creonte que arranje outro general.

VOZ: — Não tens medo de ser punido? Podem condenar-te à cicuta ou à fogueira.

ANFITRIÃO: — Cidade alguma condena um general quando precisa dêle.

ALCMENA: — Anfitrião não devia fazer discursos: isto não cabe aos militares e sim aos sofistas.

TESSALA: — Dir-se-ia que tem medo de ir para a guerra... Quer que Creonte o demita.

ALCMENA: — Medo? Meu marido tem medo?

VOZ: — Tens medo da luta, Anfitrião?

ANFITRIÃO: — Quem disse que eu tenho medo da luta pode vir com dois punhais: eu lutarei de olhos vendados e desarmado.

VOZES: — (*em aclamação*) — Bravo!

ALCMENA: — Não, Tessala, não é medo... Creonte não atenderia ao pedido do povo. Creonte não destituiria Anfitrião do comando.

TESSALA: — Por que, se os deuses podem levar o general e Tebas à derrota?

ALCMENA: — É isto o que mais me apavora... Tu viste, no banquete, quando eu servia o vinho e a água ao nosso rei? Viste os olhos dêle? Como olharam meus braços, meu colo, meu rosto? Ouviste quando Creonte gritou para Anfitrião: "Amigo, louvado sejas, pela tua força, pela tua coragem, e porque tens uma mulher digna dos deuses! Tua mulher merece uma noite com Júpiter, amigo!" Mulher alguma já ouviu um galanteio assim, feito por um rei... Mas Anfitrião não gostou. Falou para Creonte: "Esta mulher é minha, e quem dorme com ela não é Júpiter, sou eu mesmo." Sabes o que disse Tirésias, o adivinho? Que esta noite um homem dormiria nesta casa. E agora... por-que Creonte escolhe justamente Anfitrião para mandar para a guerra?

TESSALA: — Tu crês que êle...?

ALCMENA: — Creio.

TESSALA: — Então quer que Anfitrião morra? Quer que o nosso exército perca?

ALCMENA: — Quer. Não é um supremo galanteio? Quer a desgraça da pátria, êle, que já sofreu tantas desgraças... Creonte é um viúvo amargo: e um viúvo amargo é capaz de amar como um colegial... Mas Anfitrião parece que desconfia de tudo. Por isso desafia os deuses e provoca o povo, para que peça ao rei a sua demissão.

TESSALA: — É como assistes, senhora, a tudo isto?

ALCMENA: — Assim calmamente? Primeiro, porque sou mulher, e me envaidece ver um rei que deseja a derrota de seus exércitos e a desgraça da pátria por minha causa... E, segundo, porque sei que isso não acontecerá. Ao contrário de Anfitrião, eu creio nos deuses, com tôda a minha fé. Sou zeladora do templo de Apolo, pertenco à irmandade das levadoras da estátua de Júpiter, cumpro os sacrifícios. Júpiter me atenderá. Júpiter sempre fêz tudo que eu peço.

ANFITRIÃO: — Estamos numa guerra... e não numa discussão teológica. Não creio nos deuses, mas vós credes. Minha mulher, também crê, e fará os sacrifícios necessários. A mim o que me cumpre não é matar os carneiros diante do altar, mas o inimigo no campo de batalha. Sou o vosso general e vos prometo a vitória. Vamos buscá-la. Vamos esmagar os Teleboanos, se assim Creonte o manda. Dizei ao rei que vou defender vossas mulheres, como defendo a minha. Dizei que trarei na ponta da lança a cabeça de um outro rei, para que êle veja de que o seu general é capaz. Dizei que vou defender o seu palácio como defendo a minha casa.

TESSALA: — Eu não sabia que Anfitrião era ciumento...

ANFITRIÃO: — Sabei Tebanos, que esta noite eu vos trarei a vitória e a paz! (*Furiosas aclamações, Anfitrião entra à esquerda.*) Bolas! Bolas e bolas! Afinal, que pensam que eu sou? Um general de beira de altar? Um homem que vai ouvir as tolices da Pítia? Mil vêzes bolas! (*Entra à direita Sósia, trazendo um cabrito.*) Oh, Alcmena, temos cabrito ao jantar? Faça-o ao espêto, Sósia, com azeitonas.

ALCMENA: — Este cabrito é o do sacrifício, Anfitrião.

ANFITRIÃO: — Do sacrifício? Bolas! Esses teus deuses comem mais carne do que o meu exército! Levem isto daqui! No dia do aniversário da nossa boda, no dia da minha batalha, eu pensei que você melhorasse esse jantar, Alcmena. . (saem Sósia e Tessala.)

ALCMENA: — E melhorei. Você terá hidromel e . . .

ANFITRIÃO: — Hidromel? Vinho, mulher, vinho . . . Desde que o mundo existe, os homens, antes de brigar e de amar, bebem vinho . . . Ou esse hidromel também tem alguma significação divina?

ALCMENA: — Não blasfemes mais, Anfitrião . . . Senão por outras razões, pelo menos lembra-te de que somos hoje a família mais importante de Tebas: a mais admirada, a mais respeitada. Os juízes, os sacerdotes, o próprio rei; todos nos acolhem e nos festejam: a sociedade nos preza; o povo confia em ti e me estima. Por que não havemos de nos situar bem? Por que você há de passar por ateu, viver entre os mercadores e os filósofos da praça, quando Tebas inteira está pronta a receber você?

ANFITRIÃO: — Porque eu sou um homem necessário. Os homens necessários podem fazer o que querem. E admira que você, logo hoje, venha censurar-me.

ALCMENA: — Não estou censurando. Veja: vesti a minha túnica mais nova, que compraste aos marinheiros fenícios. Este cheiro que sentes é cravo da Índia, vendido pelos Persas; e estas sandálias são as que uso para ir ao templo de Júpiter. Então achas que tudo isto é para censurar-te?

ANFITRIÃO: — Não, não . . . desculpe. Estou nervoso. A batalha me põe nervoso. Daria tudo para ficar em casa, em vez de ir furar a barriga duns pobres Teleboanos famintos.

ALCMENA: — E Tebas?

ANFITRIÃO: — Bolas para Tebas! Há seis meses eu disse a Creonte: "Dá-me cem homens e atirarei os Teleboanos dentro do mar Jônico. Ele não quis. Em seis meses eles se concentraram, se fortificaram, fizeram alianças, contrataram mercenários. Aí

então, Ceonte se lembra de mim. Por que não nomeou Blefaro, que também é seu amigo? Por que eu, logo eu, no dia do nosso aniversário de casamento?

ALCMENA: — Porque sabe que você tem mais valor.

ANFITRIÃO: — É boa... Parece até que você está satisfeita com isto... Ainda não ouvi a tua lamentação pelo fato de eu ir para a guerra...

ALCMENA: — Porque meu orgulho é maior do que o meu sobressalto: Anfitrião, general da Tebas!

ANFITRIÃO: — Já pensaste que esta guerra pode ser longa? Que, rompido o cêrco, terei de perseguir o inimigo, fazê-lo recuar até a Arcádia? Já pensaste que poderei ter a retirada cortada em Corinto e ter de enfrentar todos os Dórios, aliados dos Teleboanos? Numa tolice dessas Ulisses passou vinte anos fora de casa! Já pensaste nisto?

ALCMENA: — Eu te esperarei, como Penélope.

ANFITRIÃO: — Espero que o faça, embora daqui a vinte anos eu e você... Bolas! Se ao menos adiassem essa batalha!

ALCMENA: — (*Afagando-o*) Vamos, não fique assim... Ganhe a guerra e volte...

ANFITRIÃO: — Você pensa que é fácil ganhar uma guerra? Até parece que você está ansiosa para que eu vá para esta estúpida guerra!

ALCMENA: — Eu, Anfitrião? Quero a sua vitória, nada mais.

ANFITRIÃO: — (*numa súbita aflição*) Escute, Alcmena... Eu estou nervoso mesmo. Preciso falar. Temos que falar umas coisas. Ouça bem. Nas guerras, sabe, em tôdas as guerras, enquanto uns combatem, outros ficam por aqui, na retaguarda, assim, sem nada que fazer... Por exemplo: — o filho de Demeneto, êsse pelintra que encaracola os cabelos, conseguiu sair das fileiras. Outros, muitos outros, ficam por aqui. Creonte, mesmo, por que é que não vai comigo defender a terra dêle? Enquanto os maridos de umas vão lutar e morrer, outros continuam nos banhos, nos jogos, a cantar bobagens e dizer poesia... Você

está me entendendo? Essa gente, Alcmena, virá aqui te importunar... (*abraçando-a, escondendo o rosto nos ombros dela, quase chorando*) Eu não quero, Alcmena, eu não quero...

ALCMENA: — Você não confia em mim?

ANFITRIÃO: — Confio. Desconfio mas é deles. Um guarda do cemitério de Éfeso seduziu uma das mais respeitáveis matronas, que estava velando o cadáver do marido... Chega o momento em que... Você está me entendendo? É maior do que as nossas forças...

ALCMENA: — Os deuses me protegerão.

ANFITRIÃO: — Lá vem você com os deuses... Esses seus deuses são até os primeiros...

ALCMENA: — Um Deus não se dignaria a preferir a tua pobre Alcmena.

ANFITRIÃO: — Quanto a isto, estou seguro. Porque não existem. Mas há certos homens... Por que raio foram inventar esta guerra!

ALCMENA: — (*quase divertindo-se, coquette*) Imagina, Anfitrião, se Júpiter viesse aqui...

ANFITRIÃO: — Isto é tolice. Eu falo de homens. Falo de Creonte, que não vai à batalha. Falo do filho de Demoneto, por quem as mulheres suspiram no *agorá*. Falo desses anciãos, que não têm forças para erguer um escudo, mas ficam por aí dizendo pilhérias senis às mulheres nas portas das casas de confeitos... Todos esses. Escuta, Alcmena, escuta bem: você é filha do rei de Mítileno, casada com o primeiro homem de Tebas. Você deve proteger-se. Prometa... Jure... Jure que ninguém, ninguém...

ALCMENA: — Ninguém, tolo... Se o inimigo soubesse que você está assim, em vez de um exército mandaria o seu mais belo soldado para te atormentar...

ANFITRIÃO: — Escuta, Alcmena... Existem esses que vendem trigo e dão banquetes enquanto fazemos a guerra...

ALCMENA: — Eu te serei fiel, Anfitrião. Podes ter a certeza.

ANFITRIÃO: — Mesmo que seja Creonte?

ALCMENA: — Prefiro um mais môço.

ANFITRIÃO: — Alcmena! (*noutro tom*) Gostaria que tu dissesse: ainda que fôsse um deus.

ALCMENA: — Um deus, Anfitrião? Você não está exigindo demais?

ANFITRIÃO: — O próprio Júpiter!

ALCMENA: — Que bobagem... Você não crê nos deuses. O próprio Júpiter, vá lá. Mas com uma condição.

ANFITRIÃO: — Eu pensei que numa coisa dessas não existisse condição.

ALCMENA: — Existe uma: que faça comigo o sacrifício a Júpiter.

ANFITRIÃO: — Ora, Alcmena!...

ALCMENA: — Se você acha que êle não existe, como teme que venha aqui? E se acha que existe a ponto de vir aqui, por que não o acalma com uma prece?

ANFITRIÃO: — Você pensa que prece acalma?

ALCMENA: — Venha. (*Ela toma-o pela mão. De passagem, grita para a direita.*) Tessala, traga o cabrito e as ânforas!

ANFITRIÃO: — Espera-me junto ao altar. Eu já vou. (*Alcmena sai. Entra Tessala trazendo uma ânfora*) Tessala, (*Êle está aflito e fala nervosamente.*)

TESSALA: — Patrão...

ANFITRIÃO: — Tessala, dize: não fui sempre bom para ti e para Sósia?

TESSALA: — Sim, Senhor. Sempre tivemos aqui regalias que raros escravos têm em Tebas.

ANFITRIÃO: — Gostarias de ser livre, Tessala?

TESSALA: — Oh, Senhor!

ANFITRIÃO: — Eu prometi que libertaria Sócia se vencesse a batalha. Eu prometo que te liberto também se...

TESSALA: — Farei o que quiseres.

ANFITRIÃO: — Promete que vigiarás minha mulher...

TESSALA: — (*ofendida*) Senhor, eu não sou uma aspiã, e sim uma escrava.

ANFITRIÃO: — Escuta. Não entendeste. Quero que vigies Alcmena, para que ninguém se aproxime dela — entende? Ninguém, enquanto eu estiver fora.

TESSALA: — E como poderei impedir?

ANFITRIÃO: — Promete ou não, Tessala?... Por favor, promete... Se soubesses como estou aflito.

TESSALA: — Se Tebas visse o seu general nesse estado...

ANFITRIÃO: — Tessala, promete...

TESSALA: — E como poderei impedir que alguma coisa aconteça, se tiver de acontecer?

ANFITRIÃO: — Protege-a. De qualquer modo. Por todos os modos. Com teu próprio corpo.

TESSALA: — Com meu próprio corpo? Não achas demais?

ANFITRIÃO: — Queres ou não queres ser livre? Se não fizeres como eu peço, libertarei Sócia, e tu continuarás escrava.

TESSALA: — Podes ir descansado... Em troca eu te peço que protejas Sócia no combate. Com teu próprio escudo, se preciso.

ANFITRIÃO: — Prometo, Tessala. (*Ele entra para o quarto.*)

TESSALA: — (*chamando à D.*) Sócia, vem! (*Entra Sócia com um cabrito.*) Como eu ia te dizendo: então a senhora me contou que o rei Creonte elogiou as graças dela. Por isso, Anfitrião desconfia que a nomeação seja um pretexto para afastá-lo de casa. Você acha isto possível?

SÓCIA: — Muito provável, muito provável. Você sabe como são os reis...

TESSALA: — Pois eu acho absurdo.

SÓSIA: — Por que absurdo? Absurdo é Anfitrião ter ciúmes de um rei velho: os reis velhos inspiram asco. Por que você acha absurdo que Creonte esteja tentando seduzir Alcmena?

TESSALA: — Porque nesta casa não é Alcmena que interessa a êle. Sou eu.

SÓSIA: — Tessala! Não seja bôba... Será possível? Não é possível... Reizinho miserável! Como é que você sabe disto?

TESSALA: — No banquete quando se retirou, passou por mim e disse: "Vai hoje à noite ao palácio, beleza. A sentinela te deixará entrar". Que dizes disto?

SÓSIA: — Digo que êste rei é um patife! Já não bastava a irmã dêle fazer o que fêz, ter quatro filhos de seu próprio filho e se enforcar, deixar na terra filhos que se estraçalham, que se arrancam os olhos e se matam... Reizinho de meia tigela,

TESSALA: — Você está com ciúme do velho, Sósia?

SÓSIA: — Eu?... Eu... Eu estou é com raiva! Mil vêzes Édipo, com tôda a pouca vergonha dentro de casa. Ao menos essas coisas ficavam em família. Édipo não se metia com a família dos outros. Tessala, por favor, que foi que você respondeu?

TESSALA: — Como é que uma escrava pode responder ao convite de um rei?

SÓSIA: — Tessala!

TESSALA: — Quem sabe, Sósia, se disto depende a nossa liberdade?

SÓSIA: — Não, não! Que foi que você disse ao rei? Responda.

TESSALA: — Eu disse... Tolo, eu não disse nada.

ANFITRIÃO: — Bolas! Vem ou não vem êsse cabrito?

TESSALA: — Até logo. Pobre Alcmena... Vê você, Sósia: com certeza ela vai pedir a Júpiter, neste sacrifício, que não deixe Creonte vir hoje aqui... Mal sabe que eu é que...

(Retira-se, à F., levando o cabrito, Sócia fica passeando de um lado para outro, desatinado.)

VOZ DE ANFITRIÃO: — Com mil trovões, mulher! Por que hás de reservar para Júpiter justamente o melhor pernil? Basta de bobagem! Faça a sua oração enquanto eu espero na sala! (entra à F.,)

VOZ DE ALCMENA: — (quase chorando) Anfitrião... Anfitrião... Não atraia a cólera dos deuses...

ANFITRIÃO: — Os deuses é que atraem a minha! (Vê Sócia) Que estás fazendo aí, em vez de polir minhas armas?

SÓCIA: — Ah, Senhor... As armas estão polidas. O inimigo verá o próprio rosto de pavor no reflexo do teu escudo.

ANFITRIÃO: — Que tens? Também não queres ir para a guerra?

SÓCIA: — Se me permites uma confidência: não. Senhor, deixa-me ficar tomando conta da casa.

ANFITRIÃO: — Estás com medo da luta? Já disse que te libertarei, se vencermos.

SÓCIA: — Prefiro ser escravo vivo a ser herói morto.

ANFITRIÃO: — Tôda tirania começa quando o povo acredita neste provérbio.

SÓCIA: — Eu sou um simples escravo. Na guerra não valho nada. Deixa que eu fique aqui. Por causa das senhoras.

ANFITRIÃO: — Quem ousará penetrar na casa do general, enquanto êle luta?

SÓCIA: — Acontece cada coisa na retaguarda...

ANFITRIÃO: — Hem? Que coisa? Sabes de alguma coisa que possa acontecer?

SÓCIA: — Não, não... Mas ouvi augúrios. O cego Tirésias disse que um homem passaria a noite nesta casa.

ANFITRIÃO: — Você também acredita em profecias? Que homem?

SÓSIA: — Ele não sabe quem é. Disse que alguém estará aqui. É preferível que seja eu a um outro, não achas? Assim, a profecia se cumpre e a gente fica descansado.

ANFITRIÃO: — Bobagem de Tirésias! Bobagem, ouviste?

SÓSIA: — Pode ser que seja bobagem, mas quando êle disse que Édipo era filho de Jocasta, acertou direitinho.

ANFITRIÃO: — Escuta, Sósia, por favor: você acha que... você acha que minha mulher é fiel?

SÓSIA: — Ainda.

ANFITRIÃO: — Por que "ainda"? Conte o que sabe, vamos.

SÓSIA: — Senhor, achas que Tessala me é fiel?

ANFITRIÃO: — Ora, Tessala! Eu quero saber se Alcmena é fiel, e não Tessala!

SÓSIA: — O que lhe posso responder é que Tirésias não disse onde vai dormir o homem que passará a noite nesta casa.

ANFITRIÃO: — Por todos os deuses de Olimpo, Sósia, você me tira a serenidade de que tanto preciso para comandar! Sósia, escute: que tal se... se nós voltássemos de nôvo aqui, de noite?

SÓSIA: — Anfitrião! Durante a batalha? E as tropas, quem comanda?

ANFITRIÃO: — É, isto é que é um buraco. Bolas para as tropas! Se Creonte acha que deve me desgraçar, êle que se desgrace! Sósia, escute: vamos voltar do campo de batalha.

SÓSIA: — E tua mulher? Que dirá ela? E Tessala?

ANFITRIÃO: — É. Eu também não tinha pensado nisto. Mas... Espera! Que idéia! Tirésias vai acertar mais do que pensa... Sabe quem vai passar a noite aqui? Não é um homem, não; um deus: Júpiter.

SÓSIA: — Deixa de brincadeira! Você pensa que é consôlo para um marido ser enganado por um deus em vez de ser enganado por um homem?

ANFITRIÃO: — Não entendeste? Júpiter. Eu mesmo. Júpiter mudado em Anfitrião. Júpiter fazendo uma das suas gracinhas de bilontra. Deus velhaco! Não entendeste?

SÓSIA: — Que idéia!

ANFITRIÃO: — Posso até mandar Tessala sair de casa. Para causar mais efeito.

SÓSIA: — Ah, isto é que não! Anfitrião, meu Senhor, eu te suplico: Tessala fica em casa. Olha: deixa eu vir também. De Mercúrio. Eu venho de Mercúrio.

ANFITRIÃO: — É isto! Os dois! Você de Mercúrio, eu de Júpiter. Corre ao depósito. Há lá, entre umas coisas velhas, algumas que se aproveitam. Traga o raio de ferro dourado que serviu para a última dionisíaca. E o manto. Há na cozinha uns pombos que Alcmena vai sacrificar. . . A carolice dessa mulher é capaz de depredar um Jardim Zoológico! Torce o pescoço de um pombo e corta-lhe as asas, para amarrar nos teus pés. E arranja um casco para a cabeça. Rouba o caduceu da porta da farmácia de Esculápio. Corre! (*Sósia sai correndo, pela D.*) Alcmena! Alcmena!

ALCMENA: — (*entrando, seguida de Tessala*) — Anfitrião, meu amor, por que me fazes interromper o sacrifício?

ANFITRIÃO: — Desculpe, Alcmena, mas a hora da partida se aproxima. Peça a Tessala que continue o sacrifício. Afinal, o que interessa a Júpiter é o cabrito e não quem o mata. (*A um gesto de Alcmena, Tessala retira-se pela porta à F.*)

ALCMENA: — Se soubesse o que sente uma espôsa quando o marido parte para a guerra. . .

ANFITRIÃO: — Que é que ela sente?

ALCMENA: — O remorso de ter conhecido o homem a quem ama. . . Porque a vida que êle arrisca, e a glória que procura, tudo é para colocar aos pés da nossa angústia. Como a guerra nos torna vaidosas, e como nos torna torpes! Como amamos êstes distintivos, êstes alamares, êstes símbolos que avisam: êste homem vai morrer! (*chorando, abraçada a Anfitrião*) Por que existem as guerras? Por quê?

ANFITRIÃO: — Talvez para que a gente possa dar mais valor à paz.

ALCMENA: — Que orgulho difícil, êste de saber que um homem luta por nós... E, no entanto, seria tão mais tocante para o nosso amor, se êle fôsse covarde e por uma mulher decidisse fugir ao combate...

ANFITRIÃO: — Você acha, Alcmena? (*À D. aparece Sósia, trazendo embrulhados no manto os petrechos: caduceu, raio, casco, etc. Anfitrião o vê, e, abraçado a Alcmena, faz sinal para que êle passe depressa. Sósia atravessa a cena, cautelosamente, e sai à E.*)

ALCMENA: — Você teria coragem de fugir à batalha? (*Começa a entardecer.*)

ANFITRIÃO: — Você está ao lado dos Tebanos ou dos Teleboanos?

ALCMENA: — As mulheres não têm pátria: só podem escolher entre o amor e a solidão.

ANFITRIÃO: — Raio de guerra!

ALCMENA: — Seria bom se os guerreiros odiassem a guerra, se os soldados de um exército, formados para a batalha, de repente, se entreolhassem e ficassem rubros de sangue nas faces; e escondessem as lanças, os escudos, os punhais, e voltassem para suas casas, cabisbaixos, trêmulos de vergonha. E depois, reunidos no *agorá*, se apertassem as mãos, dizendo: cumprimos o nosso dever.

ANFITRIÃO: — Isto são idéias da Índia e não da Grécia civilizada. Se todos nós fôssemos iogues, estaríamos dominados pelo primeiro bando de Citas que descesse do Volga. A guerra é maior que nós, Alcmena, e está sempre em nossas portas: ou derrotamos o Teleboanos, ou Tebas estará destruída. Infelizmente é assim... E, se não fôsse, Tanatófilo, o fabricante de escudos e lanças, já teria falido. Não é êste o momento de discutirmos a guerra: infelizmente tenho que partir para ela. A guerra é uma realidade de moribundos: a paz, um sonho de sobreviventes. Veja! Vênus já aparece, do outro lado do templo

de Cadmo. Devo ir. Traga minhas armas. (*gritando*) Sósia!  
(*Alcmena sai à F. Entra Sósia.*) Então? Tudo pronto?

SÓSIA: — No fundo da quadriga, Anfitrião. Os cavalos estão atrelados. (*para dentro*) Tessala! Meus troços!

(*Entram, pela porta à F., Alcmena com as armas de Anfitrião, e, pela porta à D., Tessala com as de Sósia. Eles tomam as lanças e enfiam os escudos nos punhos. Anfitrião e Alcmena despedem-se à E., Sósia e Tessala à D.*)

ANFITRIÃO: — Você me esperará com todo o seu amor?

ALCMENA: — Todo, Anfitrião. . .

TESSALA: — Não se meta a muito valente. Mais vale ser escravo dos Tebanos que dos Teleboanos.

SÓSIA: — Serei o mais lento no ataque, e o mais veloz na retirada.

ALCMENA: — Volta coberto de glória!

ANFITRIÃO: — De poeira, principalmente. Manda preparar um banho para quando eu chegar.

TESSALA: — Cuidado com o reumatismo. Levas contigo o remédio?

SÓSIA: — Anfitrião tem uma branquinha do Epiro que é ótima para esquentar o corpo.

TESSALA: — Na hora de catar os despojos, não fique por último.

SÓSIA: — Levo duas sacolas de couro.

ANFITRIÃO: — Hei de trazer-te a taça em que o rei Ptérelas tiver bebido vinho hoje.

ALCMENA: — Não te arrisques muito.

ANFITRIÃO: — Alcmena. . . escuta: se alguém vier aqui. . .

ALCMENA: — Ninguém virá.

SÓSIA: — Você promete que não sai de casa?

TESSALA: — Nem para dar uma voltinha na praça?

SÓSIA: — Nem.

TESSALA: — Ah, Sósia!

ALCMENA: — Vai, Anfitrião. A vitória te espera. E depois dela, eu te espero. Que Júpiter te acompanhe. (*Beijam-se. Sósia e Tessala beijam-se.*)

ANFITRIÃO: — Que Júpiter esteja nesta casa, Alcmena.

ALCMENA: — Crês em Júpiter? Crês em Júpiter? Então teremos a vitória? Quero dizer-te as mesmas palavras que a escrava Aída disse ao capitão egípcio Radamés: “Ritrona vincitor”!

ANFITRIÃO: — Obrigado, obrigado.

ALCMENA: — Estou tão contente porque invocaste Júpiter, Anfitrião...

ANFITRIÃO: — Há certas horas da vida da gente em que os deuses adquirem um grande prestígio. (*Alcmena e Tessala aproximam-se uma da outra e cochicham. Ouve-se o galopar dos cavalos e o rolar da quadriga.*)

TESSALA: — Senhora! Eu queria ainda pedir-vos um favor...

ALCMENA: — Peça, Tessala...

TESSALA: — Podíeis... dormir no meu quarto, e eu dormir no vosso? Desculpai a ousadia...

ALCMENA: — Tessala, és tão boa... Quanta dedicação, quanto sacrifício... Pois eu queria pedir-te a mesma coisa e não ousava. Obrigada, Tessala. Assim faremos.

TESSALA: — Obrigada Senhora.

(*Lentamente, Alcmena volta-se para a janela, por onde se vê o escurecer, e, de costas para o público, ergue os dois braços. Tessala acompanha-a. Anfitrião, ao perceber que Alcmena vai rezar, senta-se desrespeitosamente no pórtico.*)

ALCMENA: — Deus dos deuses e dos mortais, vencedor dos Titãs, pai dos deuses e dos heróis, escuta o que te pede a menor de tuas adoradoras. Oh, Júpiter, Senhor dos relâmpagos, assim como o teu rosto dorme no colo de Juno, faz que Anfitrião volte a dormir nos meus braços. . . Deus dos trovões e dos riscos, que castigas os homens e os deuses, assim como amaste Leda, oh, cisne celeste, e assim como amaste Europa, oh, touro divino, traze de volta o mortal que me deu o destino, para que eu sinta o seu braço repousado no meu ventre. . . Senhor do Olimpo, chuva de ouro no colo de Dánae, suavidade de onda sôbre o corpo de Io nas praias do Egito, devolve-me o filho de Alceu, para que dêle eu tenha um filho, que em honra à tua espôsa se chamará Hércules, glória de Juno, e será o mais forte dos homens. *(Pela janela passa um relâmpago e ouve-se o rolar do trovão.)* Oh, Júpiter, que ouves a minha prece, se souberes como é doce a pele de Alcmena ao seu amado Anfitrião, atenderás aos meus rogos e de volta trarás o meu herói.

TESSALA: — *Âmen.*

ANFITRIÃO: — *(Levanta-se e erguendo a espada)* — Adeus!

SÓSIA: — *(Imitando cômicamente com a lança.)* — Adeus!  
*(Saem os dois.)*

*a cortina cerra-se lentamente enquanto as duas estão imóveis.*

## SEGUNDO ATO

*A mesma ante-sala. Apenas, o espectador a verá de um outro ângulo. Tôda a cena girou sôbre si mesma 90 graus, da esquerda para a direita. Portanto, a porta da saída para a rua, guarnecida de colunas, fica ao fundo. À esquerda, a janela, a porta do quarto de Alcmena e a porta que dá para os fundos da casa. A parede da esquerda é a que não se via no primeiro ato. Nela há, prêsas, duas tochas acesas. É de noite. A cena está vazia.*

UMA VOZ: — (*fora, ao longe*) Sentinela de Tebas, alerta!

OUTRA VOZ: — (*idem*) Alerta estou!

1.<sup>a</sup> VOZ: — (*ibidem*) Vês o campo de batalha, sentinela?

2.<sup>a</sup> VOZ: — (*ibidem*) As fogueiras do acampamento, que começam a apagar!

1.<sup>a</sup> VOZ: — Crês que já combatem?

2.<sup>a</sup> VOZ: — (*ibidem*) Há uma nuvem de pó para os lados de Erétria!

1.<sup>a</sup> VOZ: — Que os deuses protejam nosso exército e nosso general Anfitrião! (*A porta ao fundo abre-se e, furtivamente, entram Anfitrião e Sósia. O primeiro traz na mão o raio de Júpiter, coroa à cabeça e, sôbre os ombros, um largo manto. O segundo tem asas nos pés, um casco à cabeça e na mão um caduceu. Anfitrião faz a Sósia um sinal de silêncio.*)

ANFITRIÃO: — Fecha a porta, Sósia. Nada de ruídos.

1.<sup>a</sup> VOZ: — (*fora, longe*) Sentinela do Norte, não viste um vulto?

ANFITRIÃO: — Quietos, Sósia!

2.<sup>a</sup> Voz: — (*fora, longe*) Um vulto? De que lado o viste? . .

1.<sup>a</sup> Voz: — (*idem*) Parece-me que alguém corria na direção da casa do general.

2.<sup>a</sup> Voz: — (*ibidem*) Olha mais e fala menos, soldado!

SÓSIA: — Fomos apanhados, senhor!

ANFITRIÃO: — Apanhados, coisa nenhuma! E escute: daqui por diante não és escravo, nem eu sou senhor. Sabes bem teu papel.

SÓSIA: — Sei, Senhor.

ANFITRIÃO: — Então mostre maior majestade. Um deus não anda trêmulo e encurvado como você está. Faça como eu. (*Assume um ar estupendo, altivo e sereno.*) Que tal?

SÓSIA: — Ah, Senhor, nem êle em pessoa seria tão imponente! Mas não devias ser tão majestoso já que és Júpiter mudado em Anfitrião.

ANFITRIÃO: — A culpa é dos deuses, que vêm à terra com êsse ar tradicional de *nouveaux-riches*. Achas que o teu senhor não é bastante imponente?

SÓSIA: — O que quero dizer é que, se tens de representar o papel de Júpiter no papel de Anfitrião, não deves fazer o papel de Anfitrião no papel de Júpiter. Do mesmo modo, se sou Sósia fazendo o papel de Mercúrio no papel de Sósia, devo ser mais Sósia do que quando eu era Sósia, porque Mercúrio deveria saber muito bem fazer o papel de Sósia no papel de Mercúrio. Acho que devemos ser naturais. Afinal de contas não estamos num teatro, e sim numa aventura amorosa: se os amantes resolvessem representar papéis em vez de vivê-los, as mulheres de Corinto ainda seriam virgens.

ANFITRIÃO: — Mas é preciso que Alcmena pense que eu não sou eu, e sim, Júpiter.

SÓSIA: — É êste todo o problema do teatro grego, senhor. Os deuses são irrepresentáveis.

ANFITRIÃO: — Não faças frases de espírito enquanto estiveres fingindo de Mercúrio. Isto é um recurso cabotino com que os mortais pensam alcançar a imortalidade. Um deus não precisa de brilho literário. De qualquer modo sabes bem o papel. Faze o melhor que puderes. Vamos.

SÓSIA: — (*pigarreia e fala alto, de modo eloqüente, como um camelot.*) Excelentíssimas senhoras! Tenho a honra de anunciar que Júpiter está em vossa casa!

ANFITRIÃO: — (*Aflito*) Assim não, Sósia! Você parece um pregoeiro no mercado! Estás anunciando Júpiter ou uma bailarina? Mais grandeza!

SÓSIA: — (*alto, heráldico*) Alcmena, o Senhor está convosco!

ANFITRIÃO: — Mais grandeza, mais arrebatamento, mais solenidade! Vamos, grite que eu vou dizendo! (*vai soprando a Sósia*) Oh, filha de Electrion, rei de Mitileno, oh, a mais bela das mulheres que a luz de Apolo já iluminou!

SÓSIA: — Oh, filha de Electrion, rei de Mitileno, oh, a mais bela das mulheres que a luz de Apolo já iluminou! (*Diz canhestamente, enquanto Anfitrião o ajuda.*)

ANFITRIÃO: — Aqui estou eu, Mercúrio, o mensageiro dos deuses, para dizer-vos...

SÓSIA: — Aqui estou eu, Mercúrio, o mensageiro dos deuses, para dizer-vos...

ANFITRIÃO: — ...que Júpiter Olímpico está em vossa casa...

SÓSIA: — ...que Júpiter está em vossa casa...

ANFITRIÃO: — ... e partilhará do vosso leito!

SÓSIA: — ... e partilhará do vosso leito!

ANFITRIÃO: — (*depois de um segundo de espera*) Não ouviu. Está dormindo.

1.<sup>a</sup> Voz: — (*fora, longe*) Ouviste uma voz, sentinela do Norte?

2.<sup>a</sup> Voz: — (*idem*) Nada ouvi, sentinela! A expectativa da batalha te deixa imaginando fantasmas?!

1.<sup>a</sup> VOZ: — (*ibidem*) Parecia que vinha dos lados da casa de Anfitrião . . .

ANFITRIÃO: — Chut! Este processo não dá certo. O melhor é invadir o quarto. Afinal eu sou Júpiter ou não sou Júpiter? (*Entra resolutamente no quarto à D., alta.*)

SÓSIA: — E eu, sou Mercúrio ou não sou Mercúrio? (*Segue, resolutamente, para o quarto à E., baixo. O palco fica vazio um instante. Súbito, grito horrível de Tessala, que surge, seguida de Anfitrião.*)

TESSALA: — Por muito escrava que eu seja, não admito falta de respeito comigo!

ANFITRIÃO: — (*numa tentativa de explicação impossível*) Tessala . . .

TESSALA: — Patrão debochado! Se Alcmena souber . . . (*grito horrível de Alcmena, que surge seguida de Sósia.*)

ALCMENA: — Como te atreves, escravo imundo . . . (*dá com Anfitrião*) Êste patife meteu-se em baixo do meu lençol.

ANFITRIÃO: — (*indignadíssimo*) Sós . . . (*corrige*) Mercúrio!

TESSALA: — Teu marido, Alcmena, queria deitar-se na cama comigo!

ALCMENA: — Que pouca vergonha é esta? Vocês beberam? Ou pensam que hoje é dia de bacanal?

ANFITRIÃO: — Alcmena, eu explico . . . Bolas, por que é que vocês trocam de quarto justamente no dia em que Júpiter e Mercúrio decidem visitá-las?

ALCMENA: — (*Dá com o raio, o manto, a imponência de Anfitrião e cai em êxtase*) Júpiter!

SÓSIA: — Júpiter, sim! Ou pensas que êste é o idiota do teu marido?

ANFITRIÃO: — Sós . . . Mercúrio! (*Num disfarce*) Respeita a casa que nos dá hospitalidade!

ALCMENA: — Júpiter (*meiga*) Júpiter... (*a Tessala*) Júpiter, Tessala, Júpiter! Que dizes a isto?

SÓSIA: — (*A Tessala*) É Mercúrio, Tessala! Mercúrio, para te servir! (*Assume a atitude do "Mercúrio" de Canova.*)

TESSALA: — Não é possível, não é possível...

ANFITRIÃO: — (*vai falar, começa apenas a frase*) Como não...?

ALCMENA: — (*irrompe na frase de Anfitrião*) Como não é possível?

ANFITRIÃO: — Não acreditas nos deuses, menina?

TESSALA: — Eu...

SÓSIA: — Sempre me cheirou, mulher, que não tinhas a menor crença... Do alto do Olimpo eu te via, te observava, te espiava...

TESSALA: — Senhor, eu... Não é possível, não é possível, não é possível.

ANFITRIÃO: — Cala-te, criatura, antes que eu te venda — quer dizer, antes que eu te fulmine!

ALCMENA: — (*em êxtase, rodeando Anfitrião*) Júpiter... Júpiter... Meu Deus, meu Senhor... (*súbito*) Tessala, o hidromel! A ânfora! (*Ambas precipitam-se sobre a ânfora. Alcmena toma-a, ergue-a solenemente e a traz para Anfitrião.*) Bebe, Deus dos deuses! Sacia-te!

ANFITRIÃO: — Tenho mesmo que beber? Mas isto é horrível!

ALCMENA: — Horrível? Mas é a tua bebida, a única que bebes!

ANFITRIÃO: — É verdade, é verdade... Mas, quando estou na pele de um mortal, tenho horror a êsses refrigerantes celestes...

ALCMENA: — Mas eu pensei que os deuses...

ANFITRIÃO: — Está bem, mulher, está bem... (*bebe com nojo*)

TESSALA: — (*adiantando-se, humilde*) Senhor, perdoai se vos ofendi ainda há pouco...

ANFITRIÃO: — (*no auge da majestade*) Estás perdoada...  
Leva Mercúrio para a tua cama.

TESSALA: — (*num susto*) O quê?

ANFITRIÃO: — Leva Mercúrio para tua cama, já disse. Que  
pensas que esteja fazendo aqui na pele de Sósia?

TESSALA: — Mas, Senhor, eu não pretendo entregar-me a  
ninguém senão...

SÓSIA: — Ora, Tessala...

ALCMENA: — Mas, Tessala, um deus!

TESSALA: — E tu, Senhora, também vais passar para trás Anfi-  
trião com...?

ANFITRIÃO: — (*cortando a frase*) Tessala! Que é que queres  
dizer com isto, "passar para trás"? Então, ao fato de a mulher  
de um general adiantar-se até deus — como é de sua obrigação  
— você chama "passar para trás"?

ALCMENA: — (*afliíissima*) Tessala, por favor, não atraia a  
cólera divina...

ANFITRIÃO: — (*aproveitando a sugestão, encolerizadíssimo*)  
Retira-te! Retira-te! (*a Sósia*) Leva contigo esta mulher! Faze  
dela o que quiseres!

SÓSIA: — Está bem, papai. (*A Tessala*) Venha! (*toma-a pelo  
pulso.*)

TESSALA: — (*arrastada por Sósia*) Alcmena! Vais consentir  
nisto, Alcmena?! Salva-me...

ALCMENA: — Minha querida, trata-se de um dever de religião...  
Você sabe como eu sou nestas coisas.

TESSALA: — Se tu és Júpiter, eu não te deixarei ficar aqui!  
Ponha-se daqui para fora!

ALCMENA: — Tessala!

SÓSIA: — Tessala!

ANFITRIÃO: — Como ousas expulsar um deus?

TESSALA: — Prometi a meu patrão que ninguém entraria nesta casa!

ANFITRIÃO: — Mas proíbes a um deus?

TESSALA: — Proíbo! Anfitrião prometeu me libertar!

ALCMENA: — Então estavas me vigiando por ordem de meu marido? Esta Anfitrião há de me pagar!

ANFITRIÃO: — Mulher, retira-te!

TESSALA: — Só se passares sôbre o meu corpo!

ALCMENA: — Não desafies os deuses, Tessala!

SÓSIA: — Ela virá por bem. Vem comigo, Tessala.

TESSALA: — Não vou. Quero ver se Júpiter vai abusar da minha patroa!

ANFITRIÃO: — Mercúrio! Leva esta mulher! (*Sósia toma Tessala por um braço e arrasta-a.*)

TESSALA: — (*saindo arrastada por Sósia*) Alcmena! Alcmena! Não te entregues a Júpiter! Serei escrava a vida inteira! (*Saem Sósia e Tessala.*)

ALCMENA: — Senhor meu deus, em que pode servir-vos a mais humilde de vossas fiéis?

ANFITRIÃO: — Conheces a profecia de Tirésias?

ALCMENA: — Conheço, Senhor...

ANFITRIÃO: — Que homem devia vir a esta casa hoje?

ALCMENA: — Nenhum, Senhor.

ANFITRIÃO: — Então a profecia não se cumpriria? Não sabes que os deuses falam pela bôca dos adivinhos?

ALCMENA: — Sei, Senhor. Mas às vêzes as profecias não se cumprem.

ANFITRIÃO: — Quem era o homem, mulher? Ordeno-te que digas!

ALCMENA: — Juro, Senhor. Não sei.

ANFITRIÃO: — Não tentes enganar um deus... Era o filho de Demeneto? Responde!. Era o filho de Demeneto!

ALCMENA: — Não, Senhor.

ANFITRIÃO: — Era Polífilo? (*Sinal negativo de Alcmena*) Era Palétrino? (*Sinal negativo de Alcmena*) Lisímaco? (*Sinal negativo de Alcmena*) Eutíquino? (*Sinal negativo de Alcmena*) Teurópides? (*Sinal negativo de Alcmena*) Lisíteles? Perífanés? Stratípoles? Aristofonte? (*a cada um Alcmena faz sinal negativo*) Era... Creonte?

ALCMENA: — Não, Senhor.

ANFITRIÃO: — (*esquecido de que é deus*) Com certeza você vai dizer que era eu!...

ALCMENA: — (*tábua de salvação*) Éreis vós, Senhor! Vós! A profecia dizia “um homem” — e sois vós em forma humana, igual ao meu marido!

ANFITRIÃO: — (*quase consigo mesmo*) É verdade, não é que esse raio dessa profecia se cumpriu mesmo? (*outro tom*) Se eu é que devia vir, por que trocaste de quarto com tua escrava? Querias iludir o teu deus?

ALCMENA: — Oh, não Senhor... É que... eu tinha medo que viesses transformado em... em outra pessoa que não fôsse Anfitrião.

ANFITRIÃO: — Em Creonte, por exemplo!

ALCMENA: — Não seria hábil da parte de um deus. Eu poderia pensar que era Creonte, e não Júpiter.

ANFITRIÃO: — (*caíndo em si*) É verdade. Quer dizer que não receberias Creonte, se êle viesse?

ALCMENA: — Como eu poderia saber se era Creonte ou Júpiter?

ANFITRIÃO: — (*aflito*) Quer dizer que, se eu viesse metido na pele de um outro qualquer, você poderia pensar que era Júpiter... e receberia o simulador?

ALCMENA: — Eu trataria de saber se era Júpiter ou um mortal...

ANFITRIÃO: — E se não pudesses distinguir, de tão perfeita a minha caracterização?

ALCMENA: — Aí, então, Senhor... eu me entregaria a Júpiter.

ANFITRIÃO: — (*explodindo*) Eu sabia! Eu sabia que você me enganava... que você enganava a seu marido! Eu sabia! Não fôsse eu um deus! Eu sabia!

ALCMENA: — Afinal, Senhor, isto diz respeito a meu marido, e não aos deuses. Se eu engano a meu marido, êle é que deve ficar furioso.

ANFITRIÃO: — Saiba... Saiba... que eu zelo pela honra do seu marido... É a minha função. Os deuses foram feitos para proteger os lares!

ALCMENA: — Não é bem isto o que Júpiter faz agora em minha casa.

ANFITRIÃO: — Eu... eu sou diferente. Eu sou um deus. A um deus a gente deve dar tudo.

ALCMENA: — Não tem sido outra a minha maneira religiosa de proceder.

ANFITRIÃO: — Quer dizer que trairias o teu marido com Júpiter?

ALCMENA: — Não é um sacrifício lisonjeiro? Não devo estar orgulhosa de me terdes preferido a mim, e não a uma outra mulher? (*estendendo os ombros*) Vinde, Senhor, estou pronta a receber-vos!

ANFITRIÃO: — Não, não, Alcmena! Escuta. Ouve o que te vou dizer. Suponhamos que eu seja Anfitrião. Que eu seja o teu marido. E te visse, agora, de braços estendidos para outro...

ALCMENA: — Não pode ser. Meu marido está na guerra.

ANFITRIÃO: — Alcmena! Eu sou o teu marido! Em carne e osso!

ALCMENA: — Não tens necessidade dessa mentira para obter-me. Meu marido está na guerra. Crês que êle abandonaria a

batalha para voltar para casa? És um deus estranho. Não conheces os homens.

ANFITRIÃO: — É um defeito dos deuses. Desde que nascemos procuramos penetrar nesse mistério: quanto mais os analisamos, mais nos emaranhamos na antropologia. (*outro tom*) Alcmena, escuta: serias capaz de deixar que um outro, um deus...? Alcmena, escuta: eu não desci do Olimpo para isto. Vim aqui sômente impedir que um homem te violasse durante a ausência de teu marido.

ALCMENA: — Para isto? Ah, Senhor, nunca me senti tão ofendida... Sempre desceste à terra com o olho nas mais belas mortais: assim foi com a ninfa Europa, a quem seduziste metamorfoseado em touro: e Dánae, filha de Acrise, rei de Argos, tu a amaste, tombando sôbre ela como uma chuva de ouro, e Io, filha de Inaco, tu a amaste nas areias do Egito; e Leda, filha de Téscio, rei da Etólia, e espôsa de Tíndaro, rei de Esparta, tu a possuístes transformado em cisne. E a mim, logo a mim, vens dizer que estás aqui para proteger-me? Não se faz tal afronta a uma mulher, Senhor.

ANFITRIÃO: — Alcmena, eu quero apenas proteger-te contra os que te cobiçam...

ALCMENA: — Aí está uma hora em que as mulheres não precisam da proteção divina: ou se defendem, ou se entregam. Mas tu, Júpiter, vires à minha casa para me dizeres isto? Acaso não sou digna? Olha bem para mim... Por acaso Europa tinha cabelos mais longos, e a testa mais pura? Olha bem, deus, olha bem...

ANFITRIÃO: — (*ligeiramente abalado*) Alcmena...

ALCMENA: — E meus ombros, olha meus ombros... Leda teria ombros como os meus? Não, eu conheci Leda: era franzina e sem carnes: tinha um colo de tábua. Olha-me bem, Júpiter... Será que Io tinha uma cintura como esta? Io, que o poder de Juno não conseguiu transformar noutra coisa senão numa vaca?

ANFITRIÃO: — Alcmena, por favor...

ALCMENA: — Por que baixas os olhos? Queres ver meus pés? Olha-os, olha-os bem... Serão mais feios que os de Europa? E

minhas pernas? Serão piores do que aquêles caniços de Io? Queres mais? Olha bem... Por acaso Leda teria... (*enquanto fala o seu gesto ameaça suspender a túnica e mostrar a coxa*).

ANFITRIÃO: — (*num salto, impede-a*) Não, não, Alcmena! Deixa que eu te diga: eu não sou Júpiter; sou Anfitrião, que fugiu da batalha, abandonou o exército que comanda, e aqui veio para te amar... Sou Anfitrião, que passará a covarde na história de Tebas, só porque te ama.

ALCMENA: — Truque muito sujo, Júpiter, muito sujo... Não há nenhuma necessidade de injuriar meu espôso, que é um herói, se me cobiças...

ANFITRIÃO: — Mas, bolas! Eu sou Anfitrião, criatura de deus! Anfitrião em carne e osso!

ALCMENA: — (*depois de adiantar-se para a porta do fundo e abri-la*) És Anfitrião? Então vai cumprir teu dever! O teu lugar é à frente das tropas!

TESSALA: — (*entrando, no auge da aflição, seguida de Sósia, que tenta detê-la*) Senhora, êle é Anfitrião! Sósia acabou de me confessar tudo. (*gesto de raiva de Anfitrião*) Veio aqui para ver o que estavas fazendo!

ANFITRIÃO: — (*avança para Sósia, e toma-o pela garganta*) Tu disseste isto? Tu disseste?

ALCMENA: — Que é que tem? Tu mesmo não o disseste, Júpiter? Não castigues Mercúrio... (*para Tessala*) Êle estava somente usando contigo o mesmo truque que Júpiter tenta comigo...

SÓSIA: — Senhor, por favor, solte-me... Solte-me...

ANFITRIÃO: — (*no ouvido de Sósia, enquanto o esgana*) Chama-me de Júpiter, imbecil! (*espeta-o com o raio. Sósia imita com a bôca, o ruído da corrente elétrica e treme como se recebesse um choque.*)

SÓSIA: — Papai! Papai! Solte-me! Meu pai e meu deus! Papaizinho (*Anfitrião empurra-o*).

ALCMENA: — (*para Tessala*) Como podes afirmar que êle é Sósia, e não Mercúrio?

TESSALA: — Êle me disse.

ALCMENA: — E tu acreditaste? Não viste que o que êle queria era... outra coisa?

TESSALA: — Vi. E por isso mesmo pedi que me provasse que era Sósia.

ALCMENA: — E êle provou?

TESSALA: — (*depois de uma hesitação pudica*) — Provou.

ALCMENA: — Como? Conta, Tessala... (*Tessala diz alguma coisa ao ouvido de Alcmena*)

ALCMENA: — Vocês faziam isto?

ANFITRIÃO: — Bolas! Isso não prova coisa nenhuma! Então você pensa que um deus não há de saber o que vocês costumam fazer em segrêdo!

ALCMENA: — Tessala, êle é Mercúrio! Que sacrilégio, Tessala! Tu recusaste... ao pedido de um deus!

ANFITRIÃO: — Tu recusaste, mulher?

TESSALA: — Recusei.

ANFITRIÃO: — E por que, se é que um deus pode saber?

TESSALA: — (*súbitamente revoltada*) Por quê? Por quê? Porque eu sou uma escrava, ouviram? A uma escrava os deuses não adiantam nada. Os deuses são um luxo de gente livre. Que me importa a mim crer em Júpiter, se quem manda em mim é Anfitrião? Que adianta elevar súplicas aos céus, se êle não me tira da condição de escrava? Em todo o mundo grego, desde o Ponto Euxino até Mainake, no fundo do Mar Interior, há milhares e milhares de escravos que rezam todos os dias, a todos os deuses; deuses em forma de gente, deuses em forma de bichos, deuses sem forma, deuses que são astros, pedras, plantas, espíritos e coisas... Que lhes adianta? Os escravos não têm deuses. Para mim, vocês (*aponta Anfitrião e Sósia*) não existem!

ANFITRIÃO: — (*a Sósia*) Mercúrio! Toma esta mulher! Leva-a para dentro do quarto e prova que és Mercúrio até que ela fique conhecendo o poder divino!

SÓSIA: — (*segurando Tessala com tôda a fôrça de que é capaz*)  
Vem. (*E arrasta-a.*)

TESSALA: — (*saindo arrastada por Sósia, desesperada*) Alcmena! Os deuses não existem, Alcmena! Os deuses não existem! (*Saem Sósia e Tessala. Um tempo.*)

ALCMENA: — (*rojando-se aos pés de Anfitrião*). Senhor, meu Deus!

ANFITRIÃO: — (*imponente*) Tu crê agora, mulher? (*Sinal de assentimento de Alcmena*) Levanta-te.

ALCMENA: — Deixa-me adorar-te.

ANFITRIÃO: — (*terno*) Levante-se, Alcmena; deixe de bobagem.

ALCMENA: — A poucas mulheres cabe a glória de receber um deus sob o seu teto.

ANFITRIÃO: — É uma glória, Alcmena. Mas nem todos os deuses têm a glória de possuir uma mulher como Alcmena.

ALCMENA: — Juno é belíssima, Júpiter.

ANFITRIÃO: — Sim, minha mulher é belíssima... O azar é que ela é minha mulher.

ALCMENA: — É a mais bela das deusas.

ANFITRIÃO: — É uma esplêndida mulher. Mas é minha irmã. E isto me desgosta.

ALCMENA: — Por quê? Receias a consanguinidade?

ANFITRIÃO: — Não. Não é isto. Este mundo está errado, Alcmena. As mulheres dos outros são sempre melhores.

ALCMENA: — Então, por que não consertas o mundo? Está em tuas mãos.

ANFITRIÃO: — Realmente, está em minhas mãos. Mas dá um trabalho...

ALCMENA: — E por isso preferes seduzir as mulheres dos teus fiéis?

ANFITRIÃO: — Que é que tem? Para alguma coisa sou deus, afinal de contas. Além disso, teu marido não acredita em mim. Ele é como Tessala. Acha que eu não existo.

ALCMENA: — Espero convertê-lo um dia, Senhor.

ANFITRIÃO: — É melhor deixá-lo como ele é. Ele nunca se modificará.

ALCMENA: — E se vier a saber que estiveste aqui?

ANFITRIÃO: — Asseguro-te que não saberá. Geralmente os maridos não sabem destas coisas.

ALCMENA: — E Juno? Se ela souber?

ANFITRIÃO: — Já está acostumada.

ALCMENA: — Não fará nada contra ti. Mas contra mim... A Io ela transformou em novilha, como castigo...

ANFITRIÃO: — Não fará nada. Porque eu vim aqui apenas para proteger-te, e não para te seduzir.

ALCMENA: — Voltas a dizer as mesmas palavras ofensivas à minha beleza.

ANFITRIÃO: — Não, Alcmena. És a mais bela das mulheres que já vi. És mais bela do que Juno, mais bela que tôdas as que amei. Meu desejo é somente que sejas fiel a Anfitrião.

ALCMENA: — Para isto não era preciso que viesses. Eu seria fiel a ele.

ANFITRIÃO: — (*aliviado*) Ah! Se tôdas as mulheres fôsem assim...

ALCMENA: — Podes até ir embora, se quiseres.

ANFITRIÃO: — Que horas são?

ALCMENA: — Ainda falta muito para clarear o dia.

ANFITRIÃO: — Então, eu fico...

ALCMENA: — Então, queres de mim... alguma coisa mais?

ANFITRIÃO: — Não, não. Apenas o prazer da companhia. Está tão agradável aqui! E você tem uma palestra encantadora...

ALCMENA: — (*chorando*) Oh, não sou digna dos deuses...

ANFITRIÃO: — (*sobressalta-se e consola-a*) Não, não é isso, vamos...

ALCMENA: — Então, porque não me queres?

ANFITRIÃO: — (*sem saída*) É que... estou ficando velho.

ALCMENA: — Não é possível. Os deuses não envelhecem.

ANFITRIÃO: — Envelhecem, sim, minha filha. A eternidade dos deuses é uma invenção dos sacerdotes. Eles é que querem ser eternos.

ALCMENA: — Mas tu és um deus! Então não sabes fazer milagres?

ANFITRIÃO: — Aí está um milagre de que deus algum é capaz.

ALCMENA: — Mas estás no corpo de Anfitrião. Anfitrião é jovem, vigoroso, ardente. Se adquiriste tão bem a forma física dêle, evidentemente tens dêle os outros atributos.

ANFITRIÃO: — (*quase irritado*) Mas, afinal de contas, por que queres que eu seja assim, se és fiel ao teu marido?

ALCMENA: — Por vaidade feminina, e por fé. Quem acreditará que um deus dormiu em minha casa, se eu disser que nada aconteceu entre nós dois?

ANFITRIÃO: — (*num susto*) Pretendes contar que eu estive aqui em tua casa?

ALCMENA: — Não a todo o mundo, é claro. Mas algumas amigas morreriam de inveja.

ANFITRIÃO: — E não te envergonharias de transformar teu marido num marido enganado?

ALCMENA: — Enganado por um deus... Isto até poderia servir para convertê-lo...

ANFITRIÃO: — Achas que êle ficaria orgulhoso?

ALCMENA: — Então não é caso para orgulho? Ele poderia até ir para o Olimpo, quando morresse!

ANFITRIÃO: — Fazes todo empenho em salvar a alma de teu marido?

ALCMENA: — Faço.

ANFITRIÃO: — E esta é a maneira que encontraste?

ALCMENA: — No momento, é a mais rápida.

ANFITRIÃO: — (*quase para si mesmo*) É incrível!

ALCMENA: — Incrível por quê?

ANFITRIÃO: — (*caindo em si*) Eu... eu devia vir mais vezes à terra, para ver como estão essas mulheres... Qual! O mundo está perdido.

ALCMENA: — Se é um deus que o diz...

ANFITRIÃO: — O mundo está perdido porque há mulheres que, para ajudar a carreira dos maridos, são capazes de fazer certas coisas até com os deuses!

ALCMENA: — E quem disse que eu quero favorecer a carreira de meu marido? Estou me entregando a ti por fé, por dever religioso, por submissão ao sobrenatural. Não peço nada em troca. Pedirei a meu marido, isto sim, que compreenda o meu sacrifício.

ANFITRIÃO: — Alcmena, teu marido não gostaria que tu o enganasses mesmo que fôsse comigo.

ALCMENA: — Ele crê que não existes. O meu sacrifício lhe daria uma prova de tua existência.

ANFITRIÃO: — Prova? Você pensa que estas coisas deixam vestígios?

ALCMENA: — Quando digo prova, Júpiter, digo um filho.

ANFITRIÃO: — (*espantadíssimo*) Um filho... meu?

ALCMENA: — Claro! Não é assim que costumás fazer?

ANFITRIÃO: — (*encabulado*) De fato... Mas que te leva a crer que um deus possa te dar um filho?

ALCMENA: — Os precedentes do deus. A certeza de que não sou uma mulher que passe despercebida, mesmo a Júpiter. A convicção de que não vieste aqui somente para me proteger.

ANFITRIÃO: — Há de convir que tudo isto resume uma grande pretensão de tua parte. Por que não pedes um filho a teu marido?

ALCMENA: — A Anfitrião? Ora, não seria a mesma coisa...

ANFITRIÃO: — (*num espanto*) Como? Não seria mesma coisa?

ALCMENA: — Claro que não. Um filho de Anfitrião será um mortal como outro qualquer; teu filho será o filho de deus.

TESSALA: — (*irrompe novamente, seguida de Sósia*) Senhora, senhora! Mercúrio, êle, ou lá quem seja (*designa Sósia*) quer que tenhamos um filho!

SÓSIA: — Então? Não é o que os deuses fazem quando descem à terra?

ALCMENA: — Tessala, minha filha, tu és uma escrava! Não compreendes a glória que isto representa?

ANFITRIÃO: — Não queres um filho de Mercúrio, mulher?

TESSALA: — Eu...

ANFITRIÃO: — Mulher! Atende ao pedido do deus! Dá-lhe um filho! E suma-se daqui, bolas!

TESSALA: — Júpiter, não por favor... Eu te suplico. Eu amo o meu Sósia, não quero enganá-lo... (*Orgulho de Sósia.*)

ALCMENA: — Mercúrio! Tu queres um filho? Queres um filho meu?

SÓSIA: — (*no auge do espanto*) O quê?

ALCMENA: — Vem, Mercúrio (*toma-lhe a mão*). Deixemos Júpiter e Tessala conversando aqui e... (*Ligeiro movimento em direção do quarto.*)

SÓSIA: — Mas, Dona Alcmena...

ANFITRIÃO: — Mulher! Largue êsse hom... Largue êsse deus!

ALCMENA: — Se não me queres dar um filho, eu dar-te-ei um neto. Vem, Mercúrio. (*Gesto de Sósia a Anfitrião significando "O que é que eu posso fazer?"*).

ANFITRIÃO: — (*avançando para os dois e separando-os*) Tire a mão desta mulher! Leva a tua escrava para dentro! Mulher, acompanha Mercúrio!

SÓSIA: — Está bem, papai. (*a Tessala*) É melhor você acabar com êste chiquê. Vamos embora. (*toma-a pela mão e arrasta-a para fora, pela porta do interior da casa.*)

ANFITRIÃO: — E não me voltem mais aqui antes que eu os chame! (*Êles saem. Uma pausa.*)

ALCMENA: — Você é um deus engraçado: exige que Mercúrio faça justamente o que você não quer fazer.

ANFITRIÃO: — (*sentando-se, sucumbido*) Se soubesses a raiva que eu tenho de ser deus neste momento! Que horas são?

ALCMENA: — Ainda falta muito para clarear o dia.

ANFITRIÃO: — Como demora!

ALCMENA: — De manhã virão minhas amigas e podes ser surpreendido aqui.

ANFITRIÃO: — Queres que eu me retire, não é? Nas poucas horas que faltam, podes ainda receber alguém...

ALCMENA: — Júpiter! Não recomeçemos!

ANFITRIÃO: — (*para consigo mesmo*) Nunca pensei que isto me acontecesse! (*enfia o rosto entre os punhos. Alcmena adianta-se, passa a mão nos cabelos de Anfitrião, obriga-o a levantar o rosto.*) Que burrice ser deus!

ALCMENA: — Deve ser longo, sim. E aborrecido. Pobre Júpiter. (*afaga-o, Anfitrião começa a não resistir.*)

ANFITRIÃO: — Oh, Alcmena, eu daria tudo para ser Anfitrião!

ALCMENA: — Seja, tolo... Você já não é? Você não tem o mesmo rosto, os mesmos gestos de meu marido?

ANFITRIÃO: — Alcmena...

ALCMENA: — Pobre Júpiter... Vem. Eu farei com que te sintas tal-qual Anfitrião... (*obriga-o a levantar-se*) Vem.

ANFITRIÃO: — Alcmena, e teu marido?

ALCMENA: — Deixe o meu marido, coitado, (*Espanto de Anfitrião*) Deve ser fatigante à divindade, não? (*acaricia-o*) Pobre deus... está aqui, humilde, trêmulo como um pássaro prêso... Que castigo, Júpiter! Maior que o de Prometeu, êste de estar acorrentado à eternidade, e por isso ter de desprezar o momento que passa, o breve momento que os mortais têm para o amor...

ANFITRIÃO: — (*acaricia-a também, embora contrafeito*) Alcmena, eu sou Anfitrião...

ALCMENA: — Sim, Júpiter, tu és Anfitrião... (*Enlaçam-se, beijam-se. Enlaçados, encaminham-se para o quarto.*)

ANFITRIÃO: — Se soubesses, Alcmena, o quanto eu te amo...

ALCMENA: — Oh, ouvir isto de um deus... Vem, Júpiter... Como queres amar-mê? Como chuva de ouro, como foi com Dánae, como cisne, como foi com Leda...? Com um touro?... (*Abraçam-se, já quase entrando no quarto.*)

ANFITRIÃO: — (*interrompendo a frase de Alcmena, e atirando ao chão a coroa de louros que trazia à cabeça*) Como um homem, Alcmena, quero amar-te como homem. (*Entram no quarto. A cena permanece vazia e silenciosa.*)

1.<sup>a</sup> VOZ — (*fora, longe*) Sentinela do Norte, alerta!

2.<sup>a</sup> VOZ: — (*idem*) Sentinela de Tebas, alerta estou!

1.<sup>a</sup> VOZ: — (*ibidem*) Estás ouvindo alguma coisa, sentinela?

2.<sup>a</sup> VOZ: — (*ibidem*) Não ouço nada...

1.<sup>a</sup> VOZ — (*ibidem*) Dir-se-ia um ruído de beijos... um ruído de chuva... um tatarar de asas... um tropel de touro...

2.<sup>a</sup> VOZ: — (*ibidem*) Soldado! A solidão te enche de amor...

PANO

*fecha-se sôbre cena vazia.*

### TERCEIRO ATO

*A mesma ante-sala, vista pelo espectador noutra direção. Tãda a cena girou sôbre si mesma 180 graus, em relação à do segundo ato. Portanto, a porta que dá para o interior da casa, a porta do quarto de Anfitrião e a janela ficam à esquerda. Ao fundo, parede lisa. À direita, parede lisa com as duas tochas, já apagadas. No primeiro plano, em frente do espectador, vêem-se os degraus do pórtico. É como se, tirada a fachada da casa, estivéssemos vendo o seu interior através do pórtico e dos espaços vazios. Estão em cena ALCMENA e TESSALA.*

TESSALA: — Eu te juro, Alcmena, que eram êles.

ALCMENA: — *(muito aflita, enquanto tricota um sapatinho de criança.)* Não pode ser, não pode ser!

TESSALA: — Não o notaste? Por um minuto sequer?

ALCMENA: — Não fales... nisto. Não notei. Não podia notar. Que te leva a crer que fôssem êles?

TESSALA: — Depois que tu e Anfitrião me expulsastes daqui com Sósia...

ALCMENA: — *(interrompendo)* Depois que eu e Júpiter te expulsamos daqui com Mercúrio.

TESSALA: — Vá lá. Fomos para dentro. Êle voltou a insistir que era Mercúrio. Primeiro, deu-me ordens, depois suplicou. Eu continuei a dizer que de maneira alguma me entregaria a um deus, por mais deus que êle fôsse. Então, êle me confessou que era Sósia; que o patrão decidira voltar, para ver o que estavas fazendo. E êle também, por minha causa.

ALCMENA: — E então, você cedeu...

TESSALA: — Não cedi, não. Preferi não ceder, para castigar o ciúme dele.

ALCMENA: — Que ciúme? Não vêes que, se Anfitrião tivesse decidido voltar do campo de batalha, não traria Sósia como testemunha? E que motivos teria Sósia para ter ciúme de você?

TESSALA: — Ah, senhora, esta é outra história, que já agora eu posso revelar. Creonte tinha pedido que eu passasse a noite no palácio. E Sósia sabia disto.

ALCMENA: — O rei? Então o rei iria fazer convites a uma escrava?

TESSALA: — Por mais incrível que pareça, é verdade.

ALCMENA: — Creonte tentou seduzir-me a mim, e não a você.

TESSALA: — Por muito que isto fira a tua vaidade, lamento contradizer-te. É a mim que Creonte deseja.

ALCMENA: — Isto não fere a minha vaidade. Se és cobiçada por um rei eu fui amada por um deus.

TESSALA: — Não foi, senhora, juro-te que não foi. Era Anfitrião. Quando eu me recusei a Sósia — ou a Mercúrio, como quiseres — êle sentou-se a um canto, disse que não sairia desta casa até que amanhecesse, para ter a certeza de que eu não iria ao encontro de Creonte. Eu assegurei que tal não aconteceria porque lhe sou fiel — e porque prometera a Anfitrião ficar de guarda a fim de que ninguém viesse aqui de noite para dar cumprimento à profecia de Tirésias.

ALCMENA: — E, para me guardares, me deixaste com Júpiter no quarto...

TESSALA: — Deixei porque não era Júpiter; era teu marido...

ALCMENA: — Tessala, peço-te que não insistas. Já imaginaste o ridículo em que fico perante Anfitrião, se tiver sido êle?

TESSALA: — Realmente, é o cúmulo do ridículo teres dormido com teu marido.

ALCMENA: — (*quase chorando*) Era Júpiter, Tessala, era Júpiter...

TESSALA: — Depois, quando a aurora abriu no horizonte os seus dedos vermelhos, Sósia deu um salto, assustado.

ALCMENA: — Diga Mercúrio.

TESSALA: — Vá lá. Ele deu um salto, assustado, e exclamou: “A batalha!” E saiu correndo para esta sala. Chegou à porta do teu quarto, e várias vezes chamou Anfitrião. Por que não chamou Júpiter, ou papai?

ALCMENA: — Porque estava interessado em convencer-te de que era Sósia já que como Mercúrio não arranjara nada.

TESSALA: — Já era tarde demais. Teu marido...

ALCMENA: — (*corrigindo*) Júpiter.

TESSALA: — Vá lá. Júpiter, saiu do teu quarto, e os dois correram pela rua fora.

ALCMENA: — (*quase num sonho*) — Levantou-se, gritou “Adeus!” e, antes que eu tivesse colhido um último beijo, já havia partido... Tessala, eu sou a mais feliz das mulheres! (*Entra Sósia, correndo, exausto*).

SÓSIA: — Vitória! Vitória! Louvados sejam os deuses.

ALCMENA E TESSALA: — (*correndo para Sósia*) Anfitrião venceu? Tebas está livre?

SÓSIA: — Livre! A várzea está cheia de cadáveres e de prisioneiros! aos gritos dos nossos soldados, que celebram a glória de Anfitrião, se junta a lamentação dos feridos! A população de Tebas corre para celebrar a glória do nosso general, e para recolher o saque! (*para Tessala*) Vai ver o que eu trouxe, mulher: punhais lavrados, cinturões de ouro... moedas...

ALCMENA: — Louvado seja Júpiter! Tessala, prepara um carneiro, o mais branco, o mais gordo, para o sacrifício! (*a Sósia*) Onde está o teu senhor?

SÓSIA: — Dirigiu-se para o palácio. Foi levar a notícia a Creonte.

ALCMENA: — Prepara as ânforas, Tessala. E um banho para Anfitrião. (*súbito, encarando Sósia.*) Escuta, Sósia: onde estiveste esta noite?

SÓSIA: — Eu? No campo de batalha, Alcmena. Onde poderia eu estar, senão ao lado de Anfitrião? (*Sinal de Alcmena a Tessala, como quem diz: "Eu não disse?"*)

TESSALA: — Não estiveste aqui, fantasiado de Mercúrio?

SÓSIA: — (*espanto simulado*) Eu...?

TESSALA: — Está faltando um pombo na gaiola. Quem o tirou de lá?

SÓSIA: — Sei lá! Achas que dei para furtar pombos?

TESSALA: — Não seriam as asas dêle que usaste nos pés esta noite?

SÓSIA: — (*ingênuo*) Não estou entendendo nada!

TESSALA: — Sósia, tu estiveste aqui esta noite!

SÓSIA: — Eu, não. (*súbita indignação e desconfiança*) Quem estêve aqui esta noite, mulher?

ALCMENA: — (*aflita*) Ninguém, Sósia. Tessala teve um pesadelo.

SÓSIA: — Tens certeza?

ALCMENA: — Podes estar certo de que Júpiter protegeu esta casa. Preparem o sacrifício. Quero esperar Anfitrião com tôdas as honras que merece. (*Retiram-se Tessala e Sósia. Alcmena ajeita os cabelos, a túnica e vem encostar-se à frente da cena, como a indicar que Anfitrião entrará pela porta principal. Anfitrião aparece pela porta dos fundos. Vem sucumbido e cabisbaixo.*)

ALCMENA: — (*vendo-o*) Anfitrião! (*corre para êle*) Eu esperava que viesses em triunfo! Que aconteceu?

ANFITRIÃO: — Nada. Vencemos.

ALCMENA: — E por isso vens assim abatido? E entras pela porta dos fundos, como um criminoso? Estás cansado?

ANFITRIÃO: — Sim... estou cansado. A guerra me acabrunha.

ALCMENA: — Vamos, hoje é um dia de glória! Mandei preparar-te um banho. E depois faremos os sacrifícios.

ANFITRIÃO: — Sacrifícios coisa nenhuma! (*explodindo*) De uma vez por tôdas, bolas! Vamos acabar com os sacrifícios nesta casa!

ALCMENA: — Por favor, não, Anfitrião! Não blasfemes, logo hoje. Temos que agradecer aos deuses a tua vitória.

ANFITRIÃO: — Agradecer coisa nenhuma.

ALCMENA: — Mas que tens, afinal, homem? (*tenta afagá-lo*).

ANFITRIÃO: — (*esquivando-se*) Nada... A guerra. A guerra é sórdida.

ALCMENA: — Mas foi a guerra que te deu a glória.

ANFITRIÃO: — A glória é sórdida.

ALCMENA: — Por que voltas assim?

ANFITRIÃO: — Porque... Porque... Se tivesses visto, Alcmena... Não existe glória, não existe nada... No fim da batalha, avancei até onde me pareceu ser a tenda do rei Teleboano. Abri o pano com a espada e entrei. Ele estava diante do altar, e erguia uma taça cheia de sangue, gemendo uma prece, invocando Júpiter, Marte e Minerva. Quando me viu, a taça rolou das mãos. Com os olhos abertos, perguntou: "Tu és Anfitrião?" Depois falou: "Perdi a batalha, herói. Poupe-me. Serei teu escravo, minha mulher será tua escrava, meus filhos serão teus escravos. Mas poupe-me a vida! É à tua generosidade de vencedor que eu suplico." Ainda era possível dar-lhe fuga, mandá-lo embora, mostrar a loucura que cometera ao cercar uma cidade como Tebas com um bando de maltrapilhos. Quis dar-lhe fuga, eu te juro que quis dar-lhe fuga. Mandei que ele se levantasse. O pobre velho tremia, e me olhava com uns olhos onde havia carinho e gratidão. Eu perguntei: "De que serve a vida sem glória, Ptérelas? De que te serve a vida como escravo?" Ele me tomou as duas mãos, e me disse: "É que eu amo, Anfitrião, eu amo... Eu amo minha mulher, eu amo meus filhos, e isto

me faz agarrar-me desesperadamente à vida . . .” Eu me lembrei de ti, a quem também amo . . . E, lembrando-me de ti, lembrei-me de Creonte, e do juramento que lhe fiz. Então ergui a espada. Ptérelas ainda perguntou: “Vais fazer isto, herói?” E a sua bôca ainda se movia quando lhe cortei a cabeça. Seus olhos ficaram me olhando, como se estivesse por trás duma máscara trágica. Espetei a cabeça na lança e voltei para Tebas. Ao passar, os soldados davam-me vivas. Dirigi-me para a praça do palácio, onde o povo se aglomerou. Creonte veio ao pórtico. Enfiei a lança no chão., de modo que os olhos de Ptérelas ficassem fixando os olhos de Creonte. Sem dizer uma palavra, corri para cá. O povo aí vem, e, à frente dêle, Demagogós, para saudar-me. (*Um grande silêncio. A cabeça de Anfitrião está pendida sôbre o peito, êle a ergue, encara Alcmena, e grita-lhe, desesperado.*) Alcmena, tu me és fiel? Alcmena! Fala!

ALCMENA: — (*corre para êle, tenta abraçá-lo, êle se afasta*)  
Que tens, Anfitrião?

ANFITRIÃO: — Tu me traíste, Alcmena, tu me traíste!

ALCMENA: — Anfitrião!

ANFITRIÃO: — Eu sei que me traíste! Eu sei que esta noite . . . Dize, dize: Não estêve alguém aqui esta noite? Não se cumpriu a profecia?

ALCMENA: — Por que julgas que alguém estêve aqui esta noite?

ANFITRIÃO: — Porque . . . Porque . . . as sentinelas viram luzes no teu quarto.

ALCMENA: — Era eu, que rezava.

ANFITRIÃO: — Rezavas?

ALCMENA: — Pedia a Júpiter a tua vitória.

ANFITRIÃO: — A Júpiter?

ALCMENA: — Por favor, Anfitrião . . .

ANFITRIÃO: — (*tomando-lhe os pulsos*) Quem estêve aqui, mulher?

ALCMENA: — Júpiter, Anfitrião, éle próprio... Veio proteger-me... Tinha a tua forma, a tua voz, os teus gestos...

ANFITRIÃO: — Então Júpiter esteve aqui? Não vês a tolice que dizes? Júpiter coisa nenhuma! Eu estive aqui, eu! E tu acreditaste que era Júpiter, acreditaste que era um outro, e te deixaste acariciar, e eu te levei... Oh... (*desaba sobre o "clismo" e chora.*)

ALCMENA: — Não, não eras tu... Tu estavas na guerra...

ANFITRIÃO: — Não era eu, era um outro... Júpiter que seja... E tu recebeste êste outro...

ALCMENA: — O deus dignou-se a vir à casa de Alcmena.

ANFITRIÃO: — E pronto! Bastou para que Alcmena enganasse o marido... Como sabes que não era eu? Que diferença havia?

ALCMENA: — Nenhuma, Anfitrião.

ANFITRIÃO: — Mentas! Era eu! Eu mesmo! Eu, Anfitrião! Eu te disse que era eu... E não acreditaste... E me levaste para o quarto... Teus olhos brilhavam mais do que quando comigo... Tuas mãos estavam mais macias... Nunca o teu perfume foi tão cruel... E teu colo, como arfava o teu colo... E tuas palavras tinham um sabor de prece, um sabor que não era para os meus ouvidos... E teu ventre tremia, como a anca de um potro árabe... E teu beijo, o teu melhor beijo, não era para mim, era para êsse teu deus lascivo, cujo corpo adoraste mais do que o meu carinho, mais do que todos os meus carinhos!

ALCMENA: — Era o teu corpo, Anfitrião. Tal como o teu corpo, escondeu-se nos meus braços como se não fôsse um deus, mas tu mesmo...

ANFITRIÃO: — E por que o amaste, por quê?

ALCMENA: — Se eras tu, eu não te traía.

ANFITRIÃO: — Traíste-me, sim, embora fôsse eu. Fôste melhor do que para mim, fôste como nunca fôste...

ALCMENA: — E tu, também? Acaso não fôste melhor? Onde aprendeste, senão fora de casa, em Corinto, em Lesbos, a amar como não me amas?

ANFITRIÃO: — Não procures atacar-me para te defenderes. Conheço a manobra. Sou um estrategista.

ALCMENA: — Um estrategista que abandona a batalha. Se admites a minha traição, tens que admitir a tua: quando me amaste como Júpiter, não amaste a tua mulher, e sim a mulher de Anfitrião. Como ousaste seduzi-la? Como ousaste simular uma divindade que não tens, para amar uma mulher que não te pertencia?

ANFITRIÃO: — Tu me acusas? Eu é que sou culpado? Eu é que te enganei? Tu me enganaste enquanto eu estava defendendo a pátria!

ALCMENA: — Defendendo a pátria? Deixaste os soldados lutando sem chefe, para vires fazer uma mascarada!

ANFITRIÃO: — No entanto, disseste que nada te orgulharia mais do que a minha deserção por amor.

ALCMENA: — Hoje o povo todo te saúda nas ruas, e não sabe que o deixaste à mercê do inimigo, enquanto vinhas gozar uma noite de amor!

ANFITRIÃO: — E não sabe que a mulher do seu general recebe estranhos em casa, enquanto êle luta. Que vergonha, Alcmena!

ALCMENA: — Que vergonha, Anfitrião! Mil vêzes Sósia, que evitou a mascarada e disse a Tessala: “Eu sou Sósia”.

ANFITRIÃO: — Mil vêzes Tessala que apesar de escrava, recusou-se a Mercúrio.

ALCMENA: — Tessala, que tu puseste a fiscalizar tua espôsa. . .

ANFITRIÃO: — Eu também te disse que não era Júpiter; eu te disse que era Anfitrião.

ALCMENA: — E quando disseste, eu abri a porta da rua e mostrei que o teu lugar não era aqui.

ANFITRIÃO: — E acaso o lugar de Júpiter era aqui?! Acaso devias recusar teu corpo a teu marido e entregá-lo ao primeiro que aparecesse e dissesse: “Eu não sou eu; sou o teu deus”.

ALCMENA: — Dizes isto porque não tens fé. A minha fé, a intenção do meu sacrifício é que te deu a vitória no combate. Júpiter te protegia por minha causa; e, enquanto deixaste as tropas ao abandono, êle certamente inspirou-as, levando-as à vitória.

ANFITRIÃO: — Acabarás dizendo que, enquanto eu estava aqui, o teu Júpiter, mascarado de Anfitrião, comandava os meus soldados...

ALCMENA: — E por que não? Se êle não estivesse ao lado do teu exército, haveria de ter atendido as preces do pobre rei Ptérelas, que tu mataste inútil e injustamente.

ANFITRIÃO: — Injustamente! Era um rei inimigo. Um vencido.

ALCMENA: — Não. Tu o mataste por ciúme. Por ciúme de Creonte. Para trazer a cabeça de um velho espetada na ponta de uma lança e mostrá-la ao nosso rei, como um aviso, como quem diz: "Veja de que eu sou capaz"! E no entanto mataste um velho... Mataste alguém que implorava a tua misericórdia... Mataste um indefeso, tu, um atleta, tu, um forte... Tudo porque, escondida atrás de tua grandeza, dos teus músculos, da tua coragem, está uma alma incerta e temerosa... uma alma que se nega a crer nos deuses que nos governam, mas receia ser verdade a profecia de um cego numa praça pública. Não é verdade? Quando soubeste do oráculo temeste pela minha honra, embora digas que não crês em feitiçarias. Tu, que não acreditas nos deuses, passaste a não acreditar em mim, na minha virtude, e aceitaste como certo o primeiro rumor de que alguém entraria na casa do general de Tebas e lhe violaria a espôsa!

ANFITRIÃO: — E no entanto êsse alguém veio, e te possuiu. O oráculo cumpriu-se.

ALCMENA: — Então por que não crês nos deuses que o inspiraram? Por que afirmas que não existe o sobrenatural, se temes que um gato preto cruze na tua frente? Tu foste torpe, Anfitrião, violaste o mais sagrado da minha fé, aquilo que o mais lascivo dos homens jamais poderia fazer! Tu insultaste a minha dignidade de espôsa e amesquinhaste a minha crença. (*Anfitrião está acabrunhadíssimo.*)

ANFITRIÃO: — (*súplice, cheio de convicção*) Alcmena, escuta... escuta... vou confessar-te... para que não julgues que sou tão mau... Sou apenas ciumento, ciumento de todos, inclusive dos deuses que adoras... Ouve, Alcmena... Vou dizer-te uma coisa, que é um sacrifício para a minha honra de marido: eu não estive aqui ontem a noite. Não estive. Foi Júpiter quem esteve. Primeiro, a profecia me deixou abalado. Depois, quando ouvi uns soldados dizerem que tinham visto luzes e ouvido vozes em nossa casa, tive a certeza de que alguém viera aqui. Tive medo, Alcmena... tive medo de que fôsse algum dos da retaguarda... tive medo de que fôsse Creonte.

ALCMENA: — Creonte cobiça Tessala.

ANFITRIÃO: — Como? Cobiça Tessala, e não a você?

ALCMENA: — Não te alegras?

ANFITRIÃO: — É um insulto! Cobiçar uma escrava, e não a você?! É de amargar... Pois eu tive medo que êle me tivesse nomeado general só para afastar-me de casa... Por isso agora, quando voltei, vim acabrunhado... precisava saber quem tinha estado aqui... Queria que me dissesse... Quando me confessaste que Júpiter esteve aqui, senti um enorme alívio... Um alívio que eu não podia demonstrar... Eu tinha que mostrar que estava ofendido, embora fôsse Júpiter... Tinha de dar a entender que és minha e de ninguém mais... Eu não poderia nunca, depois de tua confissão, replicar: "Ah, felizmente foi Júpiter. Ainda bem... Trataste-o bem? E como vai a família dêle, como vão as musas, e dona Juno, tão boa senhora..." (*ri procurando provocar o riso de Alcmena*) Estás percebendo? Não me ficava bem... Fôsse um homem ou fôsse Júpiter, eu tinha que mostrar a indignação que compete a um marido... Ah, ah, ah! Felizmente foi Júpiter, minha boa Alcmena... Então achas que teu marido deixaria a batalha para vir te espiar? Não é verdade, Alcmena? Que tolice, não achas?

ALCMENA: — (*olha-o, entre surpresa e comiserada, séria*) Falaste muito, Anfitrião, falaste demais. E se eu te disser que desde o primeiro momento, desde que esbarrei com Júpiter nesta sala, eu vi que eras tu? Se eu te disser que me prestei a

acompanhar-te até o fim da farsa? Se eu te disser que não sabes fazer o papel de Júpiter, e só consegues fazer o de marido que suspeita? Se eu te disser que sabia, e te deixei na humilhação de um grotesco, porque me lisonjeava o teu pavor e me divertia ver-te simulando um deus em quem não crês? Eu sabia que eras tu, tolo. Eu sabia, general covarde.

ANFITRIÃO: — Não, Alcmena! Não era eu! Era Júpiter!

ALCMENA: — Como, se não crês que êle exista?

ANFITRIÃO: — Não creio? Como não creio? Pois se êle não me inspirou no comando do exército? Não me deu a vitória? Não me deu a glória com que tanto sonhava? Não me deu todos os motivos para que tu te orgulhes de mim? Enquanto eu comandava os Tebanos, sentia que uma fôrça sobrenatural me inspirava, me emprestava uma lucidez, uma. . .

ALCMENA: — Então crês nos deuses?

ANFITRIÃO: — Creio. Do fundo da minha alma. . .

ALCMENA: — Como tu és sórdido! Estás convertido?

ANFITRIÃO: — (*humilde*) Estou convertido.

ALCMENA: — Podes ir embora. Queres tua mulher, queres a glória e por isso fazes uma transação abjeta. Admites que eu seja capaz de me entregar a outrem, a um deus, que seja, contanto que isto te dê oportunidade de passar por bravo à frente do exército, e contanto que isto não te furte dos prazeres com tua mulher.

ANFITRIÃO: — (*num desespero*) Eu te amo, Alcmena!

ALCMENA: — (*Irônica*) Como amas os deuses?

ANFITRIÃO: — Podes dizer tudo, menos que eu não te amo.

ALCMENA: — Tens que escolher entres seres um covarde ou um marido enganado.

SÓSIA: — (*entrando à F., esbaforido*) Senhor, Senhor! A cidade inteira vem para cá. . .

ANFITRIÃO: — Vês, Alcmena, é a glória. . .

TESSALA: — (*entrando esbaforida*) As mulheres de Tebas vêm tôdas para cá...

ANFITRIÃO: — A glória, Alcmena!

TESSALA: — Não, não, é a vergonha!

SÓSIA: — É a vergonha!

TESSALA: — A cidade inteira diz que a profecia cumpriu-se... Dizem que um homem estêve nesta casa, no teu quarto, enquanto Anfitrião combatia... A cidade está orgulhosa de seu general e traz ramos de louro para a sua frente... Mas todos os homens, as mulheres, os velhos e as crianças, todos estão enfurecidos contra Alcmena. Dizem que ela te traiu enquanto libertavas Tebas...

SÓSIA: — É o opróbrio, é a vergonha! Muitas apanharam pedras no caminho, para atirar à adúltera! Os próprios prisioneiros, que reconhecem a bravura de Anfitrião, acham que mereces a morte, porque degradaste o vencedor do rei Ptérelas!

TESSALA: — Que fazer, Alcmena, que fazer? (*Ouvem-se as vozes da multidão que se aproxima. Para melhor efeito, como presumivelmente a multidão se postará diante do pórtico, portanto na platéia, será aconselhável instalar alto-falantes no próprio recinto da platéia. O ruído da turba cresce cada vez mais.*)

UMA VOZ: — Que morra Alcmena!

OUTRA VOZ: — Que morra a adúltera!

OUTRA VOZ: — Glória a Anfitrião, e morte para Alcmena!

OUTRA VOZ: — As pedras! As pedras! (*Algumas pedras entram pela janela D., atiradas de fora. Sósia e Tessala, abraçam-se. Alcmena anda, nervosamente, de um lado para outro. Anfitrião tem os olhos fora das órbitas. O ruído cresce cada vez mais. As vozes continuam: "Abaixo Alcmena! Que morra a adúltera! Que seja expulsa de Tebas! Anfitrião, entrega-nos a tua mulher!"*)

ALCMENA: — (*corre para Anfitrião*) Que devo fazer, Anfitrião? Que devo fazer?

ANFITRIÃO: — Não sei... não sei... Vou dizer-lhe que fui eu que estive aqui...

ALCMENA: — E serás repellido pelos que te exaltam a bravura? É muito sacrifício... Obrigada. Eu enfrento sòzinha a canalha! (*adianta-se para o pòrtico, em frente.*)

ANFITRIÃO: — Não abras a porta, Alcmena! Não sabes o que é multidão em hora de luta!

ALCMENA: — E tu? Será que sabes? (*Sobe a pequena escada do pòrtico, e faz um gesto como quem abre, puxando de encontro a si, os dois batentes da porta. Neste momento, os urros da multidão crescem assustadoramente. "Adúltera! Adúltera! Morra a adúltera!"*.)

ALCMENA: — (*tentando dominar a multidão*) Tebanos!

UMA VOZ: — Quem dormiu contigo, Alcmena?

OUTRA VOZ: — Quem degradou o leito de Anfitrião?

ALCMENA: — Tebanos! Ouve-me, antes de condenar-me! Vejo que aqui estão todos os cidadãos de Tebas, os mais pobres, os mais ricos, os que foram ao campo de batalha e os que ficaram na retaguarda... Indagai, de casa em casa, em tôda a parte, que homem estêve ausente no lar, e que homem estêve ausente da batalha... Este será o que dormiu com a mulher de Anfitrião!

UMA VOZ: — Diga quem é, Alcmena!

OUTRA VOZ: — Também o castigaremos!

OUTRA VOZ: — Vergonha de Tebas!

ALCMENA: — Ouve-me por favor... Ouve-me pelos deuses...

UMA VOZ: — Ainda falas nos deuses, sacrílega!

ALCMENA: — Se eu pudesse dizer quem foi... Se eu pudesse dizer quem foi, então ainda estaríeis mais envergonhados...

UMA VOZ: — Então, confessas?

ALCMENA: — Confesso. Estêve um homem aqui. Fazei de mim o que quiserdes. O nome dêle eu nunca direi. (*Vozes ensurdecedoras. Entre elas ouve-se: "Agarremo-la! Segurem-na! Prostituta!"*.)

TESSALA: — Anfitrião, salva-a! Dize que foste tu...

ANFITRIÃO: — (*A Tessala e Sósia*) Só libertarei vocês, se me prometerem nunca falar nesta história. (*Assentimento dos dois. Anfitrião levanta-se, abatido, e se encaminha para o pórtico. Ao aparecer, os urros da multidão transformam-se em aclamação: "Anfitrião! Anfitrião! Glória de Tebas"! Anfitrião ergue a mão, como quem vai falar*).

UMA VOZ: — Enxota a adúltera, Anfitrião! Esta prostituta não é digna do teu nome!

ANFITRIÃO: — Tebanos! Deixai que vos confesse, embora isto seja um segredo que nunca devia ser revelado...

ALCMENA: — Não o digas, Anfitrião...

ANFITRIÃO: — É um segredo que deveria ir comigo para o túmulo... Mas se assim o exigis... Eu sei que alguém passou a noite nesta casa... A profecia cumpriu-se... (*Exclamações: "Oh!"*) Eu sei... Mas podeis procurar em toda a cidade de Tebas, que este homem não aparecerá... Porque ele é...

ALCMENA: — (*numa horrível angústia*) Não digas, pelo nosso amor...

ANFITRIÃO: — Enquanto eu defendia Tebas, enquanto eu defendia os vossos lares, os vossos filhos, as vossas mulheres, alguém esteve aqui... e foi um milagre... foi Júpiter, Nosso Senhor! (*exclamações "Ah!"*)

DEMAGOGÓS: — Anfitrião então tú és...?

ANFITRIÃO: — (*interrompendo-o*) Bolas, Demagogós. Sou o que tu pensas! Sou corno. Mas sou o herói desta cidade! (*Vozes "Bravo!"*)

ANFITRIÃO: — Nunca, nunca vos deveria ter dito isto... Eu teria preferido inventar que fui eu próprio, que fugi do campo de batalha para vir amar minha mulher... Mas isto traria a vergonha para o vosso exército e para a nossa vitória... Por isso ousei dizer-vos o que aconteceu, sem corar de vergonha, porque foi um deus que honrou esta humilde morada, e trouxe a glória do seu afeto à minha Alcmena... Podeis dizer que

eu, o vosso general, sou um marido enganado... Podeis sorrir quando eu passe, mas eu passarei impávido no meu orgulho de homem, de cidadão, e de mortal... Quantos, quantos de vós não daríeis um pedaço da vida, a glória, a fortuna, em troca de poderdes dizer que os amantes de vossas espôsas são deuses, e não pobres homens como nós... Glória a Tebas, cujos filhos receberam o beijo de Minerva no campo da luta, e cujas mulheres receberam o beijo de Júpiter no leito de amor! Glória a Alcmena, a mais pura das mulheres de Tebas! Glória a Júpiter, tebanos, que acrescenta glória à nossa glória! *(a toda a platéia)*  
"NUNC, SPECTATORES, JOVIS SUMMI CAUSA CLARE PLAUDITE!"

*(Aclamações ensurdecedoras. Anfitrião e Alcmena se abraçam, agradecendo a manifestação. Sóia e Tessala cerram o...)*

PANO